



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades  
Faculdade de Formação de Professores

Cristiane da Silva Portugal

**Gustavo Barroso, a imprensa integralista e o antissemitismo (1933-1937)**

São Gonçalo

2023

Cristiane da Silva Portugal

**Gustavo Barroso, a imprensa integralista e o antissemitismo (1933-1937)**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Social do Território.

Orientadora Prof<sup>ª</sup> Dra. Maria Letícia Corrêa

São Gonçalo

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEHD

P953 Portugal, Cristiane da Silva.  
TESE Gustavo Barroso, a imprensa integralista e o antissemitismo (1933-1937) /  
Cristiane da Silva Portugal. – 2023.  
137f.: il.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Letícia Corrêa.  
Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado do  
Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Barroso, Gustavo, 1888-1959. 2. Antissemitismo – Teses.  
3. Integralismo – Teses. 4. Imprensa e política – Tese. I. Corrêa, Maria Letícia.  
II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de  
Professores. III. Título.

CRB/7 - 4994 CDU 323.12

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta  
dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Cristiane da Silva Portugal

**Gustavo Barroso, a imprensa integralista e o antisemitismo (1933-1937)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Social do Território.

Aprovada em 07 de fevereiro de 2023.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Letícia Corrêa (Orientadora)  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Tatiana Silva Poggi de Figueiredo  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Carolina Huguenin Pereira  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

São Gonçalo  
2023

## **DEDICATÓRIA**

Dedico a dissertação a todas as minorias vítimas de preconceitos e ódios. Espero que um dia possamos construir um mundo livre de discriminações, onde todos possam viver com liberdade, respeito e dignidade.

## **AGRADECIMENTOS**

No primeiro ano de pesquisa enfrentei a pandemia da COVID-19. Como muitos, adoeci, mas sobrevivi, firme diante do caos mundial que devastou famílias brasileiras. Foi nesse contexto que escrevi a dissertação. Certamente, esses obstáculos foram maiores devido ao ódio político a que estávamos submetidos. Então, diante destes percalços, agradeço a Deus pela força, saúde e determinação durante o processo de elaboração dessa pesquisa.

Agradeço à família pelo apoio durante as etapas de elaboração da pesquisa, em razão do tempo de que necessitamos para a execução da escrita. Também agradeço aos amigos que me incentivaram com palavras de apoio nesses anos. Especialmente, agradeço à Professora Maria Letícia Corrêa, pois sem a sua orientação as dificuldades teriam sido muito maiores. Sobretudo, e destaco o compromisso e a atenção a cada detalhe da escrita e as indicações de leituras. Agradeço à banca do exame de qualificação que avaliou meu trabalho, composta das Professoras Tatiana Poggi e Ana Carolina Huguenin, pois sem sua análise e avaliação não seria possível a conclusão deste mestrado. Enfim, reafirmo o meu agradecimento a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta pesquisa.

## RESUMO

PORTUGAL, Cristiane da Silva. *Gustavo Barroso, a imprensa integralista e o antissemitismo (1933-1937)*. 2023. 137 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

O objetivo da dissertação é analisar o antissemitismo de Gustavo Barroso após a sua filiação ao integralismo (1933-1937). Especialmente, debatemos o livro *Judaísmo, Comunismo e Maçonaria*, publicado em 1937, e tratamos de investigar as práticas políticas do escritor e ideólogo do movimento e de editores e redatores do jornal *A Offensiva*, bem como as redes de sociabilidades que integravam. Desse modo, visamos identificar a construção de representações acerca dos judeus na produção impressa do integralismo.

Palavra-chave: Gustavo Barroso. Antissemitismo. Integralismo. Imprensa.

## ABSTRACT

PORTUGAL, Cristiane da Silva. Gustavo Barroso, the integralist press and the anti-Semitism (1933-1937). 2023. 137 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

The aim of the dissertation is to analyze *Gustavo Barroso's Anti-Semitism after his affiliation with Integralism (1933-1937)*. In particular, we discuss the book *Judaísmo, Comunismo e Maçonaria*, published in 1937, and we analyze the political practices of the writer and ideologist of the integralist movement and of editors of the newspaper *A Offensiva*, as well as the networks of sociability they integrated. Thus, we aim to identify representations about Jews in integralist press.

Keywords: Gustavo Barroso. Anti-Semitism. Integralism. Press.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	O presidente Vargas [coluna Zig Zag] .....	33
Figura 2 –	O braço direito das ditaduras .....	33
Quadro 1 –	Autores ligados a <i>Hierarchia</i> , <i>Sep</i> e a <i>Offensiva</i> (1931-1937) .....	39
Quadro 2 –	Livros de autores integralistas e edições de <i>Panorama</i> , até 1936 .....	58
Figura 3 –	Brindes. Aos novos assinantes da Revista “Anauê” [anúncio]. .....	68
Figura 4 –	Judaísmo, Maçonaria e Comunismo [Folha de rosto e sumário] .....	94

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIB	Ação Integralista Brasileira
ANL	Aliança Nacional Libertadora
APERJ	Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro
CNI	Conselho Nacional de Imprensa
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
LEC	Liga Eleitoral Católica
PCB	Partido Comunista do Brasil
PRP	Partido de Representação Popular
PRP	Partido Republicano Paulista
SEP	Sociedade de Estudos Políticos
SNI	Secretaria Nacional de Imprensa (integralista)

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
1	<b>O COMEÇO DE TUDO: INTEGRALISMO ENTRE AMIGOS E CONHECIDOS</b> .....	15
1.1	<b>Redes de sociabilidades: da fase modernista à pré-integralista a partir da trajetória pública de Plínio Salgado</b> .....	17
1.2	<b>Madeira de Freitas: de médico satírico a redator de <i>A Offensiva</i></b> .....	29
1.2.1	<u>Das sociabilidades de Plínio Salgado: redatores e colaboradores em <i>A Offensiva</i></u> .....	38
1.3	<b>Gustavo Barroso: radicalização e prática política</b> .....	42
2	<b>A CIRCULAÇÃO DO ANTISSEMITISMO NA DINÂMICA DA EXPANSÃO INTEGRALISTA</b> .....	55
2.1	<b>Convergências e divergências entre os antissemitismos de Plínio Salgado e Gustavo Barroso</b> .....	65
2.2	<b>O judeu em questão: das notas em <i>A Offensiva</i> à campanha internacional</b> .....	78
2.3	<b>O mito dos <i>Protocolos dos Sábios do Sião</i> e sua apropriação por Gustavo Barroso</b> .....	84
3	<b>JUDAÍSMO, MAÇONARIA E COMUNISMO</b> .....	91
3.1	<b>A “dominação judaica” internacional: os temas centrais do livro</b> .....	94
3.2	<b>Apropriações a partir de citações</b> .....	102
3.3	<b>Imigração judaica e antissemitismo: aproximações com o nazifascismo</b> .	110
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	121
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	124

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está relacionada à temática que trabalhei na monografia de graduação, sobre *Nazismo e estética racial em O Eterno Judeu*, desenvolvida sob a orientação da Professora Doutora Ana Carolina Huguenin no curso de História da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Naquele trabalho, analisamos o estereótipo negativo do judeu no cinema da Alemanha nazista. Durante a pesquisa sobre o Terceiro *Reich* surgiu maior interesse em estudar a circulação do antissemitismo no Brasil. Outras leituras sobre nazifascismo e antissemitismo me levaram a Gustavo Barroso, conheci seus livros e me intriguei com sua trajetória. O interesse pela figura do intelectual conservador e antissemita radical me conduziu à pesquisa bibliográfica. O livro *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo* despertou-me atenção devido à proximidade com as publicações antissemitas difundidas na Alemanha nas décadas de 1920 e 1930.

Esta dissertação de mestrado investiga a relação entre a conjuntura política nazifascista e as apropriações do antissemitismo pelo autor e sua atuação no movimento integralista. A pesquisa reflete sobre a disseminação do ódio aos judeus nos impressos integralistas nos anos de 1930 e analisa textos do período em questão, com especial atenção ao livro *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*, publicado por Gustavo Barroso em 1937. O livro é analisado na perspectiva da história do livro e da leitura, proposta por Roger Chartier,<sup>1</sup> juntamente com o levantamento, a seleção e a análise de conteúdo de notícias e artigos do jornal *A Offensiva* e das práticas políticas no integralismo. Segundo Roger Chartier, essa proposta metodológica envolve o estudo crítico dos textos, a história do livro e a análise das práticas de apropriação.<sup>2</sup> Na concepção do historiador francês, o texto, depois de apropriado, serve a uma finalidade “própria”, sendo assim pode favorecer a diferentes grupos, instituições, categorias e classes e servir a usos políticos.

A partir dessa proposição de Roger Chartier, refletimos sobre a produção, a circulação e a apropriação do livro de Barroso e dos textos do jornal selecionado, de forma a delimitar suas leituras, tendo em conta que estas acontecem através das práticas sociais, políticas e culturais. Neste caso, devemos considerar as diferenças entre as construções textuais de Gustavo Barroso e as dos redatores do jornal, com o intuito de perceber seus distintos

---

<sup>1</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2ª ed. São Paulo: Difel, 2002; CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, v. 11, n. 5, p. 173-191, 1991; CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

<sup>2</sup> CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, v. 11, n. 5, 1991, p. 178.

enunciados. Com este entendimento, refletimos sobre aspectos que envolvem a trajetória do escritor nos cargos ocupados em sua vida pública e, principalmente, sobre as apropriações que aparecem no discurso moral e sobre as crenças em que estava inserido.<sup>20</sup> A formação de uma rede de sociabilidade é analisada a partir do conceito empregado por Jean-François Sirinelli,<sup>3</sup> com a finalidade de compreender como se desdobraram as alianças entre intelectuais conservadores nos espaços da imprensa brasileira, nas fases modernista e pré integralista.

A pesquisa prioriza a análise do antissemitismo no integralismo, nas disputas políticas contra o liberalismo e o comunismo e na dinâmica da expansão do movimento político no contexto mais amplo da ascensão fascista. Neste caso, objetiva analisar a produção de Gustavo Barroso nas suas relações com o integralismo. Além disso, desenvolve uma análise comparativa entre as diferentes configurações políticas do integralismo e as manifestações de antissemitismo nos textos e nas práticas dos membros desse movimento. O resultado esperado dessa pesquisa era compreender como o antissemitismo foi utilizado como um instrumento de disputa política no período.

No primeiro capítulo da dissertação refletimos sobre a trajetória pública de Plínio Salgado com o intuito de verificar a formação de uma rede de sociabilidades, a partir desse escritor, na fase modernista e pré-integralista e em espaços intelectuais, como o jornal *Correio Paulistano*, a revista *Hierarquia*, a Sociedade de Estudos Políticos (SEP) e o Centro Dom Vital, com destaque a redes de relações de que participaram indivíduos ligados a movimentos, como o médico Madeira de Freitas, e sua atuação em revistas e jornais. Também analisamos continuidades e mudanças na trajetória pública e nas manifestações de Gustavo Barroso e a recepção, pela imprensa brasileira, do discurso de ódio de cunho racial.

No segundo capítulo apresentamos um panorama da circulação dos livros integralistas e examinamos as convergências e divergências entre os antissemitismos de Plínio Salgado e Gustavo Barroso e a construção da figura do “judeu” nos comentários do jornal *A Offensiva* sobre a campanha internacional, relacionada à discussão do mito dos *Protocolos dos Sábios do Sião* e à sua difusão no Brasil. Trata-se de observar aspectos gerais em torno da circulação do antissemitismo, quer pela publicação de livros ou de recomendações de leituras e de comentários, anúncios, distribuição e venda dos livros de Gustavo Barroso e dos *Protocolos*, no contexto político dos interfascismos.

No terceiro capítulo analisamos o livro *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo* (1937). Especialmente, temos em conta as apropriações do escritor integralista no tocante ao mito da

---

<sup>3</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996. p. 231-269.

conspiração maçônico-judaico-marxista e suas manifestações sobre o tema da imigração judaica e do racismo.

A pesquisa sobre o integralismo e os integralistas tem sido marcada por um avanço significativo nos últimos anos. Desde a tese de Hélió Trindade<sup>4</sup>, nos anos 1970, houve um esforço por parte de historiadores e cientistas sociais para entender melhor o integralismo e suas relações com o Estado Novo, com o fascismo italiano e o nazifascismo, bem como com o nacional-sindicalismo de António de Oliveira Salazar, em Portugal. Nos anos de 1970, o trabalho de Trindade se destacou como referência nos estudos sobre o tema, mas a temática do antissemitismo ficou à margem de suas análises, uma vez que o autor se concentrou na trajetória de Plínio Salgado.

Na década de 1990, Jeffrey Lesser publicou *O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito* (1995),<sup>5</sup> no qual assinalava que o antissemitismo no Brasil não resultou em medidas drásticas contra os judeus, como na Argentina ou Europa. No que se refere ao antissemitismo no governo de Getúlio Vargas, Maria Luiza Tucci Carneiro<sup>6</sup> notou que esteve presente nos círculos de elite do Itamaraty e na política de restrição à entrada de judeus do leste europeu, na conjuntura do Estado Novo, de acordo com as circulares secretas que indicavam barreiras à imigração judaica.<sup>7</sup> O tema do “imigrante ideal” é tratado, também, na tese de Fábio Koifman, publicada no livro *O imigrante ideal: o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945)*, de 2012.

A pesquisa de Marcos Chor Maio, *Nem Rothschild, nem Trotsky, o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso* (1992), se destaca pela delimitação temática centrada na análise da produção desse escritor integralista. Maio, a partir da contribuição da filósofa Hannah Arendt, afasta a ideia da presença do antijudaísmo no autor, pois, segundo ele, Barroso se apoia no “antissemitismo moderno”. Maio busca compreender, desse modo, os fundamentos do pensamento antissemita. Além disso, discute questões relacionadas ao antissemitismo e ao racismo, além de abordar a relação entre antissemitismo e fascismo. Maria Luiza Tucci Carneiro apontou a importância da contribuição de Maio aos estudos sobre o antissemitismo no Brasil no tocante à temática do racismo. Entretanto, a historiadora acrescentava que sua pesquisa poderia ter aprofundado as correlações entre o antissemitismo moderno e o

---

<sup>4</sup> TRINDADE, Hélió. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1974.

<sup>5</sup> LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

<sup>6</sup> CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. MAIO, Marcos Chor. Nem Rothschild Nem Trotsky. O pensamento anti-semita de Gustavo Barroso [resenha]. *Revista de História*. São Paulo, n. 129-131, ago.-dez./1993, ago.-dez.1994.

<sup>7</sup> CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na Era Vargas (1930-1945)*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2001. p. 54.

antissemitismo enraizado na sociedade brasileira<sup>8</sup> e destacava a necessidade de relacionar os processos históricos que levaram à formação de uma cultura antissemita no Brasil, defendendo que isso permitiria uma compreensão mais ampla e mais profunda do tema.

A abordagem do antissemitismo, nesta dissertação, fundamenta-se nos estudos que vêm sendo desenvolvidos pelos autores mencionados, voltando-se a uma reflexão em torno dos desdobramentos políticos da produção, da circulação e das apropriações de textos. Deste modo, é possível refletir sobre as motivações de Gustavo Barroso, pois o seu comportamento ligava-se a valores tradicionalistas de sua época, amparado em sua experiência individual e no espaço social e político de que participava. A definição de antissemitismo em Gustavo Barroso, de forma contundente, expressava o ódio contra o povo judeu; nele é possível observar preconceitos contra as crenças religiosas e manifestações explícitas de cunho racial, mescladas à xenofobia ultranacionalista. Barroso se apropria de antigos estereótipos sobre os judeus, extraídos de leituras antissemitas em circulação, e, como escritor, faz uso dos mesmos para espalhar o ódio no país.

Acreditamos que o antissemitismo floresceu no integralismo porque encontrou colaboradores entre uma fração das lideranças da Ação Integralista Brasileira (AIB). A importância deste ponto para o trabalho deve produzir uma reflexão a respeito do impacto e/ou dos efeitos que um texto ou um conjunto de textos podem ter sobre determinados grupos e indivíduos em suas práticas. Lembramos que as produções textuais desses anos, especificamente os livros de Gustavo Barroso, tiveram efeitos e, até hoje, inspiram grupos antissemitas, sempre motivados por preconceitos e/ou crenças que podem resultar em intolerância, hostilidades e violência. A elaboração dessa dissertação passa por este caminho e, sobretudo, o trabalho de pesquisa tem como ponto central observar os diversos elementos presentes no pensamento do ideólogo, bem como seus efeitos: o catolicismo de Plínio Salgado, o antissemitismo inerente ao nazifascismo, o pensamento conservador, o nacionalismo ufanista do integralismo e a difusão do mito da conspiração judaica.

A documentação foi levantada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, especialmente *A Offensiva (1936)*; na Hemeroteca Gustavo Barroso no Museu Histórico Nacional, instituição dirigida pelo escritor por longo período, desde a sua criação; no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro - APERJ; e no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC, para a consulta de obras de referência. Na

---

<sup>8</sup> CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. MAIO, Marcos Chor. Nem Rothschild Nem Trotsky. O pensamento antissemita de Gustavo Barroso [resenha]. *Revista de História*. São Paulo, n. 129-131, ago.-dez./1993, ago.-dez.1994.

Hemeroteca Gustavo Barroso podem ser encontrados textos escritos pelo intelectual integralista, assim como reportagens, notícias, cartas e outros tipos de documentos, que foram reunidos em álbuns de recortes e hoje se encontram disponibilizados em formato digital.

Ao longo do trabalho, optamos por manter a grafia original de referências e citações de documentação primária.



## 1 O COMEÇO DE TUDO: INTEGRALISMO ENTRE AMIGOS E CONHECIDOS

Este capítulo reflete sobre a formação de uma rede de sociabilidades a partir de Plínio Salgado, anterior à criação da Ação Integralista Brasileira (AIB), com objetivo de analisar as relações entre seus membros, seus vínculos de amizade e afeto e as afinidades de ideias na fase modernista (1920) e na fase pré-integralista (1931-1932), que precedem a entrada de Gustavo Barroso no movimento. Atentamos para as amizades formadas no jornal *Correio Paulistano*, na revista *Hierarchia*, na Sociedade de Estudos Políticos (SEP) e no Centro Dom Vital, pois foi nesses ambientes que aconteceram as discussões de ideias e a organização desse grupo de intelectuais. Sobre isso, ressaltamos que as sociabilidades de Plínio Salgado estavam localizadas nos grupos conservadores, estando alguns intelectuais que as integravam mais próximos de um pensamento autoritário, enquanto outros declaradamente eram defensores dos ideais fascistas, mesmo antes de sua filiação à AIB.

O objetivo é retomar, como ponto de partida, os anos anteriores à criação desse movimento político, para apontar continuidades nas relações entre os intelectuais conservadores. Após a criação da AIB, muitos deles assumiram seus quadros de liderança, do mesmo modo que tiveram um papel determinante na construção de sua doutrina política, com uma vasta produção de livros e textos para a imprensa integralista, sendo peças-chaves na dinâmica da expansão nacional do movimento. Alexandre Pinheiro Ramos destaca que a formação do integralismo como “movimento altamente intelectualizado”, que mobilizou uma série de relações sociais e intelectuais que concorreu para sua expansão.<sup>9</sup>

Sem dúvida, o engajamento político desse grupo favoreceu a expansão das sociabilidades em seus espaços de atuação nos anos da militância (1932-1938). Salientamos que um desses intelectuais da fase pré-integralista foi o médico Madeira de Freitas, que assinava suas obras sob o pseudônimo Mendes Fradique e que, após a sua adesão ao movimento político, assumiu, em 1934, a redação do principal jornal integralista, *A Offensiva*. A ênfase em Madeira de Freitas se justifica a partir de um debate travado na imprensa, em torno de sua relação com a circulação do antissemitismo, bem como por seu apoio à campanha antissemita de Gustavo Barroso. Também verificamos algumas publicações

---

<sup>9</sup> RAMOS, Alexandre Pinheiro. O Integralismo como movimento intelectual ou de intelectuais: uma abordagem sociológica da intelectualidade integralista. *III Simpósio de Pós-Graduandos em Sociologia*. USP, UNESP, UNICAMP, UFSCar, UFRJ, UFPR, 2010, p. 2-3. Disponível em: <[https://www.academia.edu/12567198/O\\_Integralismo\\_como\\_movimento\\_intelectual\\_ou\\_de\\_intelectuais\\_uma\\_abordagem\\_sociol%C3%B3gica\\_da\\_intelectualidade\\_integralista](https://www.academia.edu/12567198/O_Integralismo_como_movimento_intelectual_ou_de_intelectuais_uma_abordagem_sociol%C3%B3gica_da_intelectualidade_integralista)>. Acesso em: 10 dezembro 2022.

relacionadas à circulação do antissemitismo nos jornais integralistas e entre seus colaboradores e as reações na grande imprensa.

O referencial teórico proposto por Jean-François Sirinelli nos possibilita definir o conceito de intelectual e a rede de sociabilidades. Segundo o autor, o intelectual pode ser um jornalista que atua na sociedade como escritor, o professor secundário que atua como erudito, ou os estudantes que atuam como mediadores ou "receptores da cultura".<sup>10</sup> Os intelectuais se organizam em torno de uma cultura comum e de afinidades difusas que fundam uma vontade e um gosto de conviver.<sup>11</sup>

Jean-François Sirinelli afirma que as sociabilidades podem variar com as épocas e os subgrupos de intelectuais<sup>12</sup>. Neste caso, a formação de uma rede ocorre a partir de relações afetivas, amizades, rivalidades e afinidades. Rebeca Gontijo mostra que as trocas de afetos, as demandas sociais e as tradições ou quaisquer outros elementos influem sobre o "microcosmos", nutrindo a rede de sociabilidades.<sup>13</sup> No entendimento de Cláudia Wasserman, a rede de sociabilidade pode se consolidar nos espaços das revistas, jornais, universidades, associações etc.<sup>14</sup>

De acordo com Gizele Zanotto, "as revistas se destacam como pontos de encontro de itinerários individuais e coletivos sob um 'credo' comum e como meios de expressão coletivos".<sup>15</sup> Segundo Zanotto, a proposição de Jean François Sirinelli corrobora para uma noção de estudo de geração no tocante à transmissão cultural. Desta forma, mesmo que "haja uma ruptura ou a tentação de omissão, o patrimônio anterior é elemento de referência implícita ou explícita em seu posicionamento".<sup>16</sup> Ou seja, os intelectuais carregam uma memória coletiva "inata" e adquirida, referida ao mesmo grupo. A este respeito, entendemos que as ideias (herdadas) e/ou as apropriações, conscientes ou inconscientes, em algum momento se manifestam nas suas produções.

---

<sup>10</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996. p. 242-243.

<sup>11</sup> *Ibidem*. p. 248.

<sup>12</sup> *Ibidem*. p. 259.

<sup>13</sup> GONTIJO, Rebeca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVÊA, Maria de Fátima S. (org.). *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. p. 262.

<sup>14</sup> WASSERMAN, Cláudia. História intelectual: origens e abordagens. *Tempos Históricos*, v. 19, n. 1, 2015, p. 71. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempohistoricos/article/view/12762>>. Acesso em: 10 dezembro 2022.

<sup>15</sup> ZANOTTO, Gizele. História dos intelectuais e história intelectual: contribuições da historiografia francesa. *Biblos*. Rio Grande, v. 22, n. 1, 2008, p. 39. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/854>>. Acesso em: 10 dezembro 2022.

<sup>16</sup> *Ibidem*. p. 40.

A respeito desses pontos, trataremos a seguir da participação de intelectuais conservadores na revista *Hierarchia*, no Centro Dom Vital e na SEP, em seus engajamentos políticos e no tocante à formação de uma rede de sociabilidades. Além disso, teremos em vista o *Manifesto de Outubro de 1932*, elaborado por Plínio Salgado, fundador da SEP,<sup>17</sup> e o *Manifesto da Legião Revolucionária*.

Segundo Gisele Zanotto, os manifestos permitem questionar “sobre a origem e formação dos grupos de apoio e, em seu desfecho, possibilitam “perceber e analisar os abalos da consciência nacional que suscitaram as declarações públicas”.<sup>18</sup> A esse respeito, apontamos que a doutrina do “Sigma” e a organização de um movimento-partido se consolida com a elaboração dos *Manifestos*, de autoria de Plínio Salgado, porém com a colaboração de determinada fração da intelectualidade brasileira.

### 1.1 Redes de sociabilidades: da fase modernista à pré-integralista a partir da trajetória pública de Plínio Salgado

A produção literária de Plínio Salgado e a formação de uma rede de sociabilidades nos espaços intelectuais, a partir de seu nome, após a criação do semanário *Correio de São Bento*, remonta a antes mesmo dos anos de 1920. Nessa fase, Plínio Salgado dedicou-se a escrever poesias e crônicas e o reconhecimento de sua produção possibilitou contatos em revistas e jornais. Nesses anos, o paulista de São Bento de Sapucaí publicou as crônicas “*Não Matarás*” e “*O Bello Poema do Lexicon*”<sup>19</sup> pela *Revista do Brasil*, sob a direção de Monteiro Lobato.<sup>20</sup>

<sup>17</sup> A SEP foi integrada por Ataliba Nogueira, Mário Graciotti, Alpinolo Lopes Casali, José de Almeida Camargo, Arlindo Veiga dos Santos, Fernando Callage, Leães Sobrinho, Bastos Barreto, Mário Zaroni, Vitorino Fasano, Bernardo Lichtenfelds, José Maria Machado, José de Toledo, Mota Filho, Gastão Strang, Sebastião Pagano, Joaquim Penino, João de Oliveira Filho, Câmara Leal, Áureo de Almeida Camargo, Humberto Pascale, Valdemar Rocha, Durval Marcondes, Américo Neto, Iraci Igaira, Eduardo Rossi, Antônio Toledo Piza, Queirós Filho, Carlos Alberto Carvalho Pinto, Rui Barbosa de Campos, Plínio Correia de Oliveira, San Tiago Dantas, Joaquim Dutra da Silva, Leopoldo Santana, Válder Barioni, Cassiano Ricardo, Silveira Bueno, Nuto Santana, João Raimundo Ribeiro, Manuel Pinto da Silva, Ricardo Azzi. TRINDADE, Hélio. Sociedade de Estudos Políticos (SEP) [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC. Disponível em: <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionários/verbete-temático/sociedade-de-estudos-politicos-sep>>. Acesso em: 18 maio 2022.

<sup>18</sup> ZANOTTO, Gisele. História dos intelectuais e história intelectual: contribuições da historiografia francesa. *Biblos*. Rio Grande, v. 22, n. 1, 2008, p. 39. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/854>>. Acesso em: 10 dezembro 2022.

<sup>19</sup> Ver *Revista do Brasil*. São Paulo, v. 18, n. 70, out. 1921, p. 108-111.

<sup>20</sup> Nelson Werneck Sodré destaca o papel de José Monteiro Lobato “a dirigir a *Revista do Brasil*, a escrever e a editar livros, e sobretudo a revolucionar, sem pensar na coisa, a produção, comércio e a distribuição de livros no

Após assumir o cargo de redator do *Correio Paulistano*, Plínio Salgado publicou no jornal os textos “Nas Raias de Minas”<sup>21</sup>; “Os sonhos do papa”; “A surpresa de S. Paulo”; “A capital dos bandeirantes no ano do centenário”; “O nosso poema”; “Elogio de Sancho Pança” e “Natal”. No mesmo ano, a revista *Klaxon*<sup>22</sup> editou, de sua autoria, “O eco”, e a revista *Novíssima*, entre os anos de 1923 e 1928, as crônicas “O sentimento da tragédia” e “Impressões de leitura”.

No *Correio Paulistano* Plínio Salgado ampliou contatos e amizades, especialmente com o redator-chefe Menotti del Picchia.<sup>23</sup> O jornal foi o órgão oficial do Partido Republicano Paulista (PRP),<sup>24</sup> que comandava a política dominante no estado, tendo sido também o principal divulgador das manifestações modernistas.<sup>25</sup> De acordo com Leandro Gonçalves, no breve tempo em que esteve no PRP, Plínio Salgado estreitou relações com o empresário Alfredo Egídio de Sousa Aranha,<sup>26</sup> primo do político gaúcho Oswaldo Aranha e irmão de Renato Egídio de Sousa Aranha, e logo se tornaram amigos. Segundo o autor, Alfredo Egídio teria financiado a viagem de Plínio à Europa e, à vista disso, este teve a oportunidade de conhecer o fascista Benito Mussolini.<sup>27</sup>

Alexandre Pinheiro Ramos explica que, no tempo em que esteve filiado ao partido, Plínio Salgado estreitou laços de amizade com Cândido Mota Filho e Alfredo Ellis. Na edição do *Correio Paulistano* de 2 de maio de 1926, Mota Filho comenta, do escritor, o romance *O Estrangeiro*:

Nelle não existe o poema da terra e nem o poema do homem. Existe uma expressão esthetica do mundo psychico nacional. Fusão. Integração. Selva. Colorido. Verdura.

---

país. Na *Revista do Brasil*, realmente, Monteiro Lobato começa, prelude o movimento modernista”, sendo a publicação “estritamente literária e de propaganda nacionalista”. SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 343.

<sup>21</sup> Ver *Correio Paulistano*. São Paulo, 28 de junho de 1920. p. 2.

<sup>22</sup> A revista *Klaxon* circulou de 15 de maio de 1922 a janeiro de 1923. Foi organizada por Guilherme de Almeida, Tácito de Almeida e Couto de Barros, com a colaboração de Manuel Bandeira, Plínio Salgado, Menotti Del Picchia, Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Victor Brecheret e Sérgio Buarque de Holanda. SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 362.

<sup>23</sup> *Ibidem*. p. 129.

<sup>24</sup> Segundo Amélia Cohn: “O *Correio Paulistano*, como órgão oficial do PRP, lançou, após o advento da República, a campanha pela constitucionalização, lutando contra as intervenções federais, notadamente em São Paulo. Também como porta-voz do PRP, veiculou os ideais das oligarquias locais, apoiando seus líderes mais proeminentes”. COHN, Amélia. *Correio Paulistano* [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-paulistano>> Acesso em: 3 agosto 2022.

<sup>25</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 362.

<sup>26</sup> Alfredo Egídio fundou o Banco de Crédito, que, após fusões, se tornaria o Banco Itaú. GONÇALVES, Leandro Pereira. *Entre o Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português*. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2012. p. 122.

<sup>27</sup> *Ibidem*.

Sol. Humildade. Transfiguração. Lendas. Inquietude. Esperança. Doenças d'Alma. Brasilidade... Não digo sobre o ponto de vista da forma. Acho-a irregular. Tem o cunho pronunciado do modernismo combativo. Lembra Menotti Del Picchia em Homem e a Morte. Lembra Oswald na "memoria de João Miramar". Lembra Mario... Acho Plínio Salgado mais senhor de si quando escreve o interior, a vida rural. Acho-o vacilante quando fala nas cidades. Não sei porque deu vida a Yvan. [...] Yvan é um desorientado de espírito, um allucinado romamntico. A sua vida é um profundo desequilíbrio moral. Vive absorvido pela carne. Typo de Freud a acabar no hospício... Acho-o por tudo isso aspero, desagradável rethorico, desarticulado. E o Juvencio é de uma sympatia comovedora. Chega a parecer mesmo com o espírito de Plínio Salgado que, com este romance, oferece mais severo desmentido contra o velho scepticismo da cultura academica.<sup>28</sup>

Segundo Alexandre Pinheiro Ramos, o livro teve boa recepção nos meios literários e, inclusive, foi destacado por Gustavo Sorá como um dos best-sellers da década. Também teria sido comentado pelo jornal carioca *Manhã* como o melhor livro do ano<sup>29</sup>. Na edição do *Correio Paulistano*, de 5 de maio de 1926, escreve Cassiano Ricardo:

O livro de Plínio Salgado oferece a admiração do leitor em três aspectos fundamentais. Agita a questão do nacionalismo em arte. É uma expressão inaugural do espírito moderno, no que elle tem do sympatico, de multiplo e dynamico. E quanto ao assunto que focaliza, sugere uma longa serie de reflexões opportunas em torno do nosso problema racial, pois que suas personagens corporificam as nossas jovens aspirações em conflito com as velhas decepções immigradas do velho mundo.[...] Yvan, o estrangeiro immigrado, o russo que é uma phedora de personalidades contrastantes ou incapazes, é uma figura curiosissima, com muita Europa no sangue e na intelligencia. Desespero de quem se encontrou a si mesmo, e não encontra refugio entre as cousas; e já não se adapta a nenhum paiz [...]. Acerca das personagens que se movimentam na obra de Plínio - cada qual de um phenomeno social, e todas concatenadas, aos grupos, a numerosos cyclos da nossa existencia de povo em evolução.<sup>30</sup>

*O Estrangeiro* trata da chegada de imigrantes à cidade de Mandaguary, em São Paulo, e em Campinas. No contexto desenvolvido pelo autor, o contraste entre o interior e a cidade é identificado de forma negativa, conforme assinalado por Maria Izilda de Matos e Leandro Gonçalves. O professor Juvêncio é o alter ego de Salgado, sendo o principal educador dos valores nacionais para o imigrante revolucionário russo.<sup>31</sup> Plínio Salgado critica os estrangeiros, através das personagens, porém estes conseguiam enriquecer mais rápido, enquanto os brasileiros permaneciam empobrecidos. Salgado, contudo, acreditava ser

<sup>28</sup> *Correio Paulistano*. São Paulo, 20 maio de 1926. p. 4.

<sup>29</sup> RAMOS, Alexandre Pinheiro. "Sociologia ou imaginação": aspectos da recepção do livro *O Estrangeiro* de Plínio Salgado. *Revista de Ciências Sociais*. Fortaleza, v. 45, n.2, jul./dez, 2014, p. 126. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/2505>>. Acesso em: 10 dezembro 2022.

<sup>30</sup> *Correio Paulistano*. São Paulo, 25 de maio de 1926. p. 3.

<sup>31</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de e GONÇALVES, Leandro Pereira. O ESTRANGEIRO na obra de Plínio Salgado: matrizes, representações, apropriações e proposta. *Patrimônio e Memória*. São Paulo, v. 10, n. 1, p. 157-182, jan.-jun. 2014. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/423>. Acesso em: 10 dezembro 2022.

desnecessário lutar contra o imigrante, tendo em vista que “o Brasil precisava deles para o seu crescimento, mas, para que isso ocorresse, devia-se promover a assimilação dos imigrantes”.<sup>32</sup>

O “problema racial”, mencionado por Cassiano Ricardo, definia-se nas palavras de Plínio Salgado: [...] “o homem que age, em cada tipo, de cada raça, de cada cruzamento, todos isolados e dispersos, até o dia em que fundirem no indivíduo coletivo”.<sup>33</sup> A esse respeito, Marcos Chor Maio afirma que Plínio Salgado compreendia a formação nacional a partir da mistura de brancos, negros e índios, sendo o “caboclo” a única raça de todos os brasileiros.<sup>34</sup> Para Leandro Gonçalves e Maria Izilda Matos, *O Estrangeiro* evidencia as diferenças entre os brasileiros denominados por caboclos e o estrangeiro que deveria se assimilar à nação.

O livro, escrito após a Semana de Arte Moderna, expressa um apelo nacionalista e seu tema perpassa a discussão em torno da identidade nacional. Destacamos que, nos anos de 1926 e 1927, Plínio Salgado, Menotti Del Picchia, Guilherme de Almeida e Cassiano Ricardo fundaram o movimento verde-amarelo e o grupo *Anta*, ligados ao objetivo de defender uma identidade brasileira “autóctone”.<sup>35</sup> De acordo com Gilberto Mendonça Teles, o modernismo calcava-se no sonho do novo - sobretudo na América Latina crescia a exaltação de uma cultura autóctone, com a tematização dos elementos nacionais, além do experimentalismo associado aos movimentos de vanguarda.<sup>36</sup> No Brasil, conforme Afrânio Coutinho, é importante considerar a transição da fase pré-modernista para a modernista porque manteve algumas raízes no simbolismo e no romantismo, o que manifestava também uma “sede de espiritualidade contra o naturalismo, ceticismo e puro nacionalismo”.<sup>37</sup> Sobre o verde-amarelismo, afirma Gilberto Vasconcellos:<sup>38</sup>

<sup>32</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de e GONÇALVES, Leandro Pereira. O ESTRANGEIRO na obra de Plínio Salgado: matrizes, representações, apropriações e proposta. *Patrimônio e Memória*. São Paulo, v. 10, n. 1, p. 157-182, jan.-jun. 2014. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/423>. Acesso em: 10 dezembro 2022.

<sup>33</sup> SALGADO, Plínio. *O Estrangeiro*. São Paulo: Panorama, 1948. p. 50.

<sup>34</sup> MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 83.

<sup>35</sup> “No grupo paulista do pré-modernismo apareceram dois grandes poetas, os quais iriam ter uma atuação marcante no Modernismo, cada um a seu jeito e bem diferente um do outro, mas sempre mantendo sua poesia no plano de uma autonomia espiritual, mais ou menos indefinida, mas inequívoca: Guilherme de Almeida e Ribeiro Couto”. COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil: simbolismo, impressionismo, transição*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Sul Americana S.A., 1969. v. IV, p. 288.

<sup>36</sup> TELES, Gilberto Mendonça. A vanguarda latino-americana dos anos 1930. In: MURARI, Luciana, MAIA, Tatyana de Amaral e RUGGIERO, Antonio de (org.). *Do Estado à nação: política e cultura nos regimes ditatoriais dos anos 1930*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. p. 59.

<sup>37</sup> COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil: simbolismo, impressionismo, transição*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Sul Americana S.A., 1969. v. IV, p. 302.

<sup>38</sup> Gilberto Vasconcellos analisa o integralismo a partir dos casos europeus e, em seu entendimento, não se tratava de um movimento fascista. SERRATTO, Edgar Bruno Franke. Integralismo e Historiografia. In: SILVA, Giselda Brito (org.). *Estudos sobre o integralismo no Brasil*. Recife: UFRPE, 2007. p. 53.

[...] o índio para o romantismo do século passado, [era] um símbolo autóctone, que lembrava o período colonizador. [...] A isso acrescenta sua forte aderência telúrica, que, na versão verde-amarela e, mais tarde, na integralista serviria de resistência nacionalista à ingerência do europeu, e um elemento a mais para recrudescer a polaridade sertão/litoral, interior/cidade, nacionalismo/cosmopolitismo etc.<sup>39</sup>

Desde a *Semana de Arte Moderna*, em 1922, Plínio Salgado havia afirmado o seu nacionalismo nativista, por meio de poemas que foram recitados no evento por Ronald de Carvalho. O mito tupi, apropriado por Salgado, na explicação de Gilberto Vasconcellos, adequava-se:

[...] ao ideal xenófobo de uma cultura fechada: índio sem fendas, hirto e defensivo, invulnerável à penetração estrangeira, sisudo e compenetrado, vacinado contra a sedução transoceânica e avesso às ideologias exóticas. Os textos verde-amarelos dão margem a essa interpretação: “a afirmação do homem de nossa terra dar-se-á, em definitivo, quando as cidades cosmopolitas forem invadidas pelo Espírito Nacional. O curupira, símbolo desse espírito, dorme no fundo das brenhas”.<sup>40</sup>

O autor aponta que Plínio Salgado, no movimento verde-amarelo, buscou a autenticidade como forma de evocar as origens do povo brasileiro, mas, ao tentar se eximir da cultura estrangeira, aceita o fascismo europeu. Segundo Vasconcellos, o integralismo viria cristalizar o desejo de encerrar o país numa totalidade fechada.<sup>41</sup> De acordo com José Chasin:

A obra literária e os pronunciamentos parlamentares de Salgado constituem o momento mais recuado de sua elaboração doutrinária, enquanto seu jornalismo político de 1931 a 1932 é o que se situa mais proximalmente da fundação do movimento que liderou.<sup>42</sup>

Rodrigo Oliveira considera que, na fase “pré-integralista” (1931-1932), sobretudo o ano de 1931 foi importante na consolidação de suas ideias políticas, com a criação do primeiro jornal integralista, *A Razão*,<sup>43</sup> tendo por redatores Plínio Salgado e San Tiago Dantas. Como sabemos, a imprensa era um importante espaço de sociabilidades no qual se desdobravam os interesses pela vida política no país e se podiam consolidar alianças e amizades. Nelson Werneck Sodr e nos esclarece que as revistas de vida ef mera, literárias ou

<sup>39</sup> VASCONCELLOS, Gilberto. *Ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1977. p. 19-20.

<sup>40</sup> *Ibidem*. p. 21

<sup>41</sup> *Ibidem*.

<sup>42</sup> CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas LTDA., 1978. p. 177.

<sup>43</sup> OLIVEIRA, Rodrigo dos Santos. A imprensa da A o Integralista Brasileira em perspectiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira e SIMÕES, Renata Duarte (org.). *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. p. 31-33.

humorísticas e os jornais de circunstâncias serviam para atender as "injunções originadas da luta política", cada vez mais acirradas desde 1927.<sup>44</sup> A imprensa, segundo ele, vai viver

(...) vai viver, daí por diante, uma nova fase, difícil, conturbada, pontilhada de movimentos militares de rebeldia, agitada por campanhas políticas de extrema violência - tudo aquilo que, no fim de contas, prepara a Revolução de 1930, divisor do desenvolvimento histórico brasileiro, marco em nossas existências.<sup>45</sup>

Com a Revolução de 1930, a imprensa brasileira, segundo Werneck Sodré, assume "aspectos terríveis pessoais, quase sempre marcados pela injúria mais vulgar e a linguagem era violentíssima".<sup>46</sup> Esse foi o caso do jornal *A Razão* que, aproximando-se do fascismo,<sup>47</sup> utilizou uma linguagem violenta contra os adversários políticos. Em 1º de março de 1932, Plínio Salgado escreveu uma carta em resposta a Olbiano de Mello, um dos integrantes da Sociedade, sobre as suas intenções na expansão do movimento. Segundo Salgado,

Na capital, ella está augmentando cada vez mais o numero de adeptos; estamos organizando cellulas em cada cidade do Estado. [...] Pretendo organizar commissões de estudo e divulgação especializadas cada qual em assumptos economico-financeiros; sociologicos; religiosos; culturaes. [...]. Esse movimento deve ser effectuado em todos os Estados do Brasil, afim de crearmos os capitães da futura campanha de renovação, ou melhor: de reposição do Brasil na sua base de realidade, pois a liberal-democracia não tem feito mais que contrariar a indole do povo brasileiro, que é essencialmente governista, tanto é assim que os governadores de Estados nunca perderam eleições.<sup>48</sup>

Plínio Salgado pede que Olbiano de Mello organize em Minas Gerais um movimento semelhante à SEP, com capacidade de ampliação por todos os municípios e articulação com São Paulo. Ele também solicita o envio de exemplares de seu livro, bem como de outros autores. Na lista dos citados se encontram Alberto Torres, Oliveira Viana, Tristão de Athayde, Euclides da Cunha, Otávio Faria, Alberto Faria, Oliveira Lima e Joaquim Nabuco e os fascistas Benito Mussolini, [Alfredo] Rocco, [Giovanni] Gentile e [Giuseppe] Prezzolini e o português António Sardinha.<sup>49</sup> A carta nos aponta, além da dinâmica política, para a formação

<sup>44</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 274-289.

<sup>45</sup> *Ibidem*. p. 355.

<sup>46</sup> *Ibidem*. p. 324.

<sup>47</sup> OLIVEIRA, Rodrigo dos Santos. A imprensa da Ação Integralista Brasileira em perspectiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira e SIMÕES, Renata Duarte (org.). *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. p. 31-33.

<sup>48</sup> Carta a Plínio Salgado a Olbiano de Mello, 01 de março de 1932. MELLO, Olbiano de. *Republica Symdicalista dos Estados Unidos do Brasil*. 3ª ed. ampliada. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco, 1937, p. 117-119. Disponível em: <<https://archive.org/details/republicasyndicalistadosestadosunidosdobrasilolbianodemello/mode/2up>>. Acesso em: 10 janeiro 2022.

<sup>49</sup> MELLO, Olbiano de. *Themas Contemporaneos. Comunismo ou Fascismo?* 2ª ed. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1937. p. 140-141. Disponível em:



de uma rede de sociabilidades intelectualizada, que se amplia a partir de discussões de ideias em torno de questões políticas nacionais.

Conforme Leandro Gonçalves e Odilon Caldeira Neto, nem todos os amigos de Plínio Salgado concordaram com a formação de uma entidade política, sendo esse o caso de Cândido Motta Filho. Contudo, a maioria dos membros da SEP apoiaram a formação da AIB.<sup>50</sup> Segundo Héglio Trindade:

A tendência majoritária, de inspiração fascista, aglutinou-se em torno de Salgado, reunindo um grupo de estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo do qual faziam parte Alfredo Buzaid, Rui Arruda, Roland Corbisier, Almeida Sales e Ângelo Simões Arruda. Este grupo tendia a considerar os estudos e os debates na SEP como uma atividade instrumental a serviço da ação.<sup>51</sup>

Destacamos que a primeira reunião da SEP, em fevereiro de 1932, foi realizada na sede do jornal *A Razão*, em São Paulo, e as demais, posteriormente, na Sala das Armas do Clube Português, na mesma cidade. Na terceira reunião, em maio de 1932, Plínio Salgado propôs a criação da Ação Integralista Brasileira.<sup>52</sup> A rede de sociabilidade formada a partir dos intelectuais da SEP foi a base da elaboração do *Manifesto de Outubro de 1932*<sup>53</sup> e contou com a participação de profissionais liberais, jornalistas e escritores.<sup>54</sup>

Nos anos de 1931 e 1932, Plínio Salgado publicou na revista *Hierarchia* alguns artigos, dentre eles “Como eu vi a Itália”.<sup>55</sup> Neste, ele escreve:

O que estamos presenciando hoje é o espírito de Roma se levantando, com o seu eterno senso de equilíbrio e de symetria, a sua capacidade de totalização dos elementos individuais e sociais, de concepção do mundo sob um critério integral, onde não há atrophias nem amputações onde não ha choques nem tendencias dissociativas. Roma fascista, tão calumniada pelos demagogos ébrios da cocaína liberdade, constitue actualmente a suprema garantia da liberdade [...].

---

<<https://archive.org/details/communismoofascismoolbianodemello/page/n139/mode/2up>>. Acesso em: 10 janeiro 2022.

<sup>50</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira e CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2020. p. 12-13.

<sup>51</sup> TRINDADE, Héglio. Integralismo [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC. Disponível em:

<<https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/integralismo>>. Acesso em: 18 maio 2022.

<sup>52</sup> VIEIRA, Newton Colombo de Deus. *Além de Gustavo Barroso: o antissemitismo na Ação Integralista Brasileira (1932-1937)*. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em História das Sociedades Ibéricas e Americanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012. p. 20.

<sup>53</sup> O grupo elaborou o Manifesto que seria lançado em 7 de Outubro de 1932.

<sup>54</sup> RAMOS, Alexandre Pinheiro. *Intelectuais, carisma e Ação Integralista Brasileira*. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. p. 54.

<sup>55</sup> A revista destaca-se pelo seu caráter autoritário e fascista, sobretudo inspirado no fascismo italiano. Teve periodicidade irregular, totalizando cinco edições, entre agosto de 1931 e março-abril de 1932. Era distribuída no Rio de Janeiro por Freitas Bastos & Cia. Lourival Fontes era o diretor e Rodolfo Carvalho o diretor comercial. *Hierarchia*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, agosto de 1931, p. 1.

E' sob aspecto que deveremos encarar o fascismo: como o ultimo reducto da liberdade; arca da Alliança, que levará sobre o dilúvio do mundo contemporaneo, o segredo da constituição do Estado Humano e dos ritmos dos movimentos sociaes [...].

Eu vi esse povo vibrando em manifestações collectivas e auscultei-o, profundamente, ouvindo - antes de conversar com estadistas ou administradores -, individuos de todas as classes sociaes: o industrial e o operario, o cientista, o artista, o escriptor, o soldado e o camponez, e posso affirmar que o renascimento da Itália vem da perfeita consonancia entre a indole do povo e a formula do seu governo.<sup>56</sup>

O fascismo italiano era um ponto de atração entre os intelectuais mais radicais do movimento, o que servia ao fortalecimento das sociabilidades no espaço da revista. Especificamente, a *Hierarchia* defendia uma base política fascista e autoritária e estava sob a direção de Lourival Fontes, declaradamente apoiador do fascismo italiano,<sup>57</sup> que, pela revista, publicou os artigos “A corporação no Estado Fascista”, “O Sindicato no Estado fascista” e “A Inglaterra se orienta para o Fascismo”.<sup>58</sup> Segundo Silvia Pantoja, Benito Mussolini teria afirmado à época que apenas conheciam profundamente o fascismo “Lourival Fontes do Brasil, Lugoni no Chile e Galvez na Argentina”. No entanto:

Embora adepto do fascismo e colaborador da SEP, Lourival Fontes não chegou a estabelecer vínculos com Plínio Salgado. Segundo seu depoimento, “o integralismo tinha uma doutrina, mas não tinha um chefe... e estes movimentos são mais de fidelidade a homens do que a idéias.”<sup>59</sup>

O relato de Lourival Fontes mostra como se desdobravam as sociabilidades no reconhecimento de ideias, assim como da liderança do integralismo. Em todo caso, o reconhecimento de uma liderança tornava-se fundamental para a formação da rede que teria por desdobramento a AIB. Destacamos que, mais tarde, em 1934, Lourival Fontes assumiu a direção do Departamento Oficial de Propaganda, órgão responsável pela comunicação de massa do governo de Getúlio Vargas. A *Hierarchia* recebeu artigos de San Tiago Dantas, Barbosa Lima Sobrinho,<sup>60</sup> Oliveira Vianna, Azevedo Amaral, Belmiro Valverde, Rego Lins,

<sup>56</sup> SALGADO, Plínio. O fascismo: ação e doutrina: como eu vi a Itália. *Hierarchia*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, março-abril de 1932, p. 203-205.

<sup>57</sup> PANTOJA, Silvia. FONTES, Lourival [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC. Disponível em: <<https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/fontes-lourival>>. Acesso em: 17 maio 2022.

<sup>58</sup> *Hierarchia*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, outubro de 1931, p. 12.

<sup>59</sup> PANTOJA, Silvia. FONTES, Lourival [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC. Disponível em: <<https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/fontes-lourival>>. Acesso em: 17 maio 2022.

<sup>60</sup> Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho publicou pela *Hierarchia* como intelectual do campo do Direito. Desde a década de 1920 se destacava como redator no *Jornal do Commercio* (RJ), no *Correio do Povo* (RS) e na

Ronald de Carvalho, Hélio Vianna, Olbiano de Mello, Belisário Penna, Padre Leonel Franca e Tristão de Ataíde.<sup>61</sup> Alguns desses intelectuais assumiriam importantes cargos de liderança na AIB.

Sobre Tristão de Ataíde, pseudônimo de Alceu Amoroso Lima, fora crítico literário em *O Jornal*. Desde 1929, Alceu dirigia a Coligação Católica Brasileira, criada pelo arcebispo dom Sebastião Leme, vinculada ao Centro Dom Vital, de que trataremos mais adiante, cuja liderança viria também a assumir. Ele se destacou no grupo de intelectuais católicos pela conclusão de um estudo sobre os problemas sociais brasileiros, intitulado “Reivindicações católicas”, e também participou da criação da Liga Eleitoral Católica (LEC), com interesse nas pautas conservadoras em votação na Assembleia Constituinte.<sup>62</sup> A partir da Constituição de 1934, a LEC conquistou o retorno facultativo do ensino religioso nas escolas públicas.<sup>63</sup> Marieta de Moraes Ferreira esclarece que, na ocasião, Plínio Salgado pediu apoio político de Alceu Amoroso Lima ao integralismo, mas,

[...] Alceu negou-se a dar um apoio especial à AIB diante do eleitorado católico, argumentando que a LEC deveria permanecer à margem dos partidos, não favorecendo a nenhum em particular.<sup>64</sup>

Segundo Leandro Gonçalves e Odilon Caldeira Neto, Alceu foi impedido de se filiar ao integralismo com a intervenção de dom Duarte Leopoldo e Silva. Contudo, o clérigo teria afirmado que admirava Plínio Salgado e o integralismo.<sup>65</sup> Neste caso, o reconhecimento das ideias e da liderança podia ocorrer não apenas com a filiação à AIB e poderia se consolidar a

*Gazeta de São Paulo*, assumindo o cargo de redator-chefe do *Jornal do Brasil* e de presidente da Associação Brasileira de Imprensa desde 1929. PANTOJA, Sílvia e LOURENÇO NETO, Sydenham. LIMA, Barbosa [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC. Disponível em:

<<https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/alexandre-jose-barbosa-lima-sobrinho>>.

Acesso em: 17 maio 2022.

<sup>61</sup> BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. Artigos. BRASIL, Bruno. Hierarquia, 2014. Disponível em:

<<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/hierarquia/>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

<sup>62</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. LIMA, Alceu Amoroso [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC. Disponível em: <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/lima-alceu-amoroso>>. Acesso em: 18 maio 2022.

<sup>63</sup> COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil: simbolismo, impressionismo, transição*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Sul Americana S.A., 1969. v. IV, p. 290.

<sup>64</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. LIMA, Alceu Amoroso [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC. Disponível em: <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/lima-alceu-amoroso>>. Acesso em: 18 maio 2022.

<sup>65</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira e CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2020. p. 18-19.

partir de vínculos de colaboração. Inclusive, a imprensa integralista teve a colaboração de uma fração da mesma intelectualidade conservadora.

Sabemos que Plínio Salgado pertencia a uma tradicional família católica. Desde os vinte e quatro anos manifestara apreço pelo catolicismo com a publicação de *A boa nova* (1921),<sup>66</sup> uma conferência sobre a vida de Jesus, e do livro de poemas *Thabor* (1919). Na análise de Afrânio Coutinho, os romances e os poemas de Plínio Salgado estavam impregnados de misticismo “não só nacionalista mas ainda religioso e católico, especialmente no livro a *Vida de Jesus*”.<sup>67</sup> Segundo o autor, naquele contexto, “grandes personalidades isoladas sofreram uma conversão radical ou uma acentuação de tendências inatas de caráter intelectual e religioso”.<sup>68</sup> Sobretudo as obras do Padre Leonel Franca, *A Igreja, a Reforma e a Civilização* (1922), de Jackson de Figueiredo, *Pascal e a inquietação moderna* (1922),<sup>69</sup> e o pensamento anti-spenceriano de Raimundo de Farias Brito inspiraram o pensamento de Plínio Salgado.<sup>70</sup>

O ensaísta católico Renato Rocha, referido por Gilberto Vasconcellos, afirma que o pensamento de Jackson de Figueiredo tornou-se radicalizado na interpretação de Plínio Salgado.<sup>71</sup> Conforme esclarece o autor, Jackson de Figueiredo era antisemita, antiliberal e antissocialista, idolatrava as autoridades, era elitista e nutria um ódio moralista ao corpo, alinhado ao ascetismo heroico fascista. Para Vasconcellos, o idealismo espiritualizante tinha um poder “regenerador” que atraiu o grupo conservador mais propenso aos líderes autoritários. De acordo com Alexandre Pinheiro Ramos, a intelectualidade católica defendia a

---

<sup>66</sup> *Ibidem*. p. 80.

<sup>67</sup> COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil: simbolismo, impressionismo, transição*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Sul Americana S.A., 1969. v. IV, p. 295.

<sup>68</sup> *Ibidem*.

<sup>69</sup> Em maio de 1922 Jackson de Figueiredo fundou o Centro Dom Vital com o apoio do arcebispo do Rio de Janeiro, dom Sebastião Leme da Silveira Cintra. O Centro Dom Vital era uma associação civil para estudos subordinada à Igreja Católica, de caráter elitista e voltado para a intelectualidade do país. O seu primeiro assistente eclesiástico foi o padre Leonel Franca. A partir de 1925, Jackson Figueiredo e dom Sebastião Leme conduziram uma campanha visando incluir “emendas religiosas” na reforma constitucional prometida pelo presidente Artur Bernardes e, em 1932, ligavam-se à Liga Eleitoral Católica, que apoiou candidatos à assembleia constituinte comprometidos com os princípios da Igreja KORNIS, Mônica. Centro Dom Vital [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC. Disponível em: <<https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-tematico/centro-dom-vital>>. Acesso em: 18 maio 2022.

<sup>70</sup> VASCONCELLOS, Gilberto. *Ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1977. p. 39.

<sup>71</sup> VASCONCELLOS, Gilberto. *Ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1977. p. 39.

garantia da ordem, em defesa de um Estado organizador da sociedade como alternativa contra o materialismo, posicionando-se pelos valores religiosos como reformadores da moral.<sup>72</sup>

Na concepção de Plínio Salgado, a religião cristã era um importante elemento de conciliação da nação. Segundo o autor, o problema social dos brasileiros era de ordem espiritual-moral e a modernidade acelerou o processo de deterioração humana com a intensificação do materialismo, que deveria ser combatido com os valores cristãos.

Na fase pré-integralista, às vésperas da criação da AIB, Plínio Salgado conseguiu, com o discurso anticomunista, a adesão de grupos conservadores em espaços católicos como o Centro Dom Vital.<sup>73</sup> Um dos católicos que colaborou com o integralismo foi o Padre Felício Magaldi, cujo texto baseado na encíclica *Caritate Christi Compulsi* (1932), de Pio XI, sobre a união de católicos, protestantes, maometanos, budistas e brahmanistas contra a "anarquia e o terror" produzidos pelos comunistas, seria divulgado em *A Offensiva*:

Convocando os homens que crêem para uma formidável acção social de renovação dos destinos humanos. O Integralismo não faz distinções sectarias e nisto vibra unisono com o alto pensamento do Chefe da Igreja, no ponto que claramente expõe na Encyclica "Caritate Christi Compulsi".<sup>74</sup>

Já o Padre Leopoldo Aires escreveria, em 1937:

A Ação Integralista Brasileira não é um partido, não é uma facção, mas um núcleo, cada vez mais denso, de brasileiros christãos, que outra coisa não desejam senão uma nova consciência cívica. Uma nova mentalidade política, um theor de vida sempre mais christão, um mais real e mais concreto aperfeiçoamento pessoal, afim de que por um tal caminho alcancemos a remodelação social, a effectivação de grandiosos ideais, a felicidade do Brasil [...]. No integralismo encontro uma

<sup>72</sup> RAMOS, Alexandre Pinheiro. *Intelectuais, Carisma e Ação Integralista Brasileira*. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. p. 54.

<sup>73</sup> A partir do Centro Dom Vital se organizaram várias iniciativas com a finalidade de renovar a Igreja católica na década de 1930. No Rio de Janeiro, entre os anos de 1928 e 1935, ampliou-se de 50 para 500 o número de associados ao Centro. Em 1932, foi organizada a Liga Eleitoral Católica (LEC), já referida; foram lançados os cursos do Instituto Católico de Filosofia e Ciências Sociais (ou Instituto Católico de Estudos Superiores), dirigido por Sobral Pinto, assessorado pelos padres Pedro Secondi, Tomás Keller e Mar-tinho Michler e por Amoroso Lima. A Associação dos Professores Católicos, defensora dos mesmos objetivos do Instituto, foi criada em 1933, sob a direção de Everardo Backheuser e do padre Leonel Franca. Em 1935 foi criada a Ação Católica Brasileira (ACB). Em 1937, o Centro Dom Vital possuía aproximadamente 20 ramos espalha-dos pelo país, incluindo grupos universitá-rios e operários. KORNIS, Mônica. Centro Dom Vital [verbetes]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC. Disponível em: <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionários/verbete-tematico/centro-dom-vital>>. Acesso em: 18 maio 2022.

<sup>74</sup> Museu Histórico Nacional. Hemeroteca Gustavo Barroso. Frente Unica Espiritual. Uma Encyclica De S.S.O Papa, Até Agora Pouco Divulgada Entre Os Catholicos Brasileiros. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, 24 de maio de 1934. 21/2º semestre 1933 a 1º semestre 1934. p. 197-198. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&id=1395403867914&pagfis=49304>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

oportunidade que eu, sacerdote, desejo para minha Patria, o integralismo me dá ocasião de promovê-la e consolidá-la.<sup>75</sup>

### Segundo Leandro Pereira Gonçalves e Odilon Caldeira Neto,

O catolicismo foi o principal braço religioso dos integralistas. Membros do clero católico tinham grandes proximidades com eles. Conhecidos como batinas-verdes, havia ativos militantes, como o cônego Tomaz de Aquino, os padres Leopoldo Aires e Ponciano Stenzel dos Santos, além do arcebispo de Porto Alegre, dom João Becker, e o então presbítero do Ceará, dom Helder Câmara. Eram nomes que evidenciavam uma íntima relação dos setores da Igreja com a AIB.<sup>76</sup>

Segundo Gonçalves, em praticamente todas as obras de Plínio Salgado e de outras lideranças do movimento havia menções e citações à Igreja católica. No entendimento do autor, sob o olhar da Igreja o movimento era visto “como uma verdadeira profissão de fé”. Entretanto, a expansão do integralismo era objeto de críticas e vista com cautela pelo bispo de São Carlos, de São Paulo, dom Gastão Liberal Pinto, bem como em documentos enviados pelo Núncio apostólico do Brasil, dom Benedetto, ao secretário do Papa, Eugenio Pacelli, futuro Pio XII.<sup>77</sup>

No início dos anos de 1930, especialmente em 1932, na conjuntura constitucionalista - momento em que se agravavam os acirramentos políticos -, ocorreu maior adesão dos grupos conservadores ao integralismo, muitos deles flertando com o fascismo. Foi o caso de Gustavo Barroso, que nesses anos conheceu o pensamento espiritualista de Salgado e, sobretudo, foi atraído pelo elemento nacionalista e pelos valores morais tradicionalistas, pelo anticomunismo e pelo antiliberalismo. De acordo com Newton Vieira, a filiação de Gustavo Barroso à AIB esteve relacionada com “um conjunto de preocupações ligadas à identidade nacional e às instituições da República, que fomentava a militância de parcela ponderada dos intelectuais dos anos 20 e 30”.<sup>78</sup> Assim, após uma das conferências presididas por Plínio Salgado, em 1933, Barroso entendeu que deveria se filiar à organização, conforme assinalado por

<sup>75</sup> AIRES, Padre Leopoldo. *Porque me fiz integralista: uma explicação a província de São Paulo e um apelo a mocidade paulista*. Rio de Janeiro, 1937. p. 11.

<sup>76</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira e CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2020. p. 18.

<sup>77</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. *Entre o Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português*. Tese de Doutorado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2012. p. 266-272.

<sup>78</sup> VIEIRA, Newton Colombo de Deus. *Além de Gustavo Barroso: o antisemitismo na Ação Integralista Brasileira (1932-1937)*. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em História das Sociedades Ibéricas e Americanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012. p. 65.

Alexandre Pinheiro Ramos. Mais tarde, o prestígio que possuía contribuiu com maior visibilidade e alcance à AIB.<sup>79</sup>

Dito isso, entendemos que a rede de sociabilidades formada por intelectuais conservadores em torno de revistas e jornais se ampliou com o reconhecimento da liderança de Salgado como idealizador da política integralista e foi em torno do qual se reuniu o mesmo grupo.

Em seguida veremos algumas publicações de Madeira de Freitas na *Hierarchia*, antes de sua filiação à AIB, assim como uma apresentação de colaboradores de *A Offensiva*.

## 1.2 Madeira de Freitas: de médico satírico à redator de *A Offensiva*

O capixaba José Madeira de Freitas, filho do juiz João Madeira de Freitas, nasceu na cidade de Alfredo Chaves em 3 de abril de 1893. Tornou-se próximo de Plínio Salgado na década de 1930. Segundo Alexandre Pinheiro Ramos, muitas vezes recebeu Salgado como hóspede, em sua casa no Rio de Janeiro.<sup>80</sup> Madeira de Freitas se destacou nos espaços intelectuais como escritor satírico e caricaturista, com o pseudônimo Mendes Fradique. Na edição de 1º de outubro de 1921 da revista *Fon- Fon*<sup>81</sup> consta, sobre o escritor:

Madeira de Freitas, que se oculta sob o apellido de Mendes Fradique, acaba de editar por conta dos Srs. Leite Ribeiro & Comp, sua curiosa e engraçadíssima Historia do Brasil pelo Methodo confuso, com ilustrações do próprio autor [...].

<sup>79</sup> RAMOS, Alexandre Pinheiro. *Intelectuais, carisma e Ação Integralista Brasileira*. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

<sup>80</sup> *Ibidem*. p. 50.

<sup>81</sup> Segundo Nelson Werneck Sodré, a revista *Fon Fon* “espelhava o ‘esnobismo’ carioca, fazia crítica, apresentava flagrantes e tipos do *set* da cidade e literatura, em sua primeira fase”. SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 302. Ainda sobre o mesmo periódico: “Revista ilustrada semanal fundada por Jorge Schmidt na cidade do Rio de Janeiro em 13 de abril de 1907, e extinta em agosto de 1958. Jorge Schmidt, que também era editor-proprietário das revistas *Kosmos* e *Careta*, fundou a *Fon Fon* porque queria uma publicação mais ligeira e rentável que a *Kosmos*, periódico luxuoso e caro. [...]. O nome do semanário – onopatopéia do som da buzina dos automóveis – foi criação do cartunista e poeta Emílio de Meneses. Quando fundada, a revista tinha como personagem principal um chofer chamado Fon Fon, o que reforçava a ideia de uma publicação fortemente identificada com os valores da modernidade. [...] O repertório temático de *Fon Fon* incluía os costumes e o cotidiano carioca; crítica de arte, teatral e cinematográfica; literatura, partituras, cinema, atualidades; sátira política, crônica social; jogos, charadas, curiosidades; concursos e colunismo social. Trazia flagrantes em fotos de nomes do jet set carioca, políticos, artistas e jornalistas brasileiros e internacionais. Oferecia aos seus leitores, ainda, as mais recentes novidades do estrangeiro sobre moda e comportamento”. DANTAS, Carolina Vieira. *Fon Fon* [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico da Primeira República 1889-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FON%20FON.pdf>>. Acesso em: 3 agosto 2022.

Há no livro de Mendes Fradique muita satyra tambem, escondida sob o manto da brincadeira. Felizmente, ella não nos alcançou de todo. E eis ahi, porque nós recommendamos aos leitores a leitura no novel historiador...<sup>82</sup>

O médico satírico publicou os livros *Feira livre: antologia das letras nacionais pelo método confuso* (1923); *Contos do vigário* (1924), *A lógica do absurdo* (1925 -1926), *Doutor Voronoff* (1926), *Gramática portuguesa pelo método confuso* (1927)<sup>83</sup> e *Idéias em zig-zag* (1928)<sup>84</sup>. Segundo Cleverson Carneiro, o livro *Contos do Vigário* reúne dezessete crônicas e, em algumas delas, Mendes Fradique menciona de forma satírica o comportamento de seus colegas médicos.<sup>85</sup> A edição da revista *Fon-Fon*, de 10 de fevereiro de 1923, traz um comentário sobre o livro:

Contos do Vigário - Assim se intitula o último livro de Mendes Fradique, que se esconde sob essa risonha physionomia de humorista a seriedade scientifica do medico Madeira de Freitas, afim de mais livremente poder metter a madeira nos outros. [...]

Contos do Vigário procurou o autor passar em quem lhe comprasse o volume, tal é sua excessiva modestia, apesar de estar criando uma barriga solemne e ter automovel particular e placa de metal à porta, ali na rua São Francisco Xavier; porém roubado sahiu elle, porque a gente se diverte tanto com o que conta nos contos que os acha baratos pelo preço por que são vendidos no Soria ou Leite Ribeiro.<sup>86</sup>

Na edição da mesma revista, de 9 de junho, consta o comentário de seu livro *Feira Livre* (1923):

Tudo quanto escreve [Madeira de Freitas] faz brotar sorrisos nos lábios dos leitores. O sorriso é mais difficil de produzir que o riso. [...]

Agora mesmo, com o seu recente volume, editado por Benjamin Costallat, *Feira Livre*, elle demonstra completamente o seu valor como artista consumado do humorismo.

<sup>82</sup> Museu Histórico Nacional. Hemeroteca Gustavo Barroso. *Methodo Confuso. Fon-Fon*. Rio de Janeiro, 1º de outubro de 1921. 09/ 1º Semestre a 2º Semestre 1921. p. 185. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&id=1395403867914&pagfis=46310>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

<sup>83</sup> Segundo Cleverson Carneiro, a maioria dos livros de Madeira de Freitas foi editada em uma única ocasião, sendo de difícil acesso. CARNEIRO, Cleverson Ribas. *Mendes Fradique e seu método confuso: sátira, boemia e reformismo conservador*. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2008. p. 5.

<sup>84</sup> FREITAS, Madeira de [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-madeira-de-freitas>>. Acesso em: 23 novembro 2021.

<sup>85</sup> CARNEIRO, Cleverson Ribas. *Mendes Fradique e seu método confuso: sátira, boemia e reformismo conservador*. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2008. p. 160.

<sup>86</sup> Museu Histórico Nacional. Hemeroteca Gustavo Barroso. *Atraves dos livros. Fon-Fon*. Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1923 /12/ 2º Semestre 1922 a 2º Semestre 1923. p. 68. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&id=1395403867914&pagfis=46723>>. Acesso em: 10 outubro 2022.



O livro contém charges finíssimas dos nossos vultos literatos mais eminentes, todas maravilhosas, acompanhadas de imitações felicíssimas do *stylo* peculiar a cada um, superiores na feitura e no *humour* às francezas do celebre *A la manière de...*  
O mais interessante, porém, é Mendes Fradique nesse genero de literatura leve e engraçada, mostrar quanto é talentoso e culto.<sup>87</sup>

Segundo Cleverson Carneiro, Madeira de Freitas utilizava como recurso estilístico o “método confuso”, o anacronismo, ilustrações e fotografias,<sup>88</sup> como em seu livro *Gramática portuguesa pelo método confuso* (1928). Segundo Isabel Lustosa:

Ao se propor a contar a história do Brasil pelo método confuso, Mendes Fradique acaba por adotar um rigor metodológico absurdo. Tudo em seu livro sofre efeitos do seu "método" - capa, prefácios, informações sobre outras obras do autor, número de edições, notas de pé de página, o índice, tanto quanto a própria estrutura narrativa, a entrada em cena dos personagens, etc. são objetos de confusão-humor. Ou seja, ao tentar confundir o método, Mendes Fradique cai na armadilha do mesmo e, metodicamente, não deixa se submeter à confusão.<sup>89</sup>

Ainda de acordo com Cleverson Carneiro, Madeira de Freitas teria assimilado da cultura oral boêmia as características para a criação de seus personagens, um estilo comum nos anos de 1920, bem como “características de outros autores e estratégias composicionais que ganhavam relevo, à época, por conta do vertiginoso desenvolvimento tecnológico principalmente relacionado à imprensa”.<sup>90</sup> Madeira de Freitas era, no entanto, anti-vanguardista e conservador. Isso apareceria em textos como a crônica “Doença da arte” - nela, Madeira de Freitas considerava o cubismo, o futurismo,<sup>91</sup> o impressionismo, entre outros movimentos, como “crises hystericas do senso artístico, aberrações pituitarias do bom gosto;

<sup>87</sup> Museu Histórico Nacional. Hemeroteca Gustavo Barroso. *Atraves dos livros. Fon-Fon*. Rio de Janeiro, 9 de junho de 1923/12/ 2º Semestre 1922 a 1923 2º Semestre. p. 156. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&id=1395403867914&pagfis=46811>>. Acesso em outubro 2022. É possível que a publicação seja de autoria de Gustavo Barroso, em razão da fonte (recorte de jornal) integrar-se à hemeroteca organizada pelo autor, disponível no arquivo do Museu Histórico Nacional. Contudo, a fim de evitar erros, evitamos essa atribuição.

<sup>88</sup> CARNEIRO, Cleverson Ribas. *Mendes Fradique e seu método confuso: sátira, boemia e reformismo conservador*. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2008. p. 14.

<sup>89</sup> Isabel Lustosa *apud* CARNEIRO, Cleverson Ribas. *Idem*. p. 49.

<sup>90</sup> *Ibidem*. p. 6.

<sup>91</sup> Segundo Teles, só depois de 1926 a palavra Modernismo começou a substituir o Futurismo: “É claro que o termo Modernismo se emprega atualmente para designar os movimentos artísticos e literários dos séculos XIX e XX (Cf. José Veríssimo). [...] Os limites desse período vão da morte de Mallarmé (1898) ao livro de Oswald Spengler *Decadência do Ocidente*, de 1918, período que documenta a fragmentação da unidade literária com os manifestos das várias vanguardas que se denominam futurismo, expressionismo, cubismo, cubo-futurismo, dadaísmo e surrealismo, este posterior à nossa Semana de Arte Moderna.” TELES, Gilberto Mendonça. A vanguarda latino-americana dos anos 1930. In: MURARI, Luciana, MAIA, Tatyana de Amaral e RUGGIERO, Antonio de (org.). *Do Estado à nação: política e cultura nos regimes ditatoriais dos anos 1930*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. p. 52.

são *Doenças da arte*.<sup>92</sup> Carneiro explica que existia em Freitas a visão mais generalizada no início do século XX com a “decadência moral e política” do país.<sup>93</sup> Tratava-se de um discurso reformista de exaltação ao passado, contra os valores da modernidade. Sobre isso, ressaltamos as análises de Afrânio Coutinho, de que o futurismo caracterizava-se como “movimento de negação e rebeldia com repercussão internacional” e “que expressava a negação do passado considerado como morto e inútil”.<sup>94</sup>

É provável que o uso da expressão “*Doenças da arte*” esteja vinculado ao campo de formação do autor, nas associações entre doença/arte. Madeira de Freitas se formou pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1917,<sup>95</sup> especializou-se no estudo do diabetes e exercia a profissão em seu consultório, na Zona Norte da mesma cidade, conforme vimos na referência da *Fon-Fon*, acima citada. Em 1929, Bastos Portela escreve na *Fon-Fon*:

Convenhamos que, si ha doutores, essencialmente poetas, - poetas ou literatos - ha outros que são homens de letras, tão finos homens de letras como doutores por decreto.

A classe é pouco numerosa. Entre nós, porém, muitos são os nomes illustres que, tendo indiscutível relevo na medicina, e em nossos auditorios, honram com igual brilho e nobreza os títulos de que são portadores.

Um exemplo? Será necessário apresental-os? [...]

Mendes Fradique (dr. Madeira de Freitas).<sup>96</sup>

Madeira de Freitas publicou na revista *Hierarchia*, em 1931, o artigo “Um sábio brasileiro e o premio Nobel”. Nele, o leitor conhece mais de perto a contribuição do médico Antonio Cardoso Fontes na descoberta do soro contra tuberculose, a partir da pesquisa *Vaccinação e Serotherapio e antipestosa*.<sup>97</sup> Destacamos que a tuberculose no Brasil encontrava-se em debate devido a propagação da doença desde 1910, quando o governo de Nilo Peçanha promoveu medidas sanitárias para atender a questão.<sup>98</sup> Em 1932, o mesmo médico publicou na *Hierarchia* o artigo “A filtrabilidade do Virus Tuberculoso”, sobre o

<sup>92</sup> CARNEIRO, Cleverson Ribas. *Mendes Fradique e seu método confuso: sátira, boemia e reformismo conservador*. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2008. p.12.

<sup>93</sup> *Ibidem*. p. 7.

<sup>94</sup> COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil: simbolismo, impressionismo, transição*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Sul Americana S.A., 1969. v. IV, p. 27.

<sup>95</sup> FREITAS, Madeira de [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-madeira-de-freitas>>. Acesso em: 23 novembro 2021.

<sup>96</sup> PORTELA, Bastos. As musas e os doutores. *Fon-Fon*. Rio de Janeiro, 23 de março de 1929. p. 38.

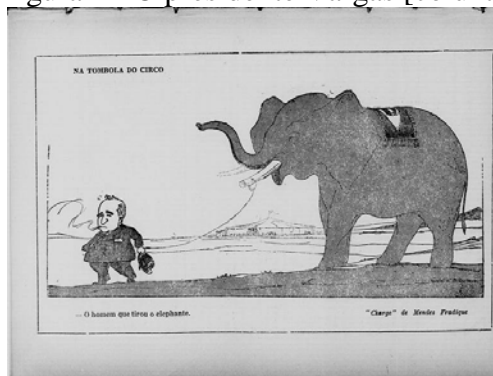
<sup>97</sup> FREITAS, Madeira. Um sábio brasileiro e o prêmio Nobel. *Hierarchia*. Rio de Janeiro, v.1, n. 2, outubro de 1931. p. 159-163.

<sup>98</sup> O primeiro Dispensário de Tuberculose foi criado em 1921, no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro. NASCIMENTO, Dilene Raimundo. *Fundação Ataulpho Paiva: Liga Brasileira contra a Tuberculose, um século de luta*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2002. p. 68-74.

processo da pesquisa e os resultados obtidos na aquisição do soro terapêutico já comentados no texto de Mendes Fradique. Observamos a sucessão do tratamento do tema pelos autores, porém não verificamos na pesquisa maiores estreitamentos ou amizade entre os mesmos.<sup>99</sup>

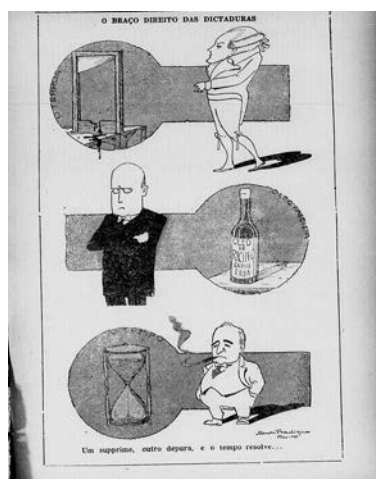
Na *Hierarchia*, Mendes Fradique publicou também a coluna “Zig-Zag: As caricaturas do mês”, em que comenta o governo de Vargas; o artigo “Civilizadores”, com uma crítica à posição dos Estados Unidos no pós Primeira Guerra; “Porque me ufano”, sobre o papel do Brasil no cenário econômico mundial; “Cinema da Intelligencia”, contendo uma análise dos filmes hollywoodianos, de fundo moralista; e “*L'éternelle Chanson*”, satirizando as relações diplomáticas entre França e Brasil.

Figura 1 - O presidente Vargas [coluna Zig Zag]



Fonte: MENDES FRADIQUE. Zig Zag. *Hierarquia*. Rio de Janeiro, v.1, n. 1, agosto de 1931, p. 70.

Figura 2 - O braço direito das ditaduras



Fonte: MENDES FRADIQUE. Zig Zag. *Hierarquia*. Rio de Janeiro, v.1, n. 2, out. 1931, p. 217.

<sup>99</sup> Em fevereiro de 1934, Getúlio Vargas inaugurou o Dispensário de Tuberculose, com o nome de Dr. Antonio Cardoso Fontes. RIOS, Maria Zilma. *Sanatório Getúlio Vargas: medicina e relações sociais no combate da tuberculose no Espírito Santo (1942-1967)*. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2009. p. 71-72.

O presidente Vargas inventou (e ahí está o genio do ditador) um novo processo de sujeição; o vomitivo. E ainda assim, ao invés do desasseio fisiológico do tartaro emético, elle apurou o vomitivo, reduzindo-o à forma jornalística. Quando em algum ponto se começa a ensaiar uma desconcentração de poder, é certo que o presidente Vargas volve o olhar attento para o caso, e, por meio de engenhoso ardil, compelle o mancebo a deitar nos jornaes entrevista, manifesto ou relatorio.

É a conta.

E o presidente Vargas, que teria contornado Itararé, tem enfrentado e vencido desassombradamente a quantos obstáculos se ergam contra a sua ditadura.

Hoje o presidente Vargas conhece a lethalidade da letra de fôrma, esse veneno capcioso que inebria as reputações mais avisadas. Na letra de fôrma tem o dictador do Brasil a sua vara de condão.<sup>100</sup>

Notar-se-á no texto “O presidente Vargas”, na coluna *Zig Zag*, e nas caricaturas, comentários sobre as questões relacionadas aos conflitos que antecedem a Assembleia Constituinte, em 1933, e, possivelmente, sobre o “afrouxamento” do chefe do governo provisório diante das pressões políticas dos anos de 1931 e 1932.

Boris Fausto assinala que a conjuntura era de definição do processo político face ao problema do tenentismo e à disputa entre o poder central e oligarquias regionais. Segundo o autor, os tenentes tinham posições diferentes dos liberais, como a defesa do prolongamento da ditadura e a de elaboração de uma constituição com representação de classes, de inspiração corporativista. Vargas teria sabido utilizá-los contra as oligarquias estaduais, mas, em 1932, as disputas entre os diferentes grupos conseguiram pressionar o governo, levando à promulgação do Código Eleitoral. Além de importantes inovações, como o voto das mulheres, a eleição proporcional para o legislativo incorporou, em parte, a representação corporativista. Ao ceder às pressões, o governo provisório também tentava pacificar os revolucionários paulistas. A bandeira da constitucionalização abrigou tanto os que esperavam retroceder às formas oligárquicas de poder quanto os que pretendiam estabelecer uma democracia liberal no país.

A conjuntura favoreceu a participação popular e a organização partidária e “parecia enfim que o país iria viver sob um regime democrático”,<sup>101</sup> apesar das críticas que, após a Primeira Guerra, tinham se agravado contra o liberalismo. Desse modo, a crise mundial fortaleceu os grupos autoritários, que viam-no como um modelo político incapaz de encontrar soluções para enfrentá-la. Foi neste contexto que Madeira de Freitas encontrou nas ideias de Plínio Salgado um Norte, como um dos intelectuais que participou do lançamento do

<sup>100</sup> MENDES FRADIQUE. O presidente Vargas. *Zig Zag. Hierarchia*. Rio de Janeiro, v.1, n. 1, agosto de 1931. p.70.

<sup>101</sup> FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: EdUSP, 2001. p. 189 -194.

*Programa - Manifesto da Legião Revolucionária de São Paulo*.<sup>102</sup> Na ocasião, escritores como Oliveira Viana, Tristão de Ataíde e Azevedo Amaral publicaram notas elogiosas na imprensa sobre a iniciativa.

O *Manifesto* não logrou o sucesso esperado, todavia resultou em uma promissora reunião no Hotel Palace, no Rio de Janeiro. Dos colaboradores da revista *Hierarchia*, participaram Madeira de Freitas, San Tiago Dantas e Helio Vianna. Também compareceram outros intelectuais que viriam se associar ao grupo, como Raymundo Padilha, Antonio Galotti, Américo Lacombe, Augusto Frederico Schmidt, Antonio Giudice, Gilson Amado e Chermont de Miranda. Dos nomes citados, Schmidt mantinha vínculo com Plínio Salgado desde a década de 1920 - fora um dos primeiros a ler o romance *O Estrangeiro*, tendo a amizade entre os dois surgido após a *Semana de Arte Moderna*. Por um tempo, foi diretor da biblioteca do Centro Dom Vital, em cuja livraria aconteciam as reuniões do grupo de intelectuais em torno de Plínio Salgado.<sup>103</sup>

Segundo Alexandre Pinheiro Ramos, depois da criação da AIB, Augusto Frederico Schmidt teve um papel crucial na edição dos livros tanto de Plínio Salgado quanto de Gustavo Barroso, tendo publicado dez livros de lideranças integralistas, perdendo apenas para o editor José Olympio, com dezoito livros. Segundo o autor, a amizade de Schmidt com Salgado nos aponta que a rede de sociabilidades se desdobrava desde as relações afetivas até a atividade política, sendo estas fundamentais na expansão das relações sociais nos espaços intelectuais e do público leitor.<sup>104</sup> Com a AIB, esses intelectuais experimentaram um processo de radicalização em suas trajetórias e atuação, corroborando o elemento fascista adotado pela doutrina integralista. Sobre este ponto, assinala Ribeiro:

Mendes Fradique apresenta-se em seus primeiros textos como monarquista e católico, mas em seus textos posteriores há a presença de um crescente radicalismo religioso e ao mesmo tempo um maior apego às utopias políticas e sociais do integralismo de Plínio Salgado. A atividade de militante é um dos fatores que

---

<sup>102</sup> O Manifesto-Programa redigido por Plínio Salgado defendia um Brasil unificado, a miscigenação racial e o combate ao latifúndio, aos trustes, aos monopólios e à absorção dos patrimônios nacionais pelos sindicatos estrangeiros. CALICCHIO, Vera. Legião Revolucionária de São Paulo [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/legiao-revolucionaria-de-sao-paulo>>. Acesso em: 23 novembro 2021.

<sup>103</sup> CALICCHIO, Vera. SCHMIDT, Augusto Frederico [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC. Disponível em: <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/schmidt-augusto-frederico>>. Acesso em: 4 agosto 2022.

<sup>104</sup> RAMOS, Alexandre Pinheiro. Intelectuais, livros e política: Schmidt Editor e José Olympio Editora na divulgação do Integralismo. *Topoi*. Rio de Janeiro, v. 16, n. 31, abr. 2015. p. 653. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/topoi/a/FNtQzY6DFpwd5mh9X8WqTWD>>. Acesso em: 15 abril 2021.

culminaram no abandono do pseudônimo e na assimilação de um discurso panfletário nas crônicas originalmente satíricas.<sup>105</sup>

Além da observação do autor, destacamos que a convivência no grupo resultou em mudanças significativas no modo como se dirigiam aos adversários políticos, que passaram a ser compreendidos como “inimigos”. Geralmente, os movimentos fascistas utilizam a estratégia do medo em suas propagandas de massa (impressos, marcha, rádio, cinema), estando entre suas características o ódio e as agressões. Na edição de *A Plebe* de 2 de dezembro de 1934 constava transcrição de nota publicada por Ari Pavão no *Diário Carioca*, de 21 de novembro de 1933, sobre confrontos envolvendo integralistas na cidade de Niterói. Conforme Pavão:

Os cidadãos detiveram-se um pouco, a ver como acabava aquilo. Esperaram, esperaram... e aquilo não acabava mais. Os homens começaram a perder a paciência. Alguns mais exaltados agitavam nas mãos calosas pedaços de pau, pedras e outros veículos de insatisfação mal contida. Percebendo a tempestade, o sr. Mendes Fradique fez uma pirueta, trepou nos degraus da igreja e penetrou um trocadilho infame. Foi a conta. O pau rodou com um entusiasmo tal, que, dentro de dois segundos, a praça estava inteiramente vazia. E é justamente esse fato que me torna, hoje, um dos mais ardentes adeptos da doutrina do sr. Plínio Salgado. O sr. Gustavo Barroso "abriu o arco" seguido das "tropas de assalto". E todos - sem exceção de um só - chegaram, coesos e soberbos em companhia do "chefe" à ponte das barcas.<sup>106</sup>

A situação se agravaria em 1935, no contexto de disputas entre a Ação Integralista Brasileira e Aliança Nacional Libertadora, quando, quase sempre, o encontro esporádico dessas militâncias resultou em brigas, como na época do levante comunista organizado por Luís Carlos Prestes.<sup>107</sup> Maio e Cytrynowicz assinalam que já na ocasião do segundo aniversário da fundação da AIB ocorreu em São Paulo um confronto entre camisadas-verdes e militantes do PCB, resultando, desse embate, seis mortos. Após o levante comunista, segundo os autores, “a liderança integralista chegou a se colocar à disposição do governo federal para

<sup>105</sup> CARNEIRO, Cleverson Ribas. *Mendes Fradique e seu método confuso: sátira, boemia e reformismo conservador*. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2008. p. 7-8.

<sup>106</sup> Museu Histórico Nacional. Hemeroteca Gustavo Barroso. *A Disciplina Integralista. A Plebe*. São Paulo, 2 de dezembro de 1934. 21/ 1º Semestre 1933 a 2º semestre 1934. p. 168-169. Transcrição de notícia do *Diário Carioca*, de 21 de novembro de 1933. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&id=1395403867914&pagfis=49278>>. Acesso em 10 outubro 2022.

<sup>107</sup> Sobre o levante comunista: “O primeiro levante militar deflagrado no dia 23 de novembro foi na cidade de Natal. No dia seguinte, outra sublevação militar ocorreu em Recife. No dia 27, a revolta eclodiu no Rio de Janeiro, então Distrito Federal [...]. Depois da rebelião, uma forte repressão se abateu não só contra os comunistas, mas contra todos os considerados opositores do regime”. PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos de 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v. 2, p. 26.

combater a insurreição comunista<sup>108</sup> e, de fato, Plínio Salgado ofereceu a Getúlio Vargas 100.000 camisas-verdes para a “defesa do país”.<sup>109</sup> Na conjuntura de indefinições que marcou a crise do poder das oligarquias e do fechamento político que culminou no Estado Novo, o objetivo do integralismo era implantar o “Estado integral”,<sup>110</sup> enquanto o alastramento das ideias comunistas era duramente combatido pelas elites.

Após a criação de *A Offensiva*, em 17 de maio de 1934, Madeira de Freitas começou a ser criticado em razão do ódio aos judeus, propagado no jornal. As acusações eram referentes ao conteúdo escrito por Gustavo Barroso na seção *Judeu Internacional*, assinada com o pseudônimo “João do Norte”. Renata Simões explica que a seção teve uma primeira fase, em 1935, e uma segunda, em 1936, sendo extinta após esse ano devido às críticas em torno da questão judaica - ponto que será posteriormente retomado. De fato, Madeira de Freitas colaborou com a circulação do antissemitismo. Na edição de *A Offensiva* de 19 de julho de 1934 tentava-se desmentir uma publicação do *Jewish Daily Bulletin*, de Nova York, sobre os camisas verdes terem lançado uma bomba contra uma escola judaica. Por este motivo, aquela população encontrava-se assustada no país. Madeira de Freitas, na ocasião, respondeu que, se existissem culpados, “exigimos que as autoridades judaicas digam o nome da escola onde funciona e qual cidade”.<sup>111</sup>

Como vemos, havia críticas e denúncias fundamentadas sobre a colaboração dos integralistas para a circulação do antissemitismo. Madeira de Freitas foi um dos responsáveis pela Secretaria de Propaganda e, posteriormente, seria um dos integrantes da Câmara dos Quatrocentos, órgão consultivo do movimento em 1937.<sup>112</sup>

<sup>108</sup> MAIO, Marcos Chor e CYTRYNOWICZ, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v. 2, p. 39-61.

<sup>109</sup> SECRETARIA NACIONAL DE PROPAGANDA. *IV Aniversário da Ação Integralista Brasileira*. Rio de Janeiro, 1937. p. 2.

<sup>110</sup> MAIO, Marcos Chor e CYTRYNOWICZ, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v. 2, p. 39-61.

<sup>111</sup> Museu Histórico Nacional. Hemeroteca Gustavo Barroso. Nós e os Judeus. Autoridades israelitas: atenção! *A Offensiva*. Rio de Janeiro, 19 de julho de 1934. 20/2ª semestre 1932 a 1º semestre 1935. p. 251. Disponível em <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&id=1395403867914&pagfis=48952>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

<sup>112</sup> A Câmara dos Quatrocentos, formada em julho de 1937, era composta de militantes de diversas "províncias integralistas" e poderia transformar-se na câmara corporativa do período transitório, antes da implantação do sistema de corporações (Resolução n. 165. *Monitor Integralista*, n. 15, outubro de 1936); a Corte do Sigma seria o órgão supremo do “Estado Integral”. Ver TRINDADE, Hélgio. *A tentação fascista no Brasil*. Imaginário de dirigentes e militantes. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2016. p. 82.

### 1.2.1 Das sociabilidades de Plínio Salgado: redatores e colaboradores em A *Offensiva*

Em primeiro lugar, destacamos que *A Offensiva* esteve sob a orientação de Plínio Salgado desde a sua fundação até 1938, quando o movimento político foi extinto por Getúlio Vargas. O jornal se distingue dos demais jornais integralistas pelo seu ciclo de vida mais longo e, segundo Renata Simões, pode ser dividido em três fases. Na primeira fase, de 1934 a 1936, o médico e escritor Madeira de Freitas ocupou o cargo de redator-chefe e, na segunda, de 1936 a 1937, e na terceira, de 1937 a 1938, assumiu a sua direção.<sup>113</sup> A partir da segunda fase, *A Offensiva* sofreu mudanças no volume de sua tiragem e na periodicidade, em razão da expansão do integralismo. Por esse motivo, o jornal passou de semanal a diário e matutino, sendo impresso de terça-feira a domingo.<sup>114</sup>

A função do *Offensiva* era promover a imagem do Chefe Nacional e da doutrina integralista para sua militância, mas também alcançar um público mais amplo. Desta forma, os redatores se empenhavam em elaborar matérias com uma linguagem simples e objetiva, recorrendo seus textos a informações apresentadas de forma clara e resumida, com vistas a influenciar a opinião dos leitores. É possível notar nos jornais integralistas a utilização de um vocabulário de fácil compreensão, com críticas aos adversários, pelo “ódio político”. Do ponto de vista da estratégia de convencimento, buscava-se a identificação dos leitores por interesses em comum, sendo o trabalho dos redatores nutrir convicções e elevar desconfianças, agravando o ódio ao “outro” e intensificando o sentimento de medo e a violência para atingir o consenso. A estrutura das matérias buscava títulos chamativos no interesse de despertar a atenção dos leitores. Já o caráter anedótico, utilizado em alguns textos, pode ser que facilitasse a leitura das notícias, junto com os artigos de opinião assinados pelas lideranças intelectuais do integralismo.

*A Offensiva*, como os demais jornais integralistas, manipulava informações na intenção de influenciar a opinião, com vistas a alcançar os leitores mais hesitantes sobre a necessidade de aderir aos ideais do movimento. A redação procurava apresentar ao público um cenário de calamidades sociais, políticas e econômicas, promovida pelos “soviets” e pelo liberalismo internacional. Tais ideias deveriam ser superadas pela mudança de mentalidade e

---

<sup>113</sup> SIMÕES, Renata Duarte. Imprensa oficial integralista: usos e ciclo de vida do jornal *A Offensiva*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira e SIMÕES, Renata Duarte (org.). *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. 2ª. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. v. 1. p. 62.

<sup>114</sup> *Ibidem*.



pela formação de uma nova consciência em acordo com a doutrina integralista.<sup>115</sup> O jornal publicava uma variedade de notícias sobre os eventos culturais, atividades religiosas (católicas), educação e esporte, além de numerosas propagandas comerciais, notas comemorativas, de falecimentos de filiados e sobre as atividades das lideranças. Contou com a participação de diversos intelectuais já renomados ou que viriam, mais tarde, a alcançar destaque, na preparação de textos e colaborações, na redação, na administração e na gerência. No quadro abaixo selecionamos um grupo de colaboradores que integraram as redes de sociabilidades na fase pré-integralista (1931-1932), os quais teriam uma participação determinante em *A Offensiva*, na produção de textos.

Quadro 1 – Autores ligados a *Hierarchia*, *SEP* e a *Offensiva* (1931-1937)

Espaço de sociabilidades	Intelectuais/colaboradores	Profissão
<i>Hierarchia</i>	Belisário Penna	médico
<i>Hierarchia</i>	Belmiro Valverde	médico
<i>Hierarchia</i>	Hélio Viana	direito/historiador
<i>Hierarchia</i>	Olbiano de Mello	farmacêutico
<i>Hierarchia e SEP</i>	San Tiago Dantas	direito

Fonte: elaboração própria, a partir de pesquisa na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, no CPDOC e no Museu Histórico Nacional.

Belisário Penna assinava a seção *Conselhos de Hygiene* de *A Offensiva*. Conforme Renata Simões, a seção buscava esclarecer os leitores sobre a importância dos tratamentos de profilaxia contra o alastramento de doenças contagiosas, educação sanitária, saneamento e assistência médica e social.<sup>116</sup> Salientamos que o médico sanitário era genro de Renato Kehl, um dos principais eugenistas brasileiros, que, assim como ele, acreditava que o progresso da nação aconteceria com o “melhoramento da raça”.<sup>117</sup> Belisário Penna era reconhecido pelos seus esforços em saúde pública desde 1916. Publicou o livro *Saneamento do Brasil* (1918),

<sup>115</sup> LEAL, Carlos Eduardo. *A Offensiva* [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC. Disponível em: <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionários/verbete-tematico/ofensiva-a>>. Acesso em: 25 abril 2021.

<sup>116</sup> SIMÕES, Renata Duarte. Imprensa oficial integralista: usos e ciclo de vida do jornal *A Offensiva*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira e SIMÕES, Renata Duarte (org.). *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. 2ª. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. v. 1. p. 82-83.

<sup>117</sup> THIELEN, Eduardo Vilela e SANTOS, Ricardo Augusto dos. Belisário Penna: notas fotobiográficas. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. v. 9, n. 2, P. 387-404, maio 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-59702002000200008>>. Acesso em: 16 outubro 2022.

fundou a Liga Pró-Saneamento, no mesmo ano, e ocupou o cargo de presidente da Sociedade Eugênica de São Paulo.<sup>118</sup> A partir de 1930, no governo provisório de Vargas, foi diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública. Em 1932, Penna ocupou interinamente o Ministério de Educação e Saúde. Além disso, no mesmo ano, decidiu apoiar Plínio Salgado na formação da AIB, tendo se destacado como membro da Câmara dos 40, seu órgão supremo.

Já o médico Belmiro Valverde se filiou ao integralismo em 1933. Colaborou com a expansão do movimento político a partir do Departamento Nacional de Finanças nas campanhas *Taxa do Sigma*, *Pelo bem do Brasil* e *Campanha do Ouro*, destinadas à manutenção dos serviços internos. As campanhas dirigidas pelo integralista eram divulgadas nas páginas de *A Offensiva* a partir de um chamado à militância. As arrecadações dos militantes, segundo a Secretaria Nacional de Propaganda, apontavam que “somente os trabalhadores urbanos, os trabalhadores rurais e os estudantes somavam 60% [de militantes], os profissionais liberais 30% e os mais ricos 10%”.<sup>119</sup> *A Offensiva* era editado graças a “coletas especiais de dinheiro” junto a firmas alemãs, italianas e japonesas atreladas a organizações fascistas.<sup>120</sup> edição de 9 de agosto de 1934 descreve para os leitores um panorama do fascismo e da posição do integralismo do Brasil:

Países de governo fascista:  
 Italia. Alemanha. Hungria. Austria. Bulgaria. Turquia.  
 Países de governo semi-Fascista:  
 Portugal. Polonia. Esthonia. Lithuania. Finlândia.  
 Países com organizações Fascistas:  
 Inglaterra - Camisas Pretas de Oswald Mosley.  
 França - Camisas azues - Jenneusses Patriotes du corone! La Roque. Action Française. Francistas do Chefe Henry Coston.  
 Estados Unidos - Camisas Kaki. Camisas Brancas e Camisas Prateadas.  
 Rumania - Guarda de Ferro.  
 Mexico - Camisas Douradas.  
 Peru - Apristas.  
 Chile.  
 China - Camisas amarellas.  
 Hollanda - Camisas Azues de O'Duffy.  
 Hespanha - Nacionaes Syndicalistas de Dom José Antonio Primo de Rivera.  
 Portugal - integralistas de Rolão Preto.  
 Belgica - nacionaes-corporativistas.  
 Suecia.

<sup>118</sup> OLIVEIRA, Jhalleson K. Belisário Penna: educação higiênica, eugenia e a formação da consciência sanitária nacional (1916-1932). *Faces da História*. Assis, São Paulo, v. 7. n.2, jul./dez. 2020, p. 299. Disponível em: <<https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/1704>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

<sup>119</sup> SECRETARIA NACIONAL DE PROPAGANDA. *IV Aniversário da Acção Integralista Brasileira*. Rio de Janeiro, 1937. p. 4.

<sup>120</sup> LEAL, Carlos Eduardo. *A Offensiva* [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC. Disponível em: <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionários/verbete-tematico/ofensiva-a>>. Acesso em: 18 maio 2022.

Brasil - Integralistas de Plínio Salgado.<sup>121</sup>

Hélio Viana assinava a seção *Notas Internacionais*, conforme Renata Simões, na qual se incluíam notícias sobre o fascismo e o comunismo e de países como Rússia, Alemanha e Itália. Além disso, sua cobertura da Revolução Espanhola, dos conflitos políticos na Palestina e na Etiópia e da guerra nipônica exaltava as campanhas fascistas.<sup>122</sup>

Viana assumiu o cargo de secretário de *A Offensiva* entre os anos de 1934 e 1936.<sup>123</sup> Tendo sido um dos idealizadores da AIB,<sup>124</sup> tornou-se amigo de Salgado nos anos em que atuou na SEP. Desde a fundação do movimento, colaborou com a formação da militância como professor do curso de História do Brasil organizado pelo Departamento de Doutrina, da Província da Guanabara da AIB.

Olbianio de Mello, como Hélio Viana, também foi membro da SEP. Participou da formação da AIB, tendo sido, antes, fundador do Partido Nacional Sindicalista em Minas Gerais. Yonne de Souza Grossi e Maria Auxiliadora Faria apontam que Olbianio de Mello visava agregar todas as categorias de trabalhadores num “projeto societário de caráter corporativista”.<sup>125</sup> Em *A Offensiva*, Olbianio de Mello colaborou com artigos, assim como os demais intelectuais integralistas referidos. Segundo Renata Simões, essa elite intelectual deveria ocupar-se de “educar as ‘massas’, de preparar a doutrina e transmiti-la ao povo”.<sup>126</sup>

O advogado San Tiago Dantas foi peça chave na formação do integralismo desde a criação do jornal *A Razão*, em 1931. Segundo Rodrigo Oliveira, *A Razão* destinava-se à publicação de textos voltados à doutrinação de massa, sempre em exaltação aos ideais

---

<sup>121</sup> Museu Histórico Nacional. Hemeroteca Gustavo Barroso. O Fascismo no Mundo. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1934. 20/2ª semestre 1932 a 1º semestre 1935. p. 240. Disponível em <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&id=1395403867914&pagfis=48941>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

<sup>122</sup> VIANA, Helio [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC Disponível em: <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionários/verbete-biografico/viana-helio>>. Acesso em: 18 maio 2022; SIMÕES, Renata Duarte. Imprensa oficial integralista: usos e ciclo de vida do jornal *A Offensiva*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira e SIMÕES, Renata Duarte (org.). *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. 2ª. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. v. 1. p. 80-81.

<sup>123</sup> *Ibidem*. p. 80.

<sup>124</sup> GROSSI, Yonne de Souza e FARIA, Maria Auxiliadora. Em Belo Horizonte operários vestem camisas verdes? *Cadernos DCP; revista do Departamento de História*, n. 8; n. 10 [número conjunto] - 100 anos de República, 1990. p. 166.

<sup>125</sup> GROSSI, Yonne de Souza e FARIA, Maria Auxiliadora. Em Belo Horizonte operários vestem camisas verdes? *Cadernos DCP; revista do Departamento de História*, n. 8; n. 10 [número conjunto] - 100 anos de República, 1990. p. 166-167.

<sup>126</sup> SIMÕES, Renata Duarte. Imprensa oficial integralista: usos e ciclo de vida do jornal *A Offensiva*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira e SIMÕES, Renata Duarte (org.). *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. 2ª. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. v. 1, p. 66.

nacionalistas inspirados no fascismo italiano.<sup>127</sup> No ano de sua criação, San Tiago Dantas trabalhava no gabinete do Ministro da Educação e Saúde, Francisco Campos, tendo sido um dos criadores da revista *Hierarchia*. Em *A Offensiva*, conforme assinala Vilma Keller, o integralista escrevia sobre a situação política nacional e internacional. Lecionou, também, nos cursos promovidos pelo Departamento de Doutrina da Província da Guanabara, sendo um dos membros da Câmara dos 40. San Tiago Dantas participou do levante contra o governo de Getúlio Vargas em 11 de março de 1938.<sup>128</sup>

Diversos intelectuais brasileiros, como vimos a partir do quadro selecionado por sua atuação na imprensa integralista, colaboraram com a criação, a organização e a expansão da AIB. Por certo, com sua notoriedade e presença nos meios editoriais, contribuíram para a expansão do movimento em espaços consagrados, tanto políticos como intelectuais.

Vejamos, a seguir, a partir do mesmo grupo de atores, o pensamento e a trajetória de Gustavo Barroso no integralismo, tema central deste trabalho.

### 1.3 Gustavo Barroso: radicalização e prática política

Gustavo Adolfo Luiz Guilherme Dodt da Cunha Barroso nasceu em Fortaleza, no estado do Ceará, em 29 de dezembro de 1888. Com o falecimento de sua mãe, Ana Guilhermina Dodt Barroso, de nacionalidade alemã, aos sete dias de nascido, seu pai Antonio Felino Barroso e suas tias paternas se encarregaram de sua criação. Gustavo Barroso conta que teve acesso à biblioteca de seu avô paterno, José Maximiliano Barroso, nos anos em que estudou no Liceu do Ceará. Segundo ele, as obras *História de Napoleão*, de Carlos Hugo, filho de Victor Hugo, de Dumas, Montépin, Ponson du Terrail, Eça de Queiroz e Gustave Flaubert tiveram, inicialmente, grande influência sobre sua formação.<sup>129</sup> Nos anos da escola primária e secundária, retocava fotografias e também desenhava retratos e caricaturas. Em

<sup>127</sup> OLIVEIRA, Rodrigo dos Santos. A imprensa da Ação integralista em perspectiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira e SIMÕES, Renata Duarte (org.). *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. p. 31-33.

<sup>128</sup> KELLER, Vilma. DANTAS, San Tiago [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-clementino-de-san-tiago-dantas>>. Acesso em: 18 maio 2022.

<sup>129</sup> Mencione-se também “As mil e uma noites; contos tártaros; História dos piratas bucaneiros e flibusteiros; Mísero, o feliz independente da vida e da fortuna; História de um bocadinho de pão; O Renegado, e a coleção de Júlio Verne que conseguiria com um amigo bibliotecário”. FERNANDES, Lia Silvia Peres. Gustavo Barroso e seu tempo. *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, v. 35, 2003, p. 185-186.

1906, escreveu um artigo para a revista *República* e trabalhou para o jornal *O Unitário*, dirigido por João Brígido,<sup>130</sup> de quem era amigo pessoal. Na infância, demonstrou interesse pela temática militar, mas seu pai o teria impedido de viver o sonho de ingressar na carreira e, logo, a família o encorajou a escolher o curso da Faculdade de Direito de Fortaleza.<sup>131</sup> Nestes anos de formação, de 1907 a 1912, fundou os jornais *O Caricato*, *O Garoto*<sup>132</sup> e *O Equador* e escreveu para os jornais *O Colibri* e *Figaça*. Em 1908 e 1909 trabalhou como redator do *Jornal do Ceará* e colaborou com os jornais socialistas *Demolidor* e *Regenerador*, na época em que tomou parte do *Clube Máximo Gorki*.<sup>133</sup>

Concluiu o curso de bacharelado em Direito na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro em 1912, ano do lançamento do seu primeiro livro, *Terra do Sol*, que o consagraria nos espaços literários, sob o pseudônimo “João do Norte”. Na ocasião, Sílvio Romero comentou que o livro era “uma obra de arte como documento étnico social” e Rui Barbosa elogiou o talento do cearense, ao retratar tão bem as terras do norte.<sup>134</sup> No Rio de Janeiro, a amizade com o escritor Coelho Neto ampliou sua rede de sociabilidades e sua presença nos espaços literários, sendo frequentes os jantares na casa do escritor.<sup>135</sup> Em 1912 lecionou no Ginásio de Petrópolis e, além disso, assumiu o cargo de redator-chefe do *Jornal do Commercio*,<sup>136</sup> filiando-se ao Partido Republicano Conservador. No ano seguinte, foi nomeado secretário-geral da Superintendência de Defesa da Borracha e se elegeu deputado federal pelo Ceará, pelo mesmo partido, com apoio do político gaúcho Pinheiro Machado, seu amigo desde o ano anterior.<sup>137</sup>

Nos anos de 1915-1918, com o mandato de deputado federal, fundou com seu amigo Paulo Silveira o semanário *Brás Cubas*, com fins políticos.<sup>138</sup> Apresentou o projeto restaurando o uniforme tradicional da Imperial Guarda de Honra para o 1º Regimento de Cavalaria do Exército, com a designação de Dragões da Independência, e o de criação do Dia

<sup>130</sup> CAMPOS, Eduardo. *Gustavo Barroso - sol, mar e sertão*. Fortaleza: EUFC, 1988. p. 52.

<sup>131</sup> MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 69.

<sup>132</sup> *O Garoto* foi criado em parceria com José Gil Amora e tinha edições semanais e quinzenais. CAMPOS, Eduardo. *Gustavo Barroso - sol, mar e sertão*. Fortaleza: EUFC, 1988. p. 52.

<sup>133</sup> FERNANDES, Lia Silvia Peres. Gustavo Barroso e seu tempo. *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, v. 35, p. 188, 2003.

<sup>134</sup> CAMPOS, Eduardo. *Gustavo Barroso - sol, mar e sertão*. Fortaleza: EUFC, 1988. p. 74.

<sup>135</sup> CAMPOS, Eduardo. *Gustavo Barroso - sol, mar e sertão*. Fortaleza: EUFC, 1988. p. 73.

<sup>136</sup> ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Gustavo Barroso. Biografia. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/gustavo-barroso/biografia>>. Acesso em: 10 outubro 2022..

<sup>137</sup> FERNANDES, Lia Silvia Peres. Gustavo Barroso e seu tempo. *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, v. 35, 2003, p. 190.

<sup>138</sup> CAMPOS, Eduardo. *Gustavo Barroso - sol, mar e sertão*. Fortaleza: EUFC, 1988. p. 113.

do Soldado.<sup>139</sup> No ano de 1916, no contexto da Grande Guerra, propôs à Câmara um projeto de lei contra a entrada de imigrantes “indesejáveis” no país. Conforme o *Diário Oficial*, de 16 de setembro de 1916, o projeto, em seu artigo primeiro, determinava:

Art. 1. O Governo Federal impedirá a entrada no território da República aos indivíduos de nacionalidades estrangeiras, cegos, surdos-mudos, paralyticos, enfermos de molestias contagiosas ou incuraveis, mutilados do braço direito, de ambos os braços ou ambas as pernas, idiotas, imbecis, alienados mentaes de qualquer especie, criminosos condenados nos paizes de origem, mendigos, ciganos, mullheres sós, viúvas com filhos menores de 16 annos, homens maiores de 60 annos e menores de 16.<sup>140</sup>

No dia seguinte, o jornal *A Rua* elogiava a iniciativa do deputado Gustavo Barroso, ao tentar implementar no país o projeto de lei contra os “indesejáveis”, que, segundo o editorial, deveria contar com apoio de toda a imprensa. Em declaração ao mesmo jornal, Barroso explicava que, após ler estatísticas sobre imigrantes no *Jornal do Comércio*, ficara alarmado com o problema e, por este motivo, havia elaborado o projeto para a Comissão de Agricultura, inspirado na legislação *Yankee*<sup>141</sup> e também nos modelos da Argentina, do Chile, do Canadá e da Inglaterra, que, segundo ele, eram ainda mais severos.

No dia 19 do mesmo mês, Antônio Torres, em texto na *Notícia*, salientava a importância da apreciação da Câmara de Deputados, para a aprovação do projeto de lei, reiterando a necessidade da observância do artigo 1º. Para Torres, os governos não foram constituídos para “praticar caridade” aos estrangeiros, mas para cuidarem do bem dos cidadãos.<sup>142</sup> No mesmo dia, a *Gazeta de Notícias* publicou uma matéria sobre a política de imigração adotada na América do Norte com o propósito de “sanear o território” contra os indivíduos “inutilizados”, de caráter moral “anormal” e “prejudiciais” ao desenvolvimento da nação. Os imigrantes considerados “indesejáveis”, segundo o jornal, foram impedidos de entrar nos Estados Unidos porque os legisladores consideravam o desembarque de mutilados,

---

<sup>139</sup> FERNANDES, Lia Silvia Peres. Gustavo Barroso e seu tempo. *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, v. 35, 2003, p. 190.

<sup>140</sup> Museu Histórico Nacional. Hemeroteca Gustavo Barroso. *Diário Oficial*. 21 de Setembro de 1916. 06/2º semestre 1916 a 1º semestre 1918. p. 4. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&id=1395403867914&pagfis=45754>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

<sup>141</sup> Museu Histórico Nacional. Hemeroteca Gustavo Barroso. OS INDESEJAVEIS. *A Rua*. Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1916. 06/2º semestre 1916 a 1º semestre 1918. p. 3. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&id=1395403867914&pagfis=45753>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

<sup>142</sup> Museu Histórico Nacional. Hemeroteca Gustavo Barroso. OS INDESEJAVEIS... *A Notícia*. Rio de Janeiro, 19 e 20 de setembro de 1916. 06/2º semestre 1916 a 1º semestre 1918. p. 2. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&id=1395403867914&pagfis=45753>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

indivíduos de conduta moral “perniciosa” e com grave carência financeira ou deficiências mentais um “problema” para a ordem nacional. Argumentava-se que, tal como naquele país, era de suma relevância a aprovação do projeto de lei do jovem representante cearense, por se tratar de “projeto sociológico” de grande utilidade na prevenção de indivíduos “prejudiciais”. Nos dias 20 e 21 de setembro de 1916, a *Gazeta de Notícias* defendia a urgência de regulamentação da imigração, contendo-se a “legião de mutilados e indivíduos parasitas positivamente indesejáveis”.<sup>143</sup>

No dia 23 de setembro de 1916, *A Rua* apresentou esclarecimentos do deputado sobre a política de imigração na Argentina, que, segundo o texto, tinha o objetivo de “defender a raça” e o progresso nacionais”. Por isso, aquele governo teria tratado com seriedade a regulamentação da lei, antes mesmo do Brasil. Naquele país começavam a vigorar leis impeditivas à entrada de “paralíticos”, inválidos, dementes, epiléticos, tuberculosos, mendigos, mulheres sós etc. Já no Chile, “o ministro do interior baixou um decreto exigindo certificado de boa saúde com a finalidade de restringir a entrada de loucos, mendigos, analfabetos, prostitutas e todos que não possuem certa somma (40 dólares), necessária às primeiras despesas”<sup>144</sup>. Sobre esses pontos Gustavo Barroso declarou ao jornal que,

Nada há de mais importante e decisivo para o futuro do Brasil, já tão mal servido etnicamente e que só com a ação do tempo se irá se libertando dos elementos péssimos que o atopem, do que a formação duma raça physica e moralmente sadia, apta para qualquer trabalho, expurgada de sangue máo e de tendencias perniciosas.<sup>145</sup>

Como se pode notar, uma fração da imprensa nacional se manifestava contra os imigrantes “indesejáveis”<sup>146</sup>. Nessa conjuntura, segundo nota publicada em *O Malho*, na seção “Salada da Semana”, o projeto de lei teria o apoio de Medeiros e Albuquerque, Epitácio Pessoa, Graça Aranha, Nuno de Andrade, Eduardo Salamonde, Amaro Cavalcante, entre

---

<sup>143</sup> Museu Histórico Nacional. Hemeroteca Gustavo Barroso. Um projeto patriótico do deputado Gustavo Barroso sobre a imigração. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1916. 06/ 2º Semestre 1916 a 1º Semestre 1918. p. 4. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&id=1395403867914&pagfis=45755>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

<sup>144</sup> Museu Histórico Nacional. Hemeroteca Gustavo Barroso. Ainda este anno os "indesejáveis" serão prohibidos de entrar no Brasil. Seguiremos assim os passos da Argentina. Como o Sr. Gustavo Barroso justifica o seu projeto. *A Rua*. Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1916. 06/2º Semestre 1916 a 1º semestre 1918. p. 6-7. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&id=1395403867914&pagfis=45756>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

<sup>145</sup> *Ibidem*.

<sup>146</sup> Museu Histórico Nacional. Hemeroteca Gustavo Barroso. *OS INDESEJÁVEIS*. *A Rua*. Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1916. 06/2º semestre 1916 a 1º semestre 1918. p. 2. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&id=1395403867914&pagfis=45753>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

outros.<sup>147</sup> Mais tarde, nos anos de militância pelo integralismo, o posicionamento de Barroso em relação aos imigrantes sofreria mudanças no que se refere a uma “questão judaica”, ou seja, o enfoque sobre a imigração passaria a se limitar a barrar a entrada dos judeus no país.

Gustavo Barroso priorizou as pautas conservadoras, embora, na segunda metade dos anos de 1920, conforme afirma Newton Vieira, ele tenha se filiado ao Partido Democrático de São Paulo.<sup>148</sup> Mas a mudança de republicano para democrata teve uma curta duração. No mesmo período, Barroso tornou-se amigo de Epiácio Pessoa, o que lhe garantiu, em 1922, o cargo de diretor do Museu Histórico Nacional. À época de sua nomeação, em 24 de agosto deste ano, em entrevista ao jornal *A Pátria*, assinalava:

Para felicidade nossa, acabou-se no Brasil a era do descaso pelo nosso passado. Coube ao Exmo. Sr. Presidente Epiácio Pessoa a glória de ter instituído no seu país natal, cujas tradições tanto o estreito sectarismo positivista se tem esforçado por matar, o Culto da Saudade. Ele o iniciou, revogando o banimento da Família Imperial e fazendo com que viessem repousar na pátria querida as cinzas daquele que, durante meio século de bondade, dirigira seus destinos. Ele o cimenta instituindo o Museu Histórico que custodiará as lembranças mais importantes da nossa vida militar, naval, política e social, durante os mais notáveis períodos. E ele terminará a obra fazendo renascer na fita azul a estrela de cinco pontas dessa ordem genuinamente nacional do cruzeiro, que brilhou sobre o fardão dos nossos melhores estadistas e sobre o largo peito dos nossos heróis.<sup>149</sup>

O trecho denota o conservadorismo e a concepção de História de Gustavo Barroso, pela ênfase na celebração dos símbolos militares e do passado imperial que fundamentaria sua atuação no mesmo Museu. A partir dessa instituição Barroso realizou um expressivo levantamento da memória oficial do país. Participou também de diversas associações culturais, sociedades e institutos, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), os diversos institutos históricos e científicos nos estados e associações culturais internacionais.<sup>150</sup>

---

<sup>147</sup> Museu Histórico Nacional. Hemeroteca Gustavo Barroso. Salada da Semana. *O Malho*. Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1916//06/2º semestre 1916 a 1º semestre 1918. p 10. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&id=1395403867914&pagfis=45761>> Acesso em: 10 outubro 2022.

<sup>148</sup> VIEIRA, Newton Colombo de Deus. *Além de Gustavo Barroso: o antisemitismo na Ação Integralista Brasileira (1932-1937)*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012. p. 64-65.

<sup>149</sup> Museu Histórico Nacional [entrevista]. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 1, 1940, p. 212.

<sup>150</sup> Na América do Sul foi membro da Sociedade de Geografia de Lima. Na Europa foi membro da Academia Portuguesa de História, da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia de Belas Artes de Portugal, da Sociedade dos Arqueólogos de Lisboa, do Instituto de Coimbra, da Sociedade de Geografia de Lisboa, da *Royal Society of Literature*, de Londres, e da Sociedade Numismática da Bélgica. ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Gustavo Barroso. Biografia. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/gustavo-barroso/biografia>>. Acesso em: 10 outubro 2022.



Destacou-se, ainda, como escritor prolífero, membro da Academia Brasileira de Letras, atuando nos gêneros de contos, crônicas, novelas regionais, romance, folclore, crítica, erudição e filologia, história, ensaios, biografias, dicionário, memórias, poesia e política.<sup>151</sup> Na primeira fase de sua produção literária, revelou interesse pela cultura regional e pela geografia física do Ceará, nos livros *Terra do sol* (1912); *Praias e várzeas* (1915); *Heróis e Bandidos* (1917); *Ao som da viola* (1921); *Casa de marimbondos* (1921); *Através do folclore* (1927); *Almas de lama e aço* (1928). Escreveu livros de narrativas militares como *A guerra de Lopes* (1928); *A guerra do Flores* (1929); *A guerra do Rosas* (1929); *A guerra do Vidéo* (1930); *A guerra do Artigas* (1930); *O Bracelete de safiras* (1931); e *Osório o centauro dos pampas* (1932). Em 1935, publicou *História Militar do Brasil*, cobrindo desde o período colonial até o princípio do século XX, e *Guerra do Paraguai e a evolução dos uniformes militares, dos armamentos e da hierarquia do Exército*. No mesmo ano, comandava as Escolas de Educação Moral, Cívica e Física da AIB.<sup>152</sup>

Essa numerosa produção tinha repercussão nos espaços literários e na imprensa, para além da esfera institucional. Em 1937, no *Anuario Brasileiro de Literatura*, o crítico Agripino Grieco<sup>153</sup> escreve sobre o escritor, não sem ironia:

Primeiro, assalta-me a duvida sobre si se falou muito ou pouco do Sr. Gustavo Barroso. No caso de haverem sido escassas as referências aos seus livros, é que é difícil acompanhá-lo na produção vertiginosa que o caracteriza. [...]. Sim, causa assombro ver um cidadão dos tropicos, ainda não quinquagenário, e que dirige uma repartição e uma revista mundana, faz predicas civicas, passa os domingos jogando xadrez num club elegante, ter ainda lazeres para versar tantas letras e sciencias, discorrendo, em mais de cincoenta volumes, sobre ethonographia, philologia, heraldica, tradições militares, questões politicas europeas, moral, uniformes do Exército, bolchevismo, a guerra de Artigas e a guerra do Rosas, cangaceirismo, Atlantida, Byzancio, integralismo, banqueirismo, semitismo, dando de quebra um romance e o catalogo geral do Museu Historico. É uma pergunta acode aos senhores de bom senso, que têm direito a desconfiar dessa miraculosa omnisciencia - entenderá elle mesmo de tudo isso, estará tudo certo?<sup>154</sup>

<sup>151</sup> Na Academia Brasileira de Letras, a partir de 1923, ocupou os cargos de tesoureiro, segundo e primeiro-secretário e secretário-geral, de 1923 a 1959, e presidente da entidade em 1932, 1933, 1949 e 1950.

<sup>152</sup> SECRETARIA NACIONAL DE PROPAGANDA. IV *Aniversário da Acção Integralista Brasileira*. Rio de Janeiro, 1937. p. 1-5.

<sup>153</sup> Agripino Grieco foi poeta, crítico e ensaísta brasileiro, nascido em Paraíba do Sul, no estado do Rio de Janeiro. Colaborou no *Boletim de Ariel* e em *O Jornal*. Neste último, substituiu Tristão de Ataíde como crítico literário. Foi também escritor, premiado com menção honrosa pela ABL, concedida ao livro de poemas *Ânforas* (1910). Biblioteca Nacional Digital. Periódicos & Literatura. Personagens. Agripino Grieco. Texto de Maria do Sameiro Fangueiro. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/agripino-grieco>>. Acesso em: 15 novembro 2022.

<sup>154</sup> GRIECO, Agripino. Alguns livros de 1936. *Anuario Brasileiro de Literatura*. Rio de Janeiro, v. 1, 1937. p. 11.

As perspectivas racistas de Gustavo Barroso expressavam-se em seus textos literários e memórias. No livro de memórias *Liceu do Ceará* (1941), o autor contava com orgulho ter o “sangue germânico”.

(..) se falava tanto em tradição. Único menino no meio de gente velha e conservadora, eu tinha ainda [...] a aumentar o amor ao passado e aos seus ideias de ordem e construção o sangue germânico de minha mãe, filha do engenheiro alemão Gustavo Dodt, que dera sua vida ao serviço do Brasil, explorando rios, estudando os costumes de seus indígenas e construindo suas linhas telegráficas. A sua estirpe era a dos Von Lanzehr, de Damenberg, no Hannover, e a de sua mulher, a dos Von Mohlielbroeck, de Dantzig.<sup>155</sup>

Segundo Ana Maria Dietrich, Gustavo Barroso costumava mencionar a ascendência alemã, tendo parte de sua família o sobrenome Dodt. Nos anos 1930 teria enviado para o Instituto Ibero-americano de Berlim seus livros antissemitas, com a intenção de que fossem resenhados em sua revista, o que não aconteceu.<sup>156</sup> A autora assinala que aos integralistas interessava conquistar adesão nas colônias teuto-brasileiras. Os teuto-brasileiros somavam 900 mil pessoas, sendo que 80% deles seriam simpatizantes do regime hitlerista, em parte, também, identificando-se com o integralismo pelos rituais paramilitares e pelo conteúdo ideológico.<sup>157</sup> Para Marcos Chor Maio, Gustavo Barroso se aproximou do nazifascismo, respaldando sua “campanha contra os judeus”.<sup>158</sup>

Sobre esses pontos, enfatizamos que a atuação pública de Gustavo Barroso inicialmente apontou um maior interesse pelos valores tradicionalistas e de matriz conservadora e autoritária. Contudo, nota-se uma radicalização de suas ideias, no processo de adesão às novas práticas políticas, após a filiação, em 1933, à AIB, quando começou a redigir artigos e livros de teor antissemita, próximos do nazifascismo. Outra mudança importante teria sido o fortalecimento do traço religioso e cristão em sua obra. Conforme nota Marcos Chor Maio, Gustavo Barroso não teve educação religiosa na infância, pois seu pai, Antônio Felino Barroso, era agnóstico, e por ter estudado em colégio laico.<sup>159</sup>

<sup>155</sup> Gustavo Barroso *apud* CAMPOS, Eduardo. *Gustavo Barroso - sol, mar e sertão*. Fortaleza: EUFC, 1988. p. 52.

<sup>156</sup> DIETRICH, Ana Maria. Entre sigmas e suásticas: nazistas e integralistas no Sul do Brasil. In: SILVA, Giselda Brito (org.). *Estudos do integralismo no Brasil*. Recife: Ed. da UFRPE, 2007. p. 203.

<sup>157</sup> DIETRICH, Ana Maria. Entre sigmas e suásticas: nazistas e integralistas no Sul do Brasil. In: SILVA, Giselda Brito (org.). *Estudos do integralismo no Brasil*. Recife: Ed. da UFRPE, 2007. p. 199.

<sup>158</sup> MAIO, Marcos Chor. O pensamento anti-semita moderno no Brasil: o caso Gustavo Barroso. *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, v. 35, p. 238, 2003.

<sup>159</sup> MAIO, Marcos Chor. *Nem Rothschild nem Trotsky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 68.

Notamos como esses traços de sua atuação política e intelectual foram registrados nas notícias dos jornais integralistas e por seus críticos. A edição de *A Offensiva*, de 7 de julho de 1937, tratava da visita de Gustavo Barroso ao núcleo integralista do Espírito Santo, onde este teria discursado sobre o “complô” do judaísmo contra o Brasil e o cristianismo.<sup>160</sup> Sua fala, na ocasião, estruturava-se na oposição cristão-judeu, provavelmente pela aposta do orador na adesão do primeiro grupo à lógica discursiva da AIB. Na edição de *A União*, em junho de 1937, ficava evidente essa oposição:

O marxismo judaico é a doutrina destruidora creada pela inveja dum povo reprobado contra a civilização que os outros crearam e que elle quer destruir para imperar sobre as ruinas dum mundo - o Mundo Christão.  
Era a inveja que aguçava os pharizeus contra Christo. E a inveja que lança o communismo contra o Christianismo.<sup>161</sup>

Como se lê no trecho em destaque, o “marxismo judaico” é definido no texto como uma obra “destruidora”, ideia que estava presente em textos antissemitas em circulação na Europa no período, de caráter panfletário e de propaganda. Mobilizava-se, desse modo, uma oposição entre as supostas “superioridade” cristã e “inferioridade” judaica.

Sobre a questão da religião no integralismo, segundo Héglio Trindade, a maioria dos filiados ao movimento era de católicos, achando-se entre descendentes de imigrantes alemães do Rio Grande do Sul e em Santa Catarina registros de integralistas protestantes. Não foram encontrados integralistas da religião judaica.<sup>162</sup>

Em dezembro de 1936, no congresso da imprensa integralista reunido em Belo Horizonte, aprovou-se a tese de Alberto Silves a respeito do tema da religião na AIB. Segundo Silves, o movimento político negava ter pretensões religiosas, embora, no entanto, se inspirasse em três correntes do pensamento cristão: o catolicismo romano, a reforma protestante e a 3ª revelação do espiritismo. A partir disso, os integralistas deveriam afirmar princípios de tolerância em seus discursos públicos e na propaganda, obedecendo a este princípio comum.<sup>163</sup>

<sup>160</sup> *A Offensiva*. Rio de Janeiro, 7 de julho 1937. p. 1.

<sup>161</sup> Museu Histórico Nacional. Hemeroteca Gustavo Barroso. O COMUNISMO E A INVEJA. *A União*, nº comemorativo de junho de 1937. 25/ 1º semestre 1937 a 1º semestre 1939. p. 44. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&id=1395403867914&pagfis=49786>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

<sup>162</sup> TRINDADE, Héglio. *A tentação fascista no Brasil: imaginário de dirigentes e militantes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2016. p. 89.

<sup>163</sup> SALGADO, Plínio. Código de Ethica do Jornalista. *Congresso Nacional de Imprensa Integralista*. Belo Horizonte, 1936. p. 4-8.

Nesse enquadramento, a campanha antissemítica de Gustavo Barroso descumpria tais orientações, promovendo a difusão do ódio à cultura, à religião e ao pensamento judaico e às práticas dos judeus. Essa campanha se disseminava, por sua vez, em reuniões, conferências, caravanas e palestras de que Barroso participava, como representante de uma doutrina que se apresentava como de “tolerância”, o que lhe trazia críticas e reações. No Ceará, em julho de 1937, já no contexto da campanha de Plínio Salgado à presidência da República, um grupo de estudantes teria tentado agredir Barroso, atacando-o com vaias, conforme registro do jornalista Oseias Martins no *Correio do Ceará*.<sup>164</sup>

Entendemos, no entanto, que a doutrina espiritual da AIB "autorizava" Gustavo Barroso a estabelecer barreiras entre cristãos e cristãos e, ao que parece, a construir rivalidades entre os mesmos, visando obter o apoio dos primeiros no confronto que promovia contra os judeus. Em texto de 1935, Barroso buscava inspirar a juventude integralista (e católica) a partir do reforço ao sentimento de irmandade entre os cristãos e da pureza da doutrina, que, segundo ele, teria salvo a própria Igreja:

[...] o zelo pela pureza doutrinária é obrigação precípua de todos os Integralistas. Este zelo salvou a Igreja de todas as seitas, heresias, sismas e protestos. Quando uma doutrina se conserva pura, os galhos protestantes apodrecem por si mais hoje, mais amanhã... Se o pensamento dum desses galhos conseguisse superar o pensamento da árvore, seria a negação do integralismo: parte impondo-se ao todo. [...] Que esta fôlha de jovens entusiastas e crentes seja o seu arauto!<sup>165</sup>

Gustavo Barroso reforçava, assim, o compromisso com a ideia de unidade, dirigindo-se à militância integralista e ao grupo católico, ao tratar da disciplina e da cooperação.<sup>166</sup> No mesmo contexto, difundia-se o antisemitismo pela leitura de livros e de notícias, artigos e transcrição de discursos e palestras nos periódicos da AIB e na grande imprensa. Recorrendo mais uma vez à imprensa cearense, temos o exemplo do jornal integralista *A Razão*, que, ao noticiar a presença de Barroso nas cidades de Quixadá e Pacatuba, em agosto de 1937, registrava:

<sup>164</sup> Museu Histórico Nacional. Hemeroteca Gustavo Barroso. GUSTAVO BARROSO. *Correio do Ceará*. Fortaleza, 21 de julho de 1937. 25/ 1º Semestre 1937 a 1º semestre 1939. p. 58-59. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&id=1395403867914&pagfis=49800>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

<sup>165</sup> Museu Histórico Nacional. Hemeroteca Gustavo Barroso. Doutrina. *Guanabara*, 25 de junho de 1937. 25/ 1º Semestre 1937 a 1º semestre 1939. p. 45. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&id=1395403867914&pagfis=49787>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

<sup>166</sup> A participação dos católicos no Brasil, em 1940, era de 95,2%, como grupo dominante religioso. DECOL, René Daniel. *Imigrações urbanas para o Brasil: o caso dos judeus*. Tese de doutorado - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 1999. p. 112. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280254>>. Acesso em: 26 julho 2018.

O orador de linguagem sempre clara, concisa e cheia de fé cívica, abordou varios pontos da Doutrina do Sigma. Analisou ainda com profundidade de argumentos e evidencias de dados, as candidaturas liberais, ambas nocivas à Pátria, ambas desmoralizadas pelo apoio comunista - judaico - maçônico que recebem e ambas fadadas a mais completa derrota.<sup>167</sup>

Também na imprensa integralista respondiam-se às críticas e acusações dirigidas ao escritor. Emílio Kaminski,<sup>168</sup> no gaúcho *A Revolução*,<sup>169</sup> considerava que tais ataques não passavam de “um cavalo de batalha”:

Dizem que houve cisão nas hostes integralistas. Que Plínio Salgado e Madeira de Freitas (o grande Mendes Fradique das letras nacionais) defendem os judeus, e Gustavo Barroso os ataca. Dizem que Madeira de Freitas recebeu 20 contos para defender os judeus, injúria que lhe foi lançada pelo "Diário da Noite" do Rio. Como o "Diário de Notícias" daqui, da corrente dos Diários Assalariados do "Chatô", escrevesse "um dos chefes" houve quem dissesse que o Chefe Nacional é que recebeu esta quantia astronômica de 20 contos (vinte contos de réis) para pôr-se na defesa dos judeus.<sup>170</sup>

Um ponto importante no trecho em destaque é o estereótipo negativo relacionando os judeus ao dinheiro, que, na narrativa, nega-se que tenha sido recebido pelas lideranças integralistas para defender os judeus. Outras refutações, de Plínio Salgado e de Madeira de Freitas, haviam sido feitas em *Panorama* e em *A Offensiva*, respectivamente, tratando as insinuações como mentiras e como calúnia.<sup>171</sup>

Também encontramos registro das reações às posições de Gustavo Barroso dentro do próprio integralismo. O *Diário da Noite*, em 27 de março de 1937, comentava:

O sr. Gustavo Barroso não desistiu da campanha antisemita. Pelo contrario: os ataques recrudesceram. "A Offensiva" não dava acolhida a taes artigos o Sr. Plínio

<sup>167</sup> Museu Histórico Nacional. Hemeroteca Gustavo Barroso. As Populações Sertanejas Vibram de Entusiasmo Pela Candidatura de Plínio Salgado. GUSTAVO BARROSO VISITA QUIXADÁ E PATATUBA SENDO RECEBIDO POR MILHARES DE BRASILEIROS. *A Razão*. Ceará, 13 de agosto de 1937. 25/ 1º Semestre 1937 a 1º semestre 1939. p. 64. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&id=1395403867914&pagfis=49806>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

<sup>168</sup> Emílio Kaminski nasceu em Porto Alegre em 20 de fevereiro de 1914 e foi economista. Militou na AIB, tendo sido Secretário Provincial de Estudos no Rio Grande do Sul, e atuou na defesa dos interesses das igrejas luteranas. SILVA, Carla Luciana e CALIL, Gilberto Grassi. *Velhos integralistas: a memória de militantes do Sigma*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 21.

<sup>169</sup> *A Revolução* foi dirigida por Mário Medeiros, sendo o jornal integralista mais parecido com *A Offensiva*, trazendo seções de esporte, cinema e teatro. LEAL, Carine de Souza. *Imprensa integralista (1932-1937): propaganda ideológica e imprensa partidária de um movimento fascista no Brasil nos anos de 1930*. Monografia de conclusão de graduação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006. p. 72.

<sup>170</sup> Museu Histórico Nacional. Hemeroteca Gustavo Barroso. KAMINSKI, Emilio O. A Questão Judaica. *A Revolução*. Porto Alegre, 1º de agosto de 1936. 23/ 1º semestre 1936 a 2ª semestre 1936. p. 104. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&id=1395403867914&pagfis=49628>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

<sup>171</sup> *Ibidem*.

Salgado, mas o "Século XX" publicava tudo quanto o autor do "Bracelete de Saphyras" quisesse escrever contra os judeus. Ao mesmo tempo o sr. Gustavo Barroso começou a escrever a sua "Historia Secreta" [...]. O chefe Nacional deve se estar deixando influenciar demasiadamente pelo sr. Madeira de Freitas e, desse modo, negando e enfraquecendo os princípios que elle proprio pregava com tanta convicção e segurança. Assim, a reação nacionalista se inclina mais para o Sr. Gustavo Barroso, embora este não figure como seu chefe, nem a sua campanha anti-semita seja muito do agrado dos jovens idealistas. Essa preferencia talvez seja puramente momentanea, pois, como é sabido, ha uma grande divergencia entre os srs. Madeira de Freitas e Gustavo Barroso, principalmente ao que toca ao problema do judaísmo, sendo portanto, o sr. Gustavo Barroso, o homem apropriado para destruir o sr. Madeira de Freitas perante o chefe nacional e a massa integralista.<sup>172</sup>

Inferimos, da leitura do artigo do *Diário da Noite*,<sup>173</sup> que a difusão do antissemitismo de Barroso ocorria não apenas por meio de *A Offensiva*, mas também do jornal integralista *Século XX*.<sup>174</sup> Mais do que isso, o texto sugere a importância da atuação do escritor no fortalecimento dessa corrente dentro do integralismo, bem como do seu papel nos conflitos internos da AIB, indicando sua disputa com Madeira de Freitas pela ingerência sobre o chefe Plínio Salgado.

No entanto, é preciso atentar para os vínculos entre as lideranças integralistas e o mesmo jornal, pois, conforme apontado por Vinícius Ramos, Plínio Salgado mantinha trato amigável com Assis Chateaubriand, dono da empresa "Diários Associados".<sup>175</sup> Assim, se Chateaubriand se manifestou acerca do antissemitismo das referências de Gustavo Barroso ao capital financeiro - para este último, ligado aos "judeus" - considerava que "os financiamentos contribuía para o progresso nacional", ao mesmo tempo em que mantinha "simpatia pela alta cúpula integralista".<sup>176</sup>

---

<sup>172</sup> Museu Histórico Nacional. Hemeroteca Gustavo Barroso. ASSEGURA-SE ESTAR IMMINENTE UMA SCISÃO NO INTEGRALISMO. *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 27 de março de 1937. 25/ 1º Semestre 1937 a 1º semestre 1939. p. 29. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&id=1395403867914&pagfis=49771>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

<sup>173</sup> O jornal *Diário da Noite* pertencia a Assis Chateaubriand, proprietário das empresas Diários Associados. MOREIRA, Maria Ester Lopes. *Diário da Noite* [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC. Disponível em: <<https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-da-noite>>. Acesso em: 23 novembro 2021.

<sup>174</sup> O jornal integralista *Século XX* era editado no Rio de Janeiro. LEAL, Carine de Souza. *Imprensa integralista (1932-1937): propaganda ideológica e imprensa partidária de um movimento fascista no Brasil nos anos de 1930*. Monografia de conclusão de graduação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006. p. 106.

<sup>175</sup> RAMOS, Vinícius. *As folhas dos jornais eram verdes? A Ação Integralista Brasileira nas páginas de O Jornal e Correio da Manhã (1932-1938)*. Dissertação de Mestrado - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo, 2016. p. 80.

<sup>176</sup> *Ibidem*. p. 76.

O antissemitismo de Gustavo Barroso gerou forte reação na imprensa brasileira, chegando o escritor a ser tratado por “paranóico”, “fóbico”, assim como xenófobo e racista. Foi o caso de artigo de Heli Leitão em *O Mensageiro*, de 15 de maio de 1937:

Se eu acreditasse na reencarnação diria que o Sr. Gustavo Barroso encarna presencialmente a figura daquele professor austríaco, Sopenhagen, que via em cada monumento, em cada vulto, em cada inscrição do passado uma amostra da mão judaica, nas terras do Brasil. Ventrudo e roliço como o professor estrangeiro, o sr. Barroso supera o outro apenas nos kilogramas dos livros publicados: no mais é igual, exatamente igual, obcecadamente ostentando uma fobia por tudo aquilo que cheire a judaísmo e maçonaria. O peor, porém, é que ele tem a mania das generalizações. Confunde propositalmente judaísmo com maçonaria e conclue, pelo método indutivo, que tudo o que se fez no passado não presta ou foi feito errado porque foi obra de maçom.<sup>177</sup>

Assim, a campanha de Barroso contra os judeus era ridicularizada como uma obsessão. Em agosto de 1937, quando do lançamento de seu livro *Sinagoga paulista*, o texto “Complot do microfone”, saído em *O Globo*, reportava:

A campanha do Sigma tem ao lado suas facetas de insolencia, aspectos comicos que nos fazem esquecer as suas ameaças para dar logar a uma gargalhada. [...] Nada, no entanto, semelhante ao que vem de se dar com o Sr. Gustavo Barroso. Este maioral verde que andou escrevendo sobre a "Synagoga paulista" [...] Hontem elle participou ahi de um comicio integralista. Ia fazer o "speaker" do Sigma, annunciando não batalhas, mas as cifras astronomicas dos eleitores. Queria que sua voz fosse ouvida por todos os cantos da cidade naquella sementeira de inverdades e apostrophes à Democracia. Mas foi infeliz. Durante o tempo que ocupou o microphone - informaram as notícias procedentes de Fortaleza - o mesmo não funcionou. Julgava-se pela não irradiação do discurso que tivesse havido um "complot" judeu. Viu-se, porém, que tinham, apenas, se rompido os fios electricos.<sup>178</sup>

No olhar do jornal, o renomado intelectual da Academia Brasileira de Letras, diretor do Museu Histórico Nacional, era descrito em um estado de confusão, em tom de deboche, sem saber o que lhe acontecia. Ressalta a reação, na grande imprensa, contra a ideia de um complot internacional “judaico” em terras brasileiras, associada aos integralistas, o que ocorria no contexto da aproximação da disputa sucessória que seria interrompida com o golpe de Estado em novembro de 1937.

<sup>177</sup> Museu Histórico Nacional. Hemeroteca Gustavo Barroso. SOWENHAGEN NUMERO 2. *O Mensageiro*. Garanhuns, Pernambuco, 15 de maio de 1937. 25/ 1º Semestre 1937 a 1º semestre 1939. p. 38. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&id=1395403867914&pagfis=49780>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

<sup>178</sup> Museu Histórico Nacional. Hemeroteca Gustavo Barroso. COMLOT DO MICROFONE... *O Globo*, Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1937. 25/ 1º Semestre 1937 a 1º semestre 1939. p. 53. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&id=1395403867914&pagfis=49795>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

Em agosto desse ano, também a propósito de *Sinagoga paulista*, Paulo Aymoré, no artigo “O judeu Gustavo Barroso, ou o judeu Baruck”, transcrito em *O Estado de S. Paulo*, referia-se ao próprio Barroso como “judeu” - identidade que teria sido renegada pelo próprio -, acusando-o de macular a memória dos heróis paulistas. O tema servia de mote, sobretudo, à defesa da preeminência de São Paulo e do potencial candidato à presidência da República, Armando de Salles Oliveira. Conforme mostramos, o antissemitismo se desdobrava nas disputas políticas em curso.

Quem como ele [Barroso], escreve livros aos quilômetros, decahindo dia a dia, chegando a afirmações caluniosas e infundadas, não tem a imparcialidade necessária e o conseqüente espírito de justiça que a função de historiador exige. [...] Quem, como ele, abraça um credo político contrário ao nosso regime, terá, não resta a menor dúvida, que deturpar a história em proveito de sua causa. [...] O que é profundamente lamentável no autor de “Colunas do templo” é que começa a fomentar um ódio que nunca existiu no Brasil: o ódio das raças. O problema do judaísmo nunca existiu em nossas terras. Criou-o, imitação alleman, o judeu Gustavo Barroso Baruck. Mas esse israelita, que renega sua raça, não encontrará por parte do povo apoio as suas palavras. [...] “Inimigos do Brasil” são os que formam a desordem, a anarchia e odios que até agora não existiam. Inimigos do Brasil são os que deturpam a sua história. Entre elles, como “chefe”, está o sr. Gustavo Baruck, “legítimo judeu”.<sup>179</sup>

É possível notar, na referência ao “legítimo judeu”, a utilização da expressão do próprio Barroso, a quem é devolvida a mesma “pecha”. Assim, o escritor não tinha aptidão para escrever a História, que era adulterada para colocar os judeus no centro dos problemas nacionais e defender a doutrina autoritária do integralismo. Há nas palavras de Paulo Aymoré, também, expressões e manifestações antissemitas, o que aponta a dimensão da circulação do preconceito contra os judeus no país.

Neste capítulo, tratou-se dos desdobramentos da consolidação de uma rede de sociabilidades com a participação de intelectuais conservadores na construção da doutrina e na expansão integralista, anterior à criação da AIB. A apresentação da trajetória pública de Gustavo Barroso nos possibilitou notar certas descontinuidades, no que se refere à atuação política e intelectual do escritor, principalmente após o seu engajamento no movimento. Além disso, permitiu-nos indicar a circulação do antissemitismo nos jornais integralistas, bem como a repercussão dessas ideias em órgãos da grande imprensa.

---

<sup>179</sup> Museu Histórico Nacional. Hemeroteca Gustavo Barroso. AYMORÉ, Paulo. *O JUDEU GUSTAVO BARROSO, OU O JUDEU BARUCK*. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 10 de agosto de 1937. 25/ 1º Semestre 1937 a 1º semestre 1939. p. 58. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&id=1395403867914&pagfis=49800>>. Acesso em: 10 outubro 2022.



## 2 A CIRCULAÇÃO DO ANTISSEMITISMO NA DINÂMICA DA EXPANSÃO INTEGRALISTA

Quando entrei para o integralismo, era já um escritor mais ou menos conhecido, com algumas dezenas de obras publicadas. O meu público poderia atestar que eu nunca escreveria uma palavra contra os judeus. Sabia alguma coisa a respeito da questão, mas não o bastante para me imprimir uma atitude espiritual. Foi o integralismo que me tornou antijudaico. A primeira pessoa que comigo conversou profundamente sobre judaísmo foi Plínio Salgado, a segunda Madeira de Freitas que me emprestou a edição francesa dos Protocolos dos Sábios de Sião, obra que eu não conhecia.<sup>180</sup>

O relato de Gustavo Barroso é o fio condutor deste capítulo. Nele se desvela a cooperação das lideranças integralistas na circulação do mito da conspiração judaica no jornal *A Offensiva*, bem como na circulação dos livros do ideólogo na dinâmica da expansão do movimento. Os *Protocolos dos Sábios de Sião* inspiraram os livros de Barroso *Brasil: colônia de banqueiros* (1934); *Maçonaria: Seita Judaica; Judaísmo, Maçonaria e Comunismo* e *A Sinagoga Paulista* (1937). Sua tradução da edição francesa dos *Protocolos* foi publicada em 1936, a que se somam numerosos artigos de opinião de conteúdo antissemita, publicados em revistas e jornais da Ação Integralista Brasileira (AIB).

Na dinâmica da distribuição e do consumo dos impressos integralistas, os textos de Gustavo Barroso alcançavam todo o país. Segundo as regras internas do movimento, todos os seus membros deveriam contribuir com a propaganda em suas cidades, no corpo a corpo, alcançando familiares, amigos e conhecidos.<sup>181</sup> A participação dos filiados corroborava na ampliação do movimento. Segundo o Chefe Nacional, era dever de todo integralista contribuir com o crescimento nacional do integralismo - ou seja, a atuação das massas servia como peça de engrenagem na expansão da doutrina. Seu rápido alastramento, entre os anos de 1932 e 1938, em que atuou como movimento político, pode ser avaliado pela evolução de seus quadros.

[Em 1936] O integralismo conta, em todo o país, 462 vereadores municipais; 25 prefeitos; 4 deputados estaduais e um federal. Cresceu, na seguinte proporção: 1933 - 2000 votos, 1934 - 40.000; 1935-1936 - 252.000 [...]

<sup>180</sup> BARROSO, Gustavo. *Reflexões de um bode*. Rio de Janeiro: Gráfica Educadora, 1937. p. 162.

<sup>181</sup> Como assinalava o *Monitor Integralista*, de Niterói: “Art. 244 - O integralista deve ainda alistar todas as pessoas de sua família, bem como, interessar-se pelo alistamento de seus amigos que sympathisem com o integralismo”. ACÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Protocollos e Rituais*. Regulamentos publicados pelo *Monitor Integralista*. n. 8. Edição do Núcleo Municipal de Niterói. Niterói, 1937. p. 73.

Somos o único Partido Nacional e maiores partidos das pequenas nações federadas do Brasil.<sup>182</sup>

Plínio Salgado visava à conquista do território político para a implantação do “Estado Integral”. Em 1937, o Chefe Nacional lançou o *Plebiscito Integralista*, para saber quais seriam as lideranças mais votadas pelos filiados. Nas cidades brasileiras, registraram-se 849.370 votos e, das 32 lideranças, somente Plínio Salgado contabilizou 846.354 votos, ficando em segundo lugar Gustavo Barroso, com 1.397 votos.<sup>183</sup> Segundo Boris Fausto, “a eleição presidencial era esperada pelos integralistas desde julho de 1934”,<sup>184</sup> quando da eleição de Getúlio Vargas pela Assembleia Nacional Constituinte. Seu mandato se encerraria em 3 de maio de 1938.<sup>185</sup> Desse modo, o contexto era de forte expectativa quanto às eleições. Nos anos de 1936 e 1937, foram definidas as candidaturas à sucessão presidencial. Plínio Salgado lançou-se candidato com o apoio da maioria dos estados do Nordeste e de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.<sup>186</sup>

Essa expectativa das eleições impulsionou a organização das marchas nacionais, além dos cursos de alfabetização, de cursos de formação política, dos eventos culturais e do material de propaganda (livros, revistas, jornais e cinema). Os impressos teriam que abarcar as necessidades do público leitor nacional: os livros e a revista *Panorama* tinham um conteúdo voltado para o público mais culto, a revista *Anauê* atrairia o público leitor mediano e os jornais o público em geral. Sobretudo os livros tinham um papel fundamental, sendo a base ideológica do movimento. Logo, torná-los acessíveis era parte das estratégias da expansão política nacional.

Uma das formas utilizadas na divulgação dos livros era disponibilizar à militância o acesso à leitura a partir de bibliotecas que eram obrigatoriamente instaladas em cada núcleo municipal das principais cidades brasileiras. Nesses espaços os filiados poderiam ler os livros, que deveriam estar organizados por categorias: Iniciação Integralista; Filosofia Social e Política; História e Filosofia da História; Economia; História do Integralismo e Ensaios Diversos.<sup>187</sup> Essa bibliografia própria também poderia ser adquirida em algumas livrarias.<sup>188</sup>

<sup>182</sup> IV ANIVERSÁRIO DA ACÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1936. p. 3.

<sup>183</sup> JUNTA EXECUTIVA do Empréstimo do Sigma. Rio de Janeiro: Casa Gomes, 1937. p. 20.

<sup>184</sup> *Ibidem*.

<sup>185</sup> FAUSTO, Boris, *História Concisa do Brasil*. São Paulo: EdUSP, 2001. p. 199-200.

<sup>186</sup> *Ibidem*.

<sup>187</sup> “Art.86 - As Sédes Provinciais, Municipais e Districtaes, bem como, as Sédes das Secretarias Nacionaes e de outros órgãos da A.I.B., deverão obedecer a um criterio uniforme de installação, de acôrdo como o que vae em seguida estabelecido: X - Toda séde deverá possuir uma pequena bibliotheca com todos os livros indicados na Bibliographia Integralista”. *Regulamento* publicado pelo *Monitor Integralista* n. 8, edição do Núcleo Municipal de Niterói. Niterói, 1937. p. 21.

De acordo com Gilberto Calil, em 1937 um panfleto integralista contabilizava 3.246 núcleos municipais.<sup>189</sup> Segundo Roney Cytrynowicz, há “várias estimativas relativas aos militantes, com números difíceis de confirmar que variam de 100 mil a 1 milhão”.<sup>190</sup> Os autores dos livros ministravam aulas em cursos específicos oferecidos à militância estudantil integralista. Compreender a dinâmica da circulação dos livros a partir dessas implicações, as quais envolveram o número de núcleos e, conseqüentemente, de bibliotecas, somada ao número de filiados, sugere a grande dimensão desse público leitor. Conforme afirmam Leandro Gonçalves e Odilon Caldeira Neto, “a recomendação geral da AIB era para que cada núcleo organizasse uma sala de aula dentro de sua sede com uma biblioteca com livros indicados pelo próprio Plínio Salgado”.<sup>191</sup>

Na edição de 14 de julho de 1936, *A Offensiva* noticiou que teria sido um sucesso o curso de História Integral do Brasil, presidido por Gustavo Barroso e oferecido pelo Departamento Provincial dos Estudantes da Guanabara, órgão destinado aos estudantes integralistas de ensino superior. Na mesma edição da publicação, o presidente do Departamento, Aben Attar Neto, dirigia-se à juventude estudantil sobre a importância da bibliografia da AIB:

O integralismo é uma philosophia; uma doutrina; uma attitude mental demasiado explanada através da maior Bibliographia já feita em algum tempo ou em qualquer lugar do mundo, por um partido que prepara sua ascensão inexorável, não somente ao poder, mas a ocupação determinada por uma attitude historica.<sup>192</sup>

Gustavo Barroso ocupava as posições de comandante geral das milícias e de membro do Conselho Superior da AIB.<sup>193</sup> Além disso, ele era um dos principais ideólogos do movimento e, até a data do curso, havia publicado dez livros. Provavelmente, sua ascensão no integralismo tinha efeitos sobre a recepção da doutrina, se temos em conta a ênfase do presidente do Departamento Provincial sobre a importância dos livros integralistas. Por

---

<sup>188</sup> Existe dificuldade em mapear quais eram as livrarias que vendiam os livros integralistas. Em *A Offensiva* aparecem anúncios da Livraria Alves.

<sup>189</sup> CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no processo político brasileiro – O PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa*. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2005. p. 131.

<sup>190</sup> CYTRYNOWICZ, Roney. CALDEIRA, João Ricardo de Castro. Integralismo e política regional: a ação integralista no Maranhão (1933-1937) [resenha]. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 21, n. 40, p. 277-286, 2001. p. 278. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbh/a/xBttYWMTGWkSswH44LxfHxk/?lang=pt>>. Acesso em: 14 maio 2021.

<sup>191</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira e CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2020. p. 32.

<sup>192</sup> ATTAR NETO, Aben. O integralismo universitário. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, 14 de julho de 1936. p. 4.

<sup>193</sup> *Ibidem*. p. 18.

ocasião da comemoração do “IV Aniversário da Ação Integralista Brasileira”, a edição de 19 de setembro de 1936 de *A Offensiva* informava os números de livros de autores integralistas e de edições da revista *Panorama*:

Quadro 2 - Livros de autores integralistas e edições de *Panorama*, até 1936

Plínio Salgado	12
Gustavo Barroso	10
Miguel Reale	6
Custódio de Viveiros	3
Olbiano de Melo	2
Victor Pujol	1
Olympio Mourão	1
Wenceslau Júnior	1
Mayrink	1
Florianio Mendonça	1
Hélio Vianna	1
Oswaldo Gouveia	1
A. Pompeu	1
Ferdinando Martino	1
Jayme Regalo Pereira	1
Jayme de Castro	1
M. Paupério	1
Virgínio Santa Rosa	2
Edições da revista <i>Panorama</i>	8
Total	52

Fonte: *A Offensiva*. Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1936. p. 3.

Ainda de acordo com *A Offensiva*, os livros teriam alcançado a tiragem total de 274.000 exemplares<sup>194</sup>. Segundo Alexandre Pinheiro Ramos, o número de autores integralistas quadruplicou entre os anos de 1935 e 1937. Esse crescimento estaria relacionado à expansão nacional do movimento, ou seja, conforme aumentava o número de filiados, o mesmo ocorria com a produção de livros. Muitas dessas publicações não eram inéditas e Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Viveiros de Castro teriam reeditado, nelas, textos de conferências e discursos proferidos em reuniões.<sup>195</sup>

Para Roger Chartier, toda biblioteca é objeto de cuidadosa apropriação. Para compreender seus usos seria preciso considerar que um livro pode ser lido privadamente e de forma compartilhada. Uma pessoa lê sozinha, lê para outra, lê o mesmo texto junto com

<sup>194</sup> *A Offensiva*. Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1936. p. 3.

<sup>195</sup> RAMOS, Alexandre Pinheiro. Intelectuais, livros e política: Schmidt Editor e José Olympio Editora na divulgação do Integralismo. *Topoi*. Rio de Janeiro, v. 16, n. 31, abr. 2015, p. 649-650. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/topoi/a/FNtQzY6DFpwd5mh9X8WqTWD>>. Acesso em: 15 abril 2021.

alguém, em silêncio ou em voz alta, repetidas vezes o mesmo texto; ela pode fazer da leitura um hábito, de forma solitária ou pública. Segundo o historiador, se existem dez ouvintes reunidos espontaneamente em torno de um texto lido em voz alta, o livro cimenta uma sociabilidade cultivada, mundana ou amistosa.<sup>196</sup> Roger Chartier se refere aos modos de utilização da leitura nos séculos XV-XVIII, quando eram comuns leituras partilhadas, orais. Com as transformações da cultura escrita, aos poucos a leitura tornou-se cada vez mais individualizada. No entanto, manteve-se sua relação com os modos de leitura antigos. Em sua concepção, a leitura partilhada entre amigos estabelece um elo forte e duradouro. Há também outros usos de leituras que podem definir sociabilidades entrosadas: a leitura solitária que alimentaria o estudo pessoal para que depois, num auditório, uma plateia possa se instruir, ouvindo os textos lidos e os argumentos expostos.

Roger Chartier entende que os usos de um livro começam desde a sua discussão, quando o texto é emprestado, folheado ou lido em uma reunião entre amigos seletos.<sup>197</sup> O livro, pelo seu aspecto físico, pode ser manuseado, transportado, bem como os seus trechos podem servir a novas produções textuais e orais, conforme veremos mais à frente, sendo grande a versatilidade pelos seus usos. Sobre isso, apontamos a importância de observar as inúmeras possibilidades de apropriações, principalmente os seus possíveis efeitos, visto que, no caso da AIB, havia incentivos à leitura, por meio do acesso aos livros a partir das bibliotecas até os cursos de formação da militância e as recomendações de leituras no espaço da imprensa.

Sobre o contexto da expansão do integralismo é importante ressaltar algumas características do movimento político para compreender o desenvolvimento das suas práticas políticas nas campanhas, por meio de livros e outros impressos. No *Manifesto de Outubro de 1932*, Plínio Salgado definiu que a base política do integralismo era o conservadorismo, sob a bandeira do nacionalismo e em defesa da propriedade e de uma organização social pautada pela hierarquia, devendo o Estado autoritário suplantar o cosmopolitismo.<sup>198</sup>

O Chefe Nacional destacava a importância da disciplina, que deveria ser normatizada pelo Estado corporativo, com o objetivo de organizar a sociedade contra o avanço do materialismo. Segundo ele, os brasileiros deveriam se adaptar à base ética conservadora em obediência a Deus, ao Estado e à família, Segundo Leandro Pereira Gonçalves, o pensamento

---

<sup>196</sup> CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: *História da vida privada: Da Renascença ao Século das Luzes*. Organização Roger Chartier. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 148-149.

<sup>197</sup> *Ibidem*. p. 150.

<sup>198</sup> *MANIFESTO 7 de Outubro de 1932*. Ação Integralista Brasileira [1932]. Disponível em: <<https://archive.org/details/ManifestoDe7DeOutubroDe1932/mode/2up>>. Acesso em: 10 janeiro 2022.

de Plínio Salgado inspirava-se no Integralismo Lusitano, movimento nacionalista conservador radical, e, igualmente, no corporativismo do fascismo italiano, somando-se a isso o autoditadismo nacionalista-cristão.<sup>199</sup> Já para Héglio Trindade:

A diversidade de movimentos autoritários no Brasil e na Europa, entre as duas guerras, faz do Integralismo uma ideologia eclética que, enraizando-se num nacionalismo telúrico, no messianismo típico da nova raça mestiça e incorporando os grandes temas do pensamento autoritário brasileiro anterior funde-se, numa nova síntese, com o tradicionalismo social e religioso do integralismo lusitano e do salazarismo, o estatismo romano e o corporativismo italiano e o anti-semitismo de inspiração nacional-socialista”.<sup>200</sup>

Do fascismo italiano, o integralismo extraiu o corporativismo de Estado e o partido único. No *Manifesto de Outubro*, Plínio Salgado apresentou o projeto de Estado corporativo ou “Integral”. Nele, a Ação Integralista Brasileira colocava-se como única alternativa política para uma revolução espiritual que, entre outras coisas, devia servir para moralizar, transformar e dignificar a pessoa humana. Isto aconteceria segundo o cumprimento dos deveres civis, por meio da observância da ordem determinada pelo Estado.

Conforme Leandro Gonçalves, Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso, idealizadores do Estado Integral, tinham posições entrelaçadas, porém distintas. Para o autor, o corporativismo de Plínio Salgado vinculava-se à matriz católica e, com isso, se afastava do discurso corporativista do fascismo italiano laico.<sup>201</sup> De acordo com o mesmo autor, Salgado tinha uma visão mais técnica e percebia a importância da “reflexão jurídico-política do intelectual no interior do movimento referente ao que tange os problemas brasileiros”.<sup>202</sup> Já a posição de Gustavo Barroso passava, “necessariamente, na instância do saneamento da atividade perniciososa dos judeus no Brasil”.<sup>203</sup>

Na esfera governamental, o projeto político de Getúlio Vargas também era centralizador e autoritário. Segundo Leandro Gonçalves,

---

<sup>199</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. O integralismo de Plínio Salgado e a busca de uma proposta corporativista para o Brasil. In: PINTO, António da Costa e MARTINHO, Francisco Palomanes (org.). *A vaga corporativa: corporativismo e ditaduras na Europa e na América Latina*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2016. p. 256-257.

<sup>200</sup> TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo; Porto Alegre: DIFEL; UFRGS, 1974. p. 289.

<sup>201</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. O integralismo de Plínio Salgado e a busca de uma proposta corporativista para o Brasil. In: PINTO, António da Costa e MARTINHO, Francisco Palomanes (org.). *A vaga corporativa: corporativismo e ditaduras na Europa e na América Latina*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2016. p. 266.

<sup>202</sup> *Ibidem*. p. 258.

<sup>203</sup> *Ibidem*. p. 259.

[...] aproximação existente entre ambos [os modelos de Estado corporativo varguista e o integralista] era amplamente dinamizada devido o inimigo em comum, expresso pelo discurso antiliberal e anticomunista, assim como algumas reivindicações e plataformas próximas, repletas de um evidente discurso nacionalista, com defesa da implantação de um Estado Forte e centralizador e o grande apelo às classes populares.<sup>204</sup>

Havia também diferenças e pontos de divergência, tendo em vista a disputa pelo poder. Para João Fábio Bertonha, a relação entre os integralistas e o governo de Vargas foi de aproximação e desconfiança até 1938.<sup>205</sup> Segundo o autor,

Já sabemos das inúmeras reuniões entre Salgado e os líderes do governo Vargas garantindo o apoio da AIB ao golpe, a promessa varguista de que esta seria a base do novo regime e/ou teria representatividade neste e a quebra dessa promessa por Vargas, que logo utilizou o poder para eliminar o integralismo [...]. Depois de 1937/1938, o integralismo se converteu no “outro” do Estado Novo, justificando, em parte, a sua existência. Esse ‘outro’ era fascista, ditatorial, inimigo da liberdade, da nacionalidade e da própria independência do Brasil, enquanto o novo regime era o único verdadeiramente nacionalista e defensor de um futuro para o país [...] o varguismo se apresentava agora como o que havia salvo o país do fascismo e não como aquele que havia, no mínimo, flertado com ele.<sup>206</sup>

De acordo com Leandro Gonçalves, com o golpe do Estado Novo os integralistas passaram a vislumbrar a instauração de um Estado corporativo autoritário, identificando próximos desse modelo no texto da Constituição de 1937. Para o autor, o programa de Estado corporativo da AIB era, no entanto, bem mais amplo nas suas funções política, cultural e moral.<sup>207</sup>

Para além dos pontos referentes a diferenças e aproximações, bem como sobre os conflitos entre o integralismo e varguismo, importa-nos apresentar algumas definições e conceitos relativos ao tema dos fascismos, por sua implicação para a análise do quadro político nacional.

Para Michael Mann, o fascismo é um fenômeno da modernidade que teria florescido no contexto do entre guerras, tanto na Itália como na Espanha, Áustria, Alemanha, Hungria, Romênia, Índia, Japão, África do Sul, Bolívia, Brasil e Argentina.<sup>208</sup>

<sup>204</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. O integralismo de Plínio Salgado e a busca de uma proposta corporativista para o Brasil. In: PINTO, António da Costa e MARTINHO, Francisco Palomanes (org.). *A vaga corporativa: corporativismo e ditaduras na Europa e na América Latina*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2016. p. 280.

<sup>205</sup> BERTONHA, João Fábio. *O integralismo e sua história: memórias, fontes e historiografia*. Salvador: Pontocom, 2016. p. 153.

<sup>206</sup> *Ibidem*. p. 154.

<sup>207</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. O integralismo de Plínio Salgado e a busca de uma proposta corporativista para o Brasil. In: PINTO, António da Costa e MARTINHO, Francisco Palomanes (org.). *A vaga corporativa: corporativismo e ditaduras na Europa e na América Latina*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2016. p. 282.

<sup>208</sup> MANN, Michael, *Fascistas*. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 27.

No Japão teria predominado o militarismo sobre o paramilitarismo; na Argentina e no Brasil os movimentos populistas de massa, autoritários e estadistas, ambos necessitavam do nacionalismo de Estado [...] Na Índia o fascismo absorveu as teorias raciais de Hitler no Estado hindu puro e orgânico.<sup>209</sup>

No período, a Europa atravessava forte depressão econômica e, em alguns países, também a crise política gerada pela transição política democrática. Desse modo, segundo o autor, “crescia um sentimento cultural de contradição e decadência da civilização”, enquanto grupos mais radicalizados passaram a exigir um “Estado-nação transcendente e expurgado por meio do paramilitarismo”.<sup>210</sup>

O autor define o fascismo nos termos dos valores chave, das ações e das organizações de poder dos fascistas, como a busca de um nacional-estatismo transcendente e purificado, por meio do paramilitarismo. Nesse sentido, o Nacionalismo se manifesta na extrema violência contra a diversidade étnica ou cultural, compreendida como nociva ao desenvolvimento “orgânico” da nação. O Estatismo, autoritário e corporativo, poderia supostamente conter as “crises e gerar o desenvolvimento social, econômico e moral”.<sup>211</sup> Dentro de uma estrutura burocrática autoritária, a Transcendência permitiria suplantiar noções conservadoras, liberais, social-democráticas e de esquerda sobre a ordem social. O nacional-estatismo fascista seria capaz de “transcender” o conflito social, primeiramente reprimindo aqueles que o fomentavam e depois integrando-os às instituições corporativas estatais.

Na concepção dos fascistas, o conservadorismo, por si, não teria conseguido resolver os problemas da modernidade, enquanto o liberalismo havia se mostrado ineficiente diante dos conflitos sociais e a esquerda trouxera a “desordem”, ao atrelar todos os problemas à luta contra o capitalismo. Por isso, a “transcendência era o eixo central do programa eleitoral do fascismo”. Mantinha-se, no entanto, inviável, na medida em que os fascistas estavam atrelados à ordem capitalista e de classe, já que “a nação e o Estado compunham seu centro de gravidade, não a classe”. Segundo Mann, “a Transcendência foi o mais problemático e o mais variável dos cinco termos-chave do fascismo. Nunca foi realmente realizado”. Os fascistas não atacavam os capitalistas por si, embora reconhecessem que lhes faltavam “as habilidades tecnocráticas para administrar a indústria”. Além disso, “careciam de uma crítica geral ao capitalismo” e, desse modo, sua crítica terminava por dirigir-se a aspectos da realização dos lucros nas finanças e capitalistas estrangeiros ou judeus.<sup>212</sup>

---

<sup>209</sup> *Ibidem.*

<sup>210</sup> *Ibidem.* p. 29.

<sup>211</sup> *Ibidem.* p. 29.

<sup>212</sup> MANN, Michael. *Fascists*. New York: Cambridge University Press, 2004. p. 13-14.



Já o quarto aspecto, Expurgo, manifestava-se nas ações violentas contra “inimigos” políticos que poderiam ser reintegrados à nação, desde que aceitassem o fascismo. Já os “inimigos” étnicos não deveriam ser assimilados. Por fim, o Paramilitarismo revelava-se no movimento “armado e uniformizado com objetivo de impor o poder”.<sup>213</sup>

Na concepção do autor, inúmeros grupos - “clientelas” - adotaram o fascismo:

Oficiais reformados podiam tornar-se fascistas por seus valores militares, estudantes podiam por suas idades e pelo clima ideológico nas universidades. Ninguém tem apenas uma identidade social conferida a classe.<sup>214</sup>

A clientela paramilitar reunia “indivíduos jovens do período da Primeira Guerra até 1930, do sexo masculino”.<sup>215</sup> Mann assinala que uma das características dos fascistas era o machismo, propagado no ensino e nas instituições militares. A clientela interessada na Transcendência reunia todas as classes sociais, ainda que sua maioria pertencesse à classe média. Verificava-se, contudo, no fascismo, “forte militância das classes altas, e parte dos proletários desvinculados das lutas de classe”. A clientela nacionalista concentrava, por fim, “indivíduos com ensino superior, trabalhadores de serviços públicos, religiosos católicos, evangélicos, indivíduos de regiões fronteiriças”. Na formação dos movimentos fascistas, os militantes eram atraídos pela socialização e status, sendo outro aspecto importante o convívio social entre os mesmos, que envolvia um “sentimento de camaradagem emocional”. Os militantes acabavam presos em uma “espécie de gaiola social” porque o movimento absorvia as suas vidas sociais.<sup>216</sup>

Jason Stanley define o fascismo em seis aspectos: irrealidade, anti-intelectualismo, hierarquia, vitimação, lei e ordem e ansiedade sexual. Para o autor, no fascismo a irrealidade se constrói na exaltação de um passado mítico, que serve para legitimar ações no presente. Nesse sentido, inclui o uso da propaganda para o ataque político e, em geral, baseia-se em teorias conspiratórias com objetivo de causar medo ou ressentimento.<sup>217</sup> Sobre esse aspecto, assinala que *Os Protocolos dos Sábios de Sião* foram utilizados por fascistas para enfraquecer os “inimigos” e deslegitimar os órgãos da imprensa. A farsa, por meio da propaganda, teria a capacidade de “moldar o curso dos eventos reais”.<sup>218</sup> Stanley acredita que o fascismo, ao

---

<sup>213</sup> *Ibidem.* p. 16.

<sup>214</sup> MANN, Michael, *Fascistas*. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 29.

<sup>215</sup> *Ibidem.* p. 30.

<sup>216</sup> *Ibidem.* p. 44.

<sup>217</sup> STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo: a política do “Nós” e “Eles”*. Trad. Bruno Alexander. Porto Alegre: L & PM, 2018. p. 47.

<sup>218</sup> *Ibidem.* p. 43.

utilizar-se desses mecanismos, "eleva o irracional sobre o racional, a emoção fanática sobre o intelecto"<sup>219</sup> - na forma enunciada por Hitler em *Minha Luta*, ao mobilizar paixões irracionais por meio da propaganda.

De acordo com Stanley, os fascistas procuraram exaltar valores culturais, religiosos e "raciais", prevalecendo, entre os mesmos, um discurso sobre valores tradicionalistas e patriarcais. Assim, os homens deveriam se integrar ao serviço militar, as mulheres se dedicariam à criação dos filhos<sup>220</sup> e o líder fascista incorporava a figura do "pai da nação". O fascismo delimita, assim, a política do "Nós" e "Eles" - como na oposição entre "Nós", produtores, *versus* "Eles", parasitas<sup>221</sup> -, a partir do que quaisquer possibilidades de diálogos são estancadas para dar lugar ao expurgo étnico, religioso, político e cultural.

Do mesmo modo, a política fascista tende a apagar os aspectos de um passado nacional "sombrio", evocando apenas o "glorioso".

[...] os mitos fascistas diferenciam-se com a criação de uma história nacional gloriosa, em que os membros da nação escolhida governavam devido a conquistas e realizações em prol do desenvolvimento da civilização. [...]

Os mitos que surgem sob condições da dramática desigualdade material legitimam o ato de ignorar o árbitro comum apropriado para fins de discurso público - ou seja, o mundo. Para destruir completamente a realidade, a política fascista substitui a política liberal pelo oposto: a hierarquia.<sup>222</sup>

Neste sentido, ainda segundo Stanley, a hierarquia surge como solução contra uma sociedade em decadência na defesa de uma organização social pautada por leis "naturais" com objetivo de legitimá-la: "a lei natural supostamente coloca homens acima de mulheres, e membros da nação escolhida do fascista acima de outros grupos".<sup>223</sup> Toda ideia contrária a esse pressuposto deveria ser combatida, especialmente o cosmopolitismo liberal que se apresentava como entrave ao seu projeto de poder. A Lei e a Ordem serviriam para calar os opositores, com o fim de conter insatisfações, pois um sentimento contrariado se transformaria em "vitimização". Diante disso, suas ações reforçariam a opressão. O nacionalismo, quando ressentido, poderia criar a noção de identidade de grupo e, em casos mais graves, servia para corroborar a eliminação cultural, étnica e religiosa.<sup>224</sup> Por fim, a

---

<sup>219</sup> *Ibidem.* p. 29.

<sup>220</sup> *Ibidem.* p. 13.

<sup>221</sup> *Ibidem.* p. 9.

<sup>222</sup> *Ibidem.* p. 53-54.

<sup>223</sup> *Ibidem.* p. 56.

<sup>224</sup> STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo: a política do "Nós" e "Eles"*. Trad. Bruno Alexander. Porto Alegre: L & PM, 2018. p. 63.

ansiedade sexual condenava e culpava, a partir de julgamentos moralistas, o comportamento dos “inimigos”, considerados como “perversos”.

Por fim, destacamos as considerações de Tatiana Poggi de Figueiredo para o estudo dos fascismos. A historiadora busca operar com um conceito de fascismo que ultrapasse “as barreiras temporais do entreguerras e espaciais da Europa [...] pautado na natureza do fenômeno gerado por um contexto de crise social profunda e marcado pelo autoritarismo, nacionalismo, anticomunismo, antiliberalismo, espetáculo político, xenofobia e defesa feroz de uma coletividade mitificada.”<sup>225</sup>

Esse contexto de crise é, portanto, essencial à emergência do fascismo, demarcando seu caráter de classe:

A posição defendida aqui é que o fascismo é um projeto burguês de sociedade; uma faceta autoritária e intolerante, profundamente violenta e excludente, porém sedutora e envolvente, do capital, potencializada em contextos de grande crise (social, política e/ou de representatividade). O autoritarismo imprime o caráter antidemocrático e antiliberal do fascismo, avesso às divergências. A intolerância e a violência promovem a exclusão total dos diferentes e indesejados. A política do espetáculo garante o dinamismo, uma margem de consenso ativo, um senso de aventura coletiva e o conforto de sentir-se parte de uma comunidade<sup>226</sup>

Dito isso, vejamos a especificidade do antissemitismo nos autores examinados nesta pesquisa, em sua relação com o fenômeno do fascismo.

## 2.1 Convergências e divergências entre os antissemitismos de Plínio Salgado e Gustavo Barroso

Conforme vimos anteriormente, o antissemitismo de Gustavo Barroso provocou debates na imprensa, o que levou à suposição de que havia uma cisão interna no integralismo que orbitaria em torno do seu radicalismo.<sup>227</sup>

Marcos Chor Maio assinalou a presença do antissemitismo entre lideranças e integrantes do movimento integralista.<sup>228</sup> Roney Cytrynowicz assinala que o antissemitismo de

<sup>225</sup> FIGUEIREDO, Tatiana Silva Poggi de. *Faces do extremo: uma análise do neofascismo nos Estados Unidos da América 1970-2010*. Curitiba: Prisma, 2015. p. 103.

<sup>226</sup> *Ibidem*, p. 83.

<sup>227</sup> BERTONHA, João Fábio e CALDEIRA NETO, Odilon. Fascismo e fascistas em comparação. Gustavo Barroso, Adrien Arcand e o antissemitismo no Brasil e no Canadá no entreguerras. *História e Perspectivas*. Uberlândia, v. 28, n. 53, jan./jun. 2015. p. 388. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/3278>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

Barroso era um elemento secundário, embora quando ocorresse um ataque mais radical, era provocado pelo “Chefe das Milícias”.<sup>229</sup> Em abril de 1934, Plínio Salgado publicou uma carta na revista *Panorama*, explicando seu ponto de divergência com Gustavo Barroso. Para Salgado, o problema do judeu era “ético e não étnico”.<sup>230</sup>

Em relação ao judeu, não nutrimos contra essa raça nenhuma prevenção. Tanto que desejamos vê-la em pé de igualdade com as demais raças, isto é, misturando-se, pelo casamento, com cristãos [...].<sup>231</sup>

Segundo João Fábio Bertonha e Odilon Caldeira Neto, o antissemitismo de Gustavo Barroso era tratado com certa cautela no movimento, para não comprometer a doutrina multiétnica do Sigma. Para os autores, existia no integralismo uma estratégia política voltada para a não radicalização, face à própria configuração da sociedade brasileira, enquanto o antissemitismo de Gustavo Barroso apresentava-se, diferentemente, como antissemita.<sup>232</sup> João Fábio Bertonha, como Chor Maio, mostra que, entre as lideranças integralistas, existiam posicionamentos diferentes sobre os judeus. Plínio Salgado e Miguel Reale compreendiam que essa questão envolvia seus interesses com o capitalismo internacional, se afastando, portanto, do aspecto racial ou étnico. Arcy Tenório d’Albuquerque era um dos integralistas que se encontravam próximos ao nazifascismo, como Ferdinando Martino Filho e José Venceslau Júnior, que no entanto se expressavam contra o antissemitismo.<sup>233</sup> Para Bertonha,

[...] o debate em torno do antissemitismo de Barroso se trava muito no campo das ideias e da leitura textual de seus livros. Como ele nunca pôde colocar em prática suas ideias, numa posição de poder, fica difícil saber o que ele faria ou deixaria de fazer com os judeus brasileiros.<sup>234</sup>

---

<sup>228</sup> MAIO, Marcos Chor. Qual anti-semitismo? Relativizando a questão judaica dos anos 30. In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 236-239.

<sup>229</sup> CYTRYNOWICZ, Roney. *Integralismo e anti-semitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 30*. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo. São Paulo, 1992. p. 75.

<sup>230</sup> BERTONHA, João Fábio e CALDEIRA NETO, Odilon. Fascismo e fascistas em comparação. Gustavo Barroso, Adrien Arcand e o antissemitismo no Brasil e no Canadá no entreguerras. *História e Perspectivas*. Uberlândia, v. 28, n. 53, jan./jun. 2015. p. 375. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/3278>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

<sup>231</sup> Plínio Salgado *apud* TRINDADE, Héglio. *A tentação fascista no Brasil: imaginário de dirigentes e militantes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2016. p. 76-77.

<sup>232</sup> BERTONHA, João Fábio e CALDEIRA NETO, Odilon. Fascismo e fascistas em comparação. Gustavo Barroso, Adrien Arcand e o antissemitismo no Brasil e no Canadá no entreguerras. *História e Perspectivas*. Uberlândia, v. 28, n. 53, jan./jun. 2015. p. 387-388. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/3278>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

<sup>233</sup> BERTONHA, João Fábio. Além das palavras e do discurso: questões metodológicas para o estudo do antissemitismo integralista. *Boletim do Tempo Presente*, n. 3, p. 1 - 18, 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/tempopresente>>. Acesso em 10 outubro 2022. p. 8.

<sup>234</sup> *Ibidem*. p. 6.

Assim, “só saberíamos a resposta para a questão se Barroso tivesse ascendido ao poder na AIB e no Estado”.<sup>235</sup>

Como vimos, o antissemitismo de Gustavo Barroso provocava tensões internas no movimento. Marcos Chor Maio conta que, numa certa ocasião, durante seis meses, Plínio Salgado teria impedido Gustavo Barroso de publicar na seção *Judaísmo Internacional* de *A Offensiva*. Segundo Maio, Barroso teria levantado acusações falsas contra o empresário judeu Horácio Lafer, dono da indústria Nitro-Química, de São Paulo, relativas à isenção de impostos em compra de maquinário. O caso teria provocado desconforto para a AIB e, por isso, resultou nessa “punição”. Porém, Barroso continuou divulgando sua campanha caluniosa contra os judeus até 1938. Para Maio,

Ao mesmo tempo em que o antissemitismo é condenado não deixa de ter um papel de destaque como instrumento ideológico de coesão e mobilização, que se expressa permanentemente em um jornal de grande circulação da organização.<sup>236</sup>

Gustavo Barroso conseguia mobilizar, também, os militantes adeptos da vertente do “antissemitismo totalitário”, e a imprensa integralista.<sup>237</sup> Segundo Bertonha, Plínio Salgado permitia a campanha antissemita, desde que esta favorecesse o movimento.<sup>238</sup> Pode-se inferir que tivesse conhecimento da edição de textos antissemitas na imprensa integralista. A esse respeito, observe-se que a Secretaria Nacional de Imprensa da AIB, em seu artigo 233, determinava que “todo jornal integralista enviará obrigatoriamente à S.N.I. [Secretaria Nacional de Imprensa] um exemplar de cada edição e outro ao chefe nacional”.<sup>239</sup>

A divulgação do *Código de Ética do Jornalista*, elaborado por Plínio Salgado, em dezembro de 1936, tinha por objetivo orientar as publicações do integralismo e evitar a divulgação de possíveis discordâncias de ideias e conflitos internos. O *Código* apresentava-se como normatizador da conduta jornalística no movimento, devendo esta atividade pautar-se pela ética e servir os jornalistas integralistas como exemplo de conduta.<sup>240</sup> A Secretaria Nacional de Imprensa tinha competências definidas em regulamento próprio, correspondendo

---

<sup>235</sup> *Ibidem*. p. 11.

<sup>236</sup> MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 95.

<sup>237</sup> MAIO, Marcos Chor. Qual anti-semitismo? Relativizando a questão judaica dos anos 30. In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 238.

<sup>238</sup> BERTONHA, João Fábio. Além das palavras e do discurso: questões metodológicas para o estudo do antissemitismo integralista. *Boletim do Tempo Presente*, n. 3, p. 1 - 18, 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/tempopresente>>. Acesso em 10 outubro 2022. p. 7.

<sup>239</sup> *Monitor Integralista*. n. 18. Edição Núcleo Municipal de Niterói. Niterói, 1937. p. 21.

<sup>240</sup> SALGADO, Plínio. Código de Ethica do Jornalista. *Congresso Nacional de Imprensa Integralista*. Belo Horizonte, 1936. p. 1.

a orientar os jornais integralistas em matéria técnica e política, fornecer aos mesmo material redatorial, auxiliar os jornais integralistas e favoráveis ao movimento e fazer a publicidade da AIB, exercendo a censura.<sup>241</sup> Todavia, os jornais integralistas seguiam veiculando notícias e artigos contendo injúrias, calúnias e manifestações de ódio, cedendo espaço para os textos com conteúdo antissemita de Gustavo Barroso e para a divulgação de seus livros.

Na edição de 10 de julho de 1936, *A Offensiva* publicou um anúncio dirigido aos leitores que tivessem interesse em assinar também a revista *Anauê*, oferecendo-lhes a opção de escolher, como brinde, a edição de domingo do jornal, por seis meses, ou um livro de um dos ideólogos integralistas. Na lista das publicações sugeridas incluíam-se dois títulos antissemitas de Gustavo Barroso, *Brasil – colônia de banqueiros* e *O Quarto Império*.

Figura 3 - Brindes. Aos novos assinantes da Revista “Anauê” [anúncio]

**BRINDES**  
Aos novos assignantes da Revista  
**“Anauê”**

RESOLVEMOS distribuir, desta data em diante, como brinde aos novos assignantes, quer as assignaturas sejam tomadas directamente nesta redacção, ou por intermedio dos nossos Representantes, ou dos Nucleos Municipaes, uma ASSIGNATURA SEMESTRAL DA “OFFENSIVA”, EDIÇÃO DE DOMINGO, ou ainda á escolha do assignante, um livro da relação que publicamos abaixo. Logo que esta Gerencia receba o pedido de assignatura da Revista EXPEDIRÁ IMMEDIATAMENTE a livro escolhido em um recibo da A OFFENSIVA.

**LIVROS**

DE PLINIO SALGADO  
Palavra Nova dos Tempos Novos — Carta aos Camisas-Verdes — A Quarta Humanidade — Psychologia da Revolução — Despertemos a Nação — O que é o Integralismo.

DE MIGUEL REALE  
A. B. C. do Integralismo — O Estado Moderno — Capitalismo Internacional — Formação da Política Burgueza — Actualidades de um Mundo Antigo.

DO COMMTE. VICTOR PUJOL  
Rumo ao Sigma.

DE CUSTODIO DE VIVEIROS  
O Sonho do Philosopho Integralista — Camisas Verdes.

DE GUSTAVO BARROSO  
O 4.º Imperio — O que o Integralista deve saber — Brasil Colonia de Banqueiros — O espirito do seculo XX.

OSWALDO GOUVEA  
Brasil Integral

OLBIANO DE MELLO  
Razões do Integralismo

A A OFFENSIVA, AOS DOMINGOS PUBLICA, ALEM DE SUAS SECÇÕES HABITUAES, UM SUPPLEMENTO DESCRIVENDO DETALHADAMENTE A MARCHA DO MOVIMENTO DO SIGMA EM TODO O PAIZ

Os pedidos de assignaturas annuaes, acompanhados da respectiva importancia (30\$000), deverão ser dirigidos a Léo Monteiro — Rua do Carmo, 29 — RIO.

Brindes - Aos novos assinantes da Revista “Anauê”.  
*A Offensiva*. Rio de Janeiro, 10 de julho de 1936. p. 3.

O livro *Quarto Império* (1935) foi analisado por Marcos Chor Maio em *Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Nele Barroso compreendia a história da humanidade a partir de uma luta constante entre o Espírito e o materialismo,

<sup>241</sup> *Monitor Integralista*. nº 15, 1936.

formando-se interesses inconciliáveis entre cristãos e judeus. Para o escritor integralista, os judeus, por uma suposta “incapacidade”, não haviam logrado criar um Estado. Por esse motivo, viviam dispersos em todas as civilizações. Além disso, ao agirem por meio do “ódio”, munidos de “negativismo”, haviam “criado o islamismo” contra a Cristandade.<sup>242</sup>

Já em *Brasil - Colônia de Banqueiros* (1934), analisado por Fábio Bertonha e Odilon Caldeira Neto, Barroso desenvolvia um panorama da evolução econômica do Brasil a partir da enumeração dos diversos empréstimos externos contraídos pelo país entre os anos de 1824 e 1934. O endividamento do Estado brasileiro teria sua causa na manipulação de “banqueiros judeus”, trazendo a “escravização” financeira do país.<sup>243</sup>

Com a publicação do anúncio e a distribuição dos livros antissemitas, *A Offensiva* fazia veicular uma “questão judaica” no Brasil, a partir dos meios integralistas. Conforme referido neste trabalho, a AIB incentivava o consumo de seus impressos e, nessa dinâmica, os antissemitas mobilizaram campanhas contra os judeus, inspiradas no mito do complô judaico.

Passamos a assinalar alguns pontos referentes ao antissemitismo, a fim de apontar diferenças entre os antissemitas integralistas.

De acordo com Sandro Ortona, o antissemitismo poderia ser compreendido da seguinte forma: no sentido linguístico, como “hostilidade aos hebreus”; e “no campo histórico que abarcaria sentidos relativos a fenômenos inteiramente diferentes”. Neste caso, o antissemitismo poderia ser dividido entre o antissemitismo medieval e o antissemitismo moderno, a partir do século XIX. Segundo o autor, o antissemitismo medieval ou “antigo” se caracterizava a partir de uma categoria “universal”. Neste aspecto, segundo o autor, pesaria sobre os judeus o estigma de um povo “perseguido” ou de um povo destinado a carregar determinada “maldição”.<sup>244</sup>

Em diferentes países, épocas e circunstâncias socioeconômicas desenvolveram-se movimentos de hostilidade para com o povo judeu. Diferentemente, na modernidade, o antissemitismo passou a ser definido face à situação econômica daquele grupo e por seus efeitos. Neste caso específico, os hebreus seriam identificados como uma “classe de comerciantes”.

---

<sup>242</sup> MAIO, Marcos Chor. *Nem Rothschild nem Trotsky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 87.

<sup>243</sup> CALDEIRA NETO, Odilon. Gustavo Barroso e o esquecimento: integralismo, antissemitismo e escrita de si. *Cadernos do Tempo Presente*. n. 14, out./dez. 2013, p. 45.

<sup>244</sup> ORTONA, Sandro. Anti-semitismo [verbete]. BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco (org.). *Dicionário de Política*. Trad. Carmen C. Varriale, Gaetano Lo Mônaco, João Ferreira, Luís Guerreiro Pinto Cascais, Renzo Dini. Brasília: Ed. UNB, 1998. p. 39-40.

A colocação histórica dos hebreus como povo-classe explica, de uma parte, a frequência de conflitos e perseguições superficialmente atribuídas a fatores religiosos ou ocasionais, mas na realidade derivada de efetivos contrastes de interesses no campo econômico e, de outra parte, como na Europa dos séculos XIX-XX, embora já menos importante os motivos de real conflito econômico, a posição dos hebreus como componente ainda não "assimilado" pela sociedade foi utilizada para desviar a atenção de tensões sociais derivadas de outros fatores bem complexos e muito diferentes. O Anti-semitismo não pode, portanto, ser considerado como fenômeno histórico unitário, a menos que não se limite a validade do termo ao anti-semitismo em sentido próprio, isto é, aquele movimento particular surgido na segunda metade do século XIX, que culminou depois com as perseguições hitlerianas, e que apresenta conotações precisas e ligações claras com outros fenômenos históricos contemporâneos (nacionalismos, imperialismo, etc.).<sup>245</sup>

Para Ortona, é complexa a definição, ainda hoje, do termo antissemitismo. A fim de evitar interpretações errôneas, seria preciso, por exemplo, compreender as diferenças entre os termos antissemitismo e antissionismo e ainda a questão da oposição ao governo judeu ou dos judeus. Segundo ele, a mera crítica ou oposição ao movimento sionista ou ao governo político de Israel não caracterizaria antissemitismo. Para que fosse, seria preciso verificar se há hostilidades à comunidade complexa dos hebreus por motivações étnicas, religiosas e econômicas.<sup>246</sup>

Elizabeth Roudinesco considera que é preciso observar a primeira emancipação dos judeus na França, durante o governo de Luís XVI, como marco definidor para o antissemitismo, até então compreendido como antijudaísmo. A autora mostra que o antijudaísmo foi consolidado com a oficialização do cristianismo, em 325, após o Concílio de Niceia com Teodósio, depois da conversão com Constantino. Até o século das Luzes, os judeus eram identificados como pagãos (“infiel”, “herege”, “bárbaro”, “inimigo do cristianismo”).<sup>247</sup> No século XVIII, a crítica dos iluministas contra o obscurantismo religioso favoreceu o fim da conversão forçada e a defesa de um tempo iluminado pela razão impulsionou a emancipação dos judeus. Segundo Roudinesco, a partir desse momento seria necessário escolher entre “universalidade humana ou particularidade judaica”.<sup>248</sup>

Também sobre esse ponto, Hannah Arendt assinala:

A emancipação significava, ao mesmo tempo, igualdade e privilégios: a destruição da antiga autonomia comunitária judaica e a consciente preservação dos judeus

---

<sup>245</sup> *Ibidem.* p. 39.

<sup>246</sup> ORTONA, Sandro. Anti-semitismo [verbete]. BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco (org.). *Dicionário de Política*. Trad. Carmen C. Varriale, Gaetano Lo Mónaco, João Ferreira, Luís Guerreiro Pinto Cascais, Renzo Dini. Brasília: Ed. UNB, 1998. p. 39-40.

<sup>247</sup> ROUDINESCO, Elisabeth. *Retorno à questão judaica*. Trad. Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 15.

<sup>248</sup> *Ibidem.* p. 39.



como grupo separado na sociedade; a abolição de restrições e direitos especiais e a extensão desses direitos a um grupo cada vez maior de indivíduos”.<sup>249</sup>

Roudinesco assinala que, mesmo diante das mudanças provocadas pelo ideal iluminista, os judeus permaneceram identificados ao judaísmo e ainda se encontravam atrelados ao “primeiro pai”, Abraão. Ou seja, mesmo que optassem pela assimilação, continuariam judeus por pertencimento. A emancipação garantiu direitos, mas colocou em questão um “perigo interno” judaico, tendo em vista que, para os Estados, os judeus não eram nacionais, mas membros de uma comunidade semítica. Teria sido nesses anos que os iluministas na França e Alemanha, especialmente os filólogos,<sup>250</sup> iniciaram discussões raciais.

[...] forjaram um par infernal dos arianos e dos semitas, convencidos de que cada um desses dois povos imaginários teria sido portador de uma identidade secreta, cujos valores teriam sido transmitidos desde a noite dos tempos, a ponto de cada nação europeia poder encontrar neles suas origens. Assim reinventaram o mito ancestral da guerra das raças – e portanto, da dialética da conquista e da escravização de uma raça sobre a outra [...]. Nessa perspectiva, os semitas, ou seja, os hebreus (e, portanto, os judeus), teriam tido o privilégio de criar o monoteísmo, mas, ao permanecerem nômades, teriam se revelado inaptos à criação, ao saber, ao progresso e à cultura.<sup>251</sup>

No século XIX, segundo Ernest Renan (1823-1892):

[...] a humanidade estaria composta, desde as suas origens, de três tipos de raças: inferiores, as da época arcaica, hoje, desaparecidas; as civilizadas, chinesas e asiáticas, materialistas, apegadas aos negócios, incapazes de qualquer sentimento artístico e com um instinto religioso pouco desenvolvido; as raças nobres, por fim, compostas de dois ramos; os semitas e os arianos [...]. Se a raça indo-europeia não tivesse aparecido no mundo, escreve Ernest Renan, “é certo que o mais alto grau de desenvolvimento humano teria sido análogo à sociedade árabe ou judaica, uma sociedade sem filosofia, sem reflexão e sem política”.<sup>252</sup>

Assim, Renan retomava na França o antijudaísmo cristão, incorporando, a uma “pretensão ciência da desigualdade dos semitas”, do “judeu pérfido” ao “semita decaído”.<sup>253</sup> A tese do “primeiro pai”, ou seja, da religião abraâmica como fundadora da “raça semita”, permanecia, embora o antissemitismo se apresentasse com manifestações distintas.

<sup>249</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. Trad. de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 32.

<sup>250</sup> Ernest Renan, Johan Gottfried Herder e Franz Bopp foram os principais estudiosos de línguas hebraizantes e culturas arcaicas no período. Em 1855, Renan publicou *História geral e sistema comparado das línguas semíticas*. ROUDINESCO, Elisabeth. *Retorno à questão judaica*. Trad. Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 15.

<sup>251</sup> *Ibidem*. p. 42-43.

<sup>252</sup> *Ibidem*. p. 45-46.

<sup>253</sup> *Ibidem*. p. 46.

[...] passa-se, assim, do antijudaísmo ao antissemitismo, e depois ao racismo: os judeus já não são vistos como adeptos de uma religião, mas como semitas - e, entre semitas, como os piores -, isto é, como fazendo parte de uma raça historicamente inferior a todas as outras.<sup>254</sup>

Do ponto de vista dos racialistas, os judeus estariam em decadência e os estudos raciais, baseados em métodos comparativos, reforçaram uma ideia de “origem”. Assim, “todo racismo é primeira expressão do antissemitismo”.<sup>255</sup> Ou, conforme definido por Hannah Arendt, uma ideologia racista.<sup>256</sup>

O racismo, segundo Michel Wieviorka, é um fenómeno da modernidade que atingiu o seu ápice no período do entreguerras, tornando-se aos poucos transnacional. Segundo o autor, o racismo pode ser identificado em um “un conjunto de doutrinas e ideias mas o menos elaboradas” e em escritos e práticas violentas.<sup>257</sup> As ideias raciais do século XVIII podem ser consideradas proto racistas porque o método científico ainda não tinha sido elaborado, mas expandiram-se por intermédio de viajantes, escritores, poetas, filósofos, anatomistas, fisiólogos, historiadores, filólogos e teólogos.<sup>258</sup>

No século XIX, os estudos raciais se consolidaram nos vários campos de saberes científicos de forma sistematizada, por meio de classificação de “tipos” raciais que eram analisados, por exemplo, com instrumentos construídos para medir o tamanho do crânio e ângulo facial, entre outros aspectos. A dimensão do crânio era usada para inferir capacidades psicológicas e intelectuais dos indivíduos e dos grupos analisados. Era o começo do racismo científico desenvolvido por médicos, biólogos, químicos, geneticistas, antropólogos, psiquiatras, historiadores, arqueólogos, juristas e demógrafos.<sup>259</sup>

Para Peter Gay, as teorias evolucionistas do século XIX foram apropriadas pelos defensores do racismo científico e pelos darwinistas sociais, servindo suas concepções de “álibi” para agressão.

---

<sup>254</sup> *Ibidem*. p. 44.

<sup>255</sup> ROUDINESCO, Elisabeth. *Retorno à questão judaica*. Trad. Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 44.

<sup>256</sup> Para Arendt: “[...] a ideologia racista, com raízes profundas no século XVIII, emergiu simultaneamente em todos os países ocidentais durante o século XIX. Desde o século XX, o racismo reforçou a ideologia da política imperialista. O racismo absorveu e reviveu todos os antigos pensamentos racistas, que, no entanto, por si mesmos, dificilmente teriam sido capazes de transformar o racismo em ideologia. Em meados do século XIX, as opiniões racistas eram ainda julgadas pelo critério da razão política: Tocqueville escreveu a Gobineau a respeito das doutrinas deste último que ‘elas são provavelmente erradas e certamente perniciosas’. Mas no fim daquele século concederam-se ao pensamento racista dignidade e importância, como se ele fosse uma das maiores contribuições espirituais do mundo ocidental”. ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. Trad. de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 188-189.

<sup>257</sup> WIEVIORKA, Michel. *El racismo: una introducción*. La Paz: Plural, 2002. p. 23.

<sup>258</sup> *Ibidem*. p. 23-26.

<sup>259</sup> *Ibidem*. p. 28-30.

Toda cultura, toda classe, todo século constrói seus próprios álibis para a agressão. E cada um desses estratagemas defensivos tem sua história. A maioria é simples réplica de racionalizações consagradas pelo tempo, ou sutis variações das mesmas; apenas uma pequena parte consegue ser verdadeiramente inovadora.<sup>260</sup>

Segundo Gay, as mesmas teorias “não passam de racionalizações para uso próprio”.<sup>261</sup> O racismo científico desenvolveu este papel à medida que servia aos fins de dominação, nas políticas imperialistas que visavam ao controle de grupos e indivíduos. Tratava-se de estudos “pseudocientíficos”, porém compreendidos como a mais clara descoberta da verdade,<sup>262</sup> gradativamente tornando-se um instrumento do “cultivo de ódio”. No século XIX:

Os teóricos da raça reuniram verdadeiras montanhas de evidências, indo do peso dos cérebros ao tamanho dos narizes, das lendas de migração a imputações de atributos tribais. Eles se achavam no direito de traçar consequências de longo alcance a partir de medidas do crânio reunidas em levantamentos, colocando as raças dolicocefalas, ou de cabeça longa, contra os braquicefalos, ou de cabeça redonda. Propagaram suas noções antropológicas narcotizadas com dados maciços, mas, em essência, sem significado. Observando os espetaculares triunfos que físicos, químicos e astrônomos celebravam, os estudiosos do homem em íntima aliança com os darwinistas sociais espalharam mais absurdos em nome da ciência do que seus pares jamais perpetraram, antes ou depois. A agressão saiu vitoriosa.<sup>263</sup>

Assim, “outrora atributo de um conquistador triunfante, a agressão se transformou na política autoprotetora de grandes raças em perigo” e o álibi dos racistas serviria ao propósito de “descobrir inimigos em todos os lugares”, reais ou não, mas sempre em outra raça.<sup>264</sup> Nesses anos, segundo Gay, os antropólogos não conseguiram concluir uma definição racial. No entanto, todos concordavam sobre as características e capacidades herdadas por consanguinidade. O pensamento racial tornava-se uniforme, o termo “raça” estava em toda a parte e o racismo conquistava apoio nos círculos acadêmicos e jornalísticos.

O mais neutro dos usos do termo “raça” não poderia esconder o elemento de ódio subjacente: era difícil resistir à implicação de que um feixe particular de qualidade dava a uma raça o domínio sobre outras. E, como demonstra o moderno anti-semitismo, tal implicação era muito difícil de refutar: se um judeu apresentava certos traços indesejáveis, estes se transformavam em prova de um incorrigível traço racial;

<sup>260</sup> GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*. O cultivo do ódio. Trad. Sergio Goes de Paula e Viviane de Lamare de Noronha. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. v. 3, p. 43.

<sup>261</sup> GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*. O cultivo do ódio. Trad. Sergio Goes de Paula e Viviane de Lamare de Noronha. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. v. 3, p. 46.

<sup>262</sup> Peter Gay destaca como pioneiros das ideias raciais o sueco Carl Von Linné (1707-1778), médico, botânico e zoólogo, que classificou quatro raças pela cor da pele; e Georges-Louis Leclerc (1707-1788), conde de Buffon, naturalista e matemático francês, que classificaria seis raças, considerando também os fatores ambientais sobre as variações raciais. Posteriormente, o anatomista alemão Johann Friedrich Blumenbach (1752-1840) classificaria cinco raças: caucasiana, mongólia, etíope, americana e malaia, sendo a humanidade “Una”, diferenciada apenas dos animais. *Ibidem*. p. 80.

<sup>263</sup> *Ibidem*. p. 81-82.

<sup>264</sup> *Ibidem*. p. 86-87.

se a investigação não mostrasse o menor traço deles, apenas indicava que eles estavam espertamente escondidos - sendo a esperteza, em si, típica da raça judia.<sup>265</sup>

Para o autor, a afirmação da superioridade sobre o outro, como álibi para a agressão, tinha uma “imensa utilidade, solidificando o revigorante sentimento dos próprios méritos – ou mitigando o temor secreto de suas próprias imperfeições”.<sup>266</sup> Os antissemitas, sabendo que o cultivo do ódio podia ser feito com um propósito, construíam “inimigos” para fortalecer a concórdia, com fins de mobilização. De acordo com Wieviorka, nos anos 1930 e 1940 os nazistas se utilizaram das teorias raciais para “identificar y clasificar las poblaciones en términos de raza - comenzando por los judios, pero no solo con ellos”.<sup>267</sup> Sobre isso, Marcos Chor Maio explica que as teorias raciais e o darwinismo social foram apropriados com o intuito de legitimar o mito ariano.<sup>268</sup>

Nos círculos políticos e intelectuais brasileiros, as teorias raciais motivadas pela indiferença com o “outro” e por sentimentos de superioridade permearam discussões e inspiraram textos do pensamento autoritário, sendo transmitidas nas instituições acadêmicas e de ensino e nas associações científicas.

No caso de Gustavo Barroso, especificamente, a aproximação com o antissemitismo dos nazifacistas é notada em alguns pontos referentes ao racismo. O escritor fazia referências ao poligenismo e, em seus textos, consta a menção à existência de quatro raças distintas (negra, vermelha, amarela e branca). Por outro lado, considerava os judeus os “verdadeiros racistas”, por defenderem a ideia de “eleição divina”, de povo escolhido.

Em *Judaísmo, comunismo e maçonaria*, de 1937, escreve:

A vermina judaica nos invade e se cria sério problema para o futuro. O judeu se acoberta com o pseudônimo nacional da terra onde por acaso nasceu ou onde se naturalizou. Muito russo, polônio, romeno, alemão, francês, português, holandês, sueco, sérvio, húngaro ou austríaco que anda por aí não passa de legitimo judeu.<sup>269</sup>

Em 1925, Adolf Hitler escrevera:

---

<sup>265</sup> *Ibidem*. p. 84.

<sup>266</sup> Para Peter Gay, o “cultivo do ódio” se fortalecia também a partir de motivações pessoais. Sobre esse aspecto, o autor faz referência à proposição de Freud de 1895 sobre a “manobra psicológica da projeção”. A reação agressiva relacionava-se aos medos e aos desejos, geralmente inconscientes, formando a autoproteção do inimigo, imaginado ou real. Nesse contexto, o ódio era “um combustível para uma ação agressiva”. *Ibidem*. p. 76.

<sup>267</sup> WIEVIORKA, Michel. *El racismo: una introducción*. La Paz: Plural, 2002. p. 31.

<sup>268</sup> MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild Nem Trotsky*. O pensamento anti-semita de Gustavo Barroso. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

<sup>269</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 24.

Odiava o conglomerado de raças, checos, polacos, húngaros, rutenos, sérvios, croatas, etc. e acima de tudo aquela excrescência desses cogumelos presentes em toda parte - judeus e mais judeus.<sup>270</sup>

A comparação entre os trechos acima traz semelhanças, sobretudo no caráter racista e pelo recurso à enumeração das palavras, indicando as nacionalidades associadas aos judeus. Embora Gustavo Barroso tenha negado ser racista, seus textos mostravam o inverso, ou bastante ambíguos. Não admitia possibilidades de “assimilação”, o que, segundo ele, era uma estratégia que os judeus utilizavam com objetivo de estabelecer sua dominação sobre a cultura nacional. Já Plínio Salgado, distintamente, não via problemas na assimilação, como, por exemplo, no aspecto religioso e no caso dos casamentos entre judeus e cristãos.<sup>271</sup>

Neste sentido, o antissemitismo de Gustavo Barroso tinha um aspecto violento e radical, diferente do que expressavam as demais lideranças integralistas. Muitas vezes, como no trecho acima em destaque, comparou ou descreveu os judeus por meio da referência a algum tipo de vetor de doenças e, assim, acabava por transmitir a ideia de sua “eliminação”. Mesmo que negasse o objetivo da destruição dos judeus, como defendiam os nazifascistas, manifestou acordo e apoio à retirada de seus direitos civis, defendeu leis restritivas à imigração judaica e, inclusive, a proibição de sua participação em associações ou organizações e a expropriação de seus bens. Com tais medidas, visava “removê-los” e conter a “infiltração judaica” no Brasil.<sup>272</sup> Em outubro de 1935, Barroso publicou na revista *Anauê* o artigo “Peor das invasões”, em que acusava a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo de conspirar contra a nação: “é mais uma fundação judaica de espírito judaico orientada a formar mentalidades de acordo com *Os Protocolos dos Sábios de Sião*”.<sup>273</sup>

Em 1937, retomou em livro a noção de que o liberalismo era “um caldo de cultura do micróbio judaico”.<sup>274</sup> Expressões como “micróbio”, “vermina”, “piolho” e “parasitas” aparecem em seus textos.

<sup>270</sup> HITLER, Adolf. *Minha luta*. s.n.t. [1925]. p. 56. Edição disponível em: <<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=dGFyZGluLm5ldHxmaXNpY2F8Z3g6MWE1MTdkOTNlZjcxMTVkbWw>>. Acesso em: 10 janeiro 2023.

<sup>271</sup> TRINDADE, Héglio. *A tentação fascista no Brasil: imaginário de dirigentes e militantes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2016. p. 76-77.

<sup>272</sup> Gustavo Barroso se refere às leis impeditivas aos imigrantes “indesejáveis”, adotadas na Inglaterra e na Argentina. BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 26.

<sup>273</sup> REHEM, David Costa. O antissemitismo na imprensa baiana e a contribuição integralista. In: GONÇALVES, Leandro Pereira e SIMÕES, Renata Duarte (org.). *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. v. 2, p. 301.

<sup>274</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 193.

Esclarecido e consciente do perigo, o cristão defender-se-á por si mesmo do parasita, não se deixando mais enganar. Sem clima, o piolho mudará de vida ou morrerá de inanição ou se devorará a si próprio, o que seria uma solução ótima.<sup>275</sup>

O texto do integralista nos possibilita refletir sobre as consequências da difusão do antissemitismo a partir da Alemanha, na década de 1920, quando começou a ser radicalizado pelos nazifascistas. Segundo Robert Paxton, “a imagem demonizada dos judeus”, ao lado de ciganos e eslavos, mesclava diversos inimigos internos - estrangeiros, impuros, contagiosos, subversivos.<sup>276</sup> Em 1935, os nazifascistas aprovaram as leis raciais de Nuremberg.<sup>277</sup> A partir desse dispositivo, os judeus passaram a ter seus bens expropriados e aos poucos foram sendo confinados nos guetos e tiveram que conviver constantemente com o patrulhamento e violências.

O que começou no discurso da segregação racial gerou perseguições, roubos, humilhações e destruição, apoiada por pessoas comuns que estavam dispostas a seguir o líder nessas ações. Enquanto os judeus na Alemanha experimentaram segregação e violência, e depois eliminação, o ideário fascista era propagado pelos integralistas no Brasil, servindo de base para suas campanhas antiliberais e anticomunistas.

Gustavo Barroso manifestou-se sobre as campanhas antissemitas de Hitler:

Em 1933, porém, o judaísmo acordou atordoado do seu sonho messiânico. A Alemanha, coração da Europa, quebrou, da noite para o dia, inesperadamente, as algemas com que Israel a manietara. A nação reagiu contra a escravidão humilhante que lhe impunha a raça mais vil do planeta. A onda nacional socialista varreu a escória judaica das posições que ocupava. Daí o ódio mortal contra Hitler.<sup>278</sup>

Além da adesão de Gustavo Barroso ao ideário antissemita e ao nazifascismo, a figura de Adolf Hitler foi exaltada nas páginas de *A Offensiva*, dirigida por Madeira de Freitas. Em 20 de agosto de 1936, por ocasião de uma campanha pela indicação ao chanceler da Alemanha ao Prêmio Nobel da Paz, o jornal publicaria a seguinte notícia:

<sup>275</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 116.

<sup>276</sup> PAXTON, Robert. *Anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 72.

<sup>277</sup> Em 1935, James G. McDonald, diplomata americano e alto comissário para os refugiados judeus e outros vindos da Alemanha, denunciou à Liga das Nações as políticas raciais nazistas concernentes à retirada dos direitos, a partir das Leis Raciais de Nuremberg. “Letter of Resignation of James G. McDonald, High Commissioner for Refugees (Jewish and Other) Coming from Germany”. London: Headley Brothers, 1935-12-27. Disponível em: Library of Congress. Book/Printed Material.

<<https://www.wdl.org/pt/item/11604/view/1/1/#q=hitler>>. Acesso em: 20 dezembro 2019.

<sup>278</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 126.

A propósito de recente e symphatico movimento que se vem fazendo em certos círculos intellectuais da Europa, em pról da candidatura do chanceler Adolf Hitler ao Premio Nobel da Paz, é manifesto o profundo interesse despertado em toda a imprensa estrangeira pelos justos motivos apresentados e pelas credenciaes do verdadeiro pacifista a que faz jus o saneador da Europa Central.[...]

De fato, como prova o Comendador Maciel Filho, ninguém fez mais pela causa da paz universal que Hitler, embora não creiam os illudidos pelas mystificações da imprensa moscovita ou pelas notícias alarmantes via-Paris. Porque, só a ignorancia do verdadeiro sentido dos acontecimentos internacionais levaria alguém a pôr em dúvida os intuitos pacifistas da acção diplomática allemã [...].

Por tudo isso, mas principalmente pela sua acção benefica para a manuntenção da paz, combatendo o avanço subterraneo do communismo, de quem se tornou inimigo nº 1, o chanceler Adolf Hitler merece bem a consagração do Premio Nobel da Paz.<sup>279</sup>

Nesse momento, a Alemanha ainda não tinha deflagrado a guerra contra a Polônia, quando se tornaram evidentes suas intenções geopolíticas para os territórios europeus. Entretanto, o nazismo nunca escondeu, de fato, o caráter belicoso de suas campanhas públicas, ainda no período da República de Weimar (1919-1933). Nesses anos, afirmavam-se ressentidos com as perdas sofridas na Grande Guerra e conquistaram adesões de setores conservadores, insatisfeitos com a imposição do Tratado de Versalhes e com a depressão econômica.<sup>280</sup>

O caráter laudatório da nota sobre Hitler em *A Offensiva* tinha em conta os esforços anticomunistas e a defesa do nacionalismo pelos nazistas. Apresentava-se no jornal uma narrativa distante da realidade - um Hitler pacificador, ordeiro e merecedor do Prêmio Nobel da Paz, por defender a Europa dos avanços moscovitas.

Houve tolerância e endosso do integralismo às políticas nazifascistas, constatados nos anos em que existiu como movimento político, como se depreende das declarações de Gustavo Barroso em *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo* (1937) e em artigos e notícias de *A Offensiva*. Tal característica permanece existindo após a dissolução do movimento, em 1937, depois do golpe do Estado Novo.<sup>281</sup>

<sup>279</sup> Hitler e o prêmio da paz. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1936. p. 11.

<sup>280</sup> RICHARD, Lionel. *A República de Weimar (1919-1933): a vida cotidiana*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.127.

<sup>281</sup> Em 1941, no exílio em Portugal, Plínio Salgado manteve contato com Erich Schröder, oficial de ligação da polícia nazista, que atuava com objetivo de promover a aproximação com outros países. GONÇALVES, Leandro Pereira e CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2020. p. 79.

## 2.2 O judeu em questão: das notas em *A Offensiva* à campanha internacional

*A Offensiva* foi lançado no Rio de Janeiro em 17 de maio de 1934. Entre os anos de 1934 e 1936 teve periodicidade semanal e era vendido em bancas de jornal. A partir da edição de 28 de janeiro de 1936, passou a ter circulação diária.<sup>282</sup> Foi extinto em março de 1938. Como referido no capítulo anterior deste trabalho, o jornal contava, para sua edição, com “coletas especiais de dinheiro” junto a firmas alemãs, italianas e japonesas.

Plínio Salgado foi seu diretor, tendo como redator-chefe Madeira de Freitas, chefe do Departamento Nacional de Propaganda da AIB desde 1934, até a edição de número 54, quando o segundo assumiu a direção do jornal. Segundo Renata Duarte Simões, na redação atuaram Thiers Martins Moreira, Hélio Viana, Joaquim Santos, Joaquim Santos Maia, Francisco Cassiano Gomes. Teve colaboração dos intelectuais Miguel Reale, Santiago Dantas, Gustavo Barroso, Alberto B. Cotrim, Orlando Ribeiro Castro, Luiz da Câmara Cascudo, Ernani Silva Bruno, Raimundo Padilha, Belisário Pena, Ordival Gomes, Belmiro Valverde, Olímpio Mourão e Roberto Simonsen, entre outros.<sup>283</sup>

Destacamos a importância das redes de sociabilidades dos colaboradores mencionados, em seus campos de atuação, por meio de sua posição como intelectuais e pela atuação na esfera pública, com que certamente contribuíram como formadores de opinião na difusão das ideias integralistas.

A partir de notícias insidiosas, *A Offensiva* procurava denunciar as ações promovidas pelos “soviets” e pelo liberalismo internacional. O editorial procurava esclarecer os leitores sobre os “perigos” do liberalismo e do comunismo.<sup>284</sup> Tais correntes deveriam ser superadas pela mudança de mentalidades, o que, segundo o que apregoavam, viria com a revolução cultural integralista. Um ponto importante que deve ser ressaltado era a posição do jornal pela conquista política pela via eleitoral<sup>285</sup>, contra tentativas de golpes de Estado.

<sup>282</sup> SIMÕES, Renata Duarte. Imprensa oficial integralista: usos e ciclo de vida do jornal *A Offensiva*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira e SIMÕES, Renata Duarte (org.) *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. 2ª. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. v. 1. p. 62-68.

<sup>283</sup> *Ibidem*. p.66-67.

<sup>284</sup> LEAL, Carlos Eduardo. *A Offensiva* [verbetes]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC. Disponível em: <<https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-tematico/ofensiva-a>>. Acesso em: 25 abril 2021.

<sup>285</sup> SIMÕES, Renata Duarte. Imprensa oficial integralista: usos e ciclo de vida do jornal *A Offensiva*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira e SIMÕES, Renata Duarte (org.) *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. 2ª. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. v. 1. p. 74-75.



De modo geral, *A Offensiva* publicava uma variedade de notícias sobre os eventos promovidos pelos integralistas. Entre eles destacavam-se as atividades da liderança nacional em suas incursões pelo interior com o objetivo de organizar a expansão e a organização da militância. Também eram noticiados eventos culturais, atividades religiosas (católicas), educação e esporte, além das inúmeras propagandas comerciais e notas comemorativas, notas de falecimentos de filiados e sobre o Chefe Nacional.

Conforme mencionamos, *A Offensiva* combatia o comunismo, mas também publicava críticas ao liberalismo e sobre a questão judaica. Este último aspecto havia alcançado repercussão na grande imprensa, que comentou a colaboração do jornal à veiculação do antissemitismo de Gustavo Barroso.

A obra do escritor, de fato, era promovida em notícias e editoriais, como no texto a seguir, editado em 1936:

Esse escriptor fecundo, que nos pasma com a continuidade de sua continuação literária, acaba de nos dar mais um livro integralista, esse então focalizando um thema interessante, e que vem abrir as nossas vistas para o desenvolvimento do ideal integralista do planeta. [...] Quando pequeno com o meu primeiro decênio de existência, lá na longínqua provincia catharinense, do curso primário, eu já tinha orgulho de ser um dos mais assíduos leitores de Gustavo Barroso. Os seus livros de divulgação da nossa epopéia guerreira, aquella série de bellos trabalhos sobre a guerra do Lopes, a Guerra do Videu, a Guerra das Artigas, enfim sobre os nossos fastos guerreiros do sul do continente, a sua memorável polémica com o autor de *Los Caninos do la Muerte*, que elle encerrou com um formidável artigo escripto pelo *Correio da Manhã*.<sup>286</sup>

Na edição de 6 de setembro de 1936, Alberto B. Cotrim Neto comentava o lançamento de *O Integralismo e o Mundo* (1936), de Barroso, a partir de um elogio à figura do escritor. Talvez com a intenção de apresentar ao leitor as obras do membro da Academia Brasileira de Letras, Cotrim evocava memórias de sua própria infância, quando conhecera a obra de Barroso, e divulgava os escritos de propaganda integralista: “Até agora, já sete livros no curto espaço de 3 anos da penna de Gustavo Barroso”.<sup>287</sup> Parece referir-se a *O Integralismo e o Mundo*, *O Integralismo em Marcha* e (1933); *O Integralismo de norte a sul* (1934), *Brasil Colônia de Banqueiros* (1934); *O Quarto Império* (1935), *A Palavra e o Pensamento Integralista* (1935) e *O que o integralista deve saber* (1935).

Em 27 de setembro, Henry Leonardos publicou um resumo do mesmo livro, explicando como Gustavo Barroso apresentava as diferenças entre o integralismo, o fascismo e o nazismo.

<sup>286</sup> COTRIM NETO, Alberto. O integralismo e o mundo. Gustavo Barroso. Civilização Bras. Ed. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, 6 de setembro de 1936. p. 14.

<sup>287</sup> *Ibidem*.

O Integralismo e o Mundo é contribuição valiosa que o autor entrega aos Departamentos de Estudos do Sigma. [...]

Tem esse livro superior valor de um actualidade empolgante. Antevejo êxito superior ao alcançado pelo Brasil-colônia de banqueiros, que já transpôs as fronteiras do país. [...]

Gustavo Barroso mostra-nos, nesse livro, que o mundo já manifesta frêmitos, maiores ou menores, de reacção regeneradora. Assim, pois, já não estão isolados o Integralismo, o Fascismo e o Nazismo. A Humanidade começa a reagir contra a loucura colectiva que della se assenhoreara. [...]

“Como reacção natural ao materialismo e ao internacionalismo dissolvente em todo o mundo desabrocham e se desenvolvem movimentos baseados em ideias que se inspiram numa mystica nacionalista”. [...]

“Variando em cada paiz, de accordo com suas verdadeiras realidades, ligam-se na base por princípios comuns. Dahi as suas semelhanças”.<sup>288</sup>

Citado por Leonardos, o ideólogo comparava com clareza tais movimentos políticos:

“Os três têm os seguintes pontos de contato: no terreno espiritual são reacções do espiritualismo contra o materialismo, do nacionalismo contra o internacionalismo, do idealismo christão contra o naturalismo judaico-puritano. No terreno economico são reacções da produção contra a especulação da propriedade contra o capitalismo absorvente. No terreno social são reacções contra as doutrinas unilaterais dos séculos XVIII e XIX, liberalismo e comunismo”. [...]

“O fascismo se enraiza na gloriosa tradição do Império Romano e sua concepção de Estado é cesariana anti-christã.

“O Estado Nazista é também pagão e se basea na pureza da raça ariana, no exclusivismo racial. Apoiado neste, combate os judeus.

O Estado Integralista é profundamente christão, Estado Forte, não cesarianamente, mas christamente, pela autoridade moral de que está revestido e porque é composto de homens fortes”. [...]

“O integralismo traz em si o idealismo de três raças: o sonho das tribos andejas dos tupis em busca de uma terra feliz, o sonho de gloria e riqueza dos conquistadores e bandeirantes andaluzes. A benção do jesuíta uniu todos debaixo da mesma cruz. Dos Guarapes ao Aquidaban, o sangue de todos os uniu no mesmo destino. O seu culto é a cruz que juntou as tres raças e os tres sonhos”. [...]

“Estudando-se bem as três doutrinas vê-se que o Integralismo está num ponto em que se não pode approximar do Fascismo e do Nazismo sem perda da expressão; mas em que ambos podem evoluir até ele”. [...]

[Gustavo Barroso, no livro] Prova que o comunismo é fruto infernal de uma vasta obra secreta de destruição fria e longamente preparada pelos inimigos do christianismo. Assim os seus principais factores são os judeus e atheus, todos entrosados numa vasta maçonaria que, para conseguir seu negrejando fim, adopta meios os mais horripilantes.<sup>289</sup>

Ora se aproximando, ora se afastando do fascismo, o pensamento de Gustavo Barroso reforça-se também a partir das apropriações do nacionalismo de Plínio Salgado,<sup>290</sup> com seus valores tradicionalistas de base católica, reinterpretados e adaptados, ao lado do antissemitismo. Esse último aspecto é assinalado por Odilon Caldeira Neto:

<sup>288</sup> LEONARDOS, Henry. O integralismo e o mundo. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1936. p. 11.

<sup>289</sup> *Ibidem*.

<sup>290</sup> Ver VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *Ideologia curupira: análise do discurso integralista*. 2ª ed. São Paulo: EDIPUCRS, 2017. p. 15.

Em 1934, a partir do lançamento de “Brasil: Colônia de banqueiros”, o antissemitismo tornou-se, de fato, peça central das obras integralistas de Gustavo Barroso. [...] A trama conspiratória enunciada na obra de Barroso é claramente identificada com elementos e teores oriundos de obras como “Os Protocolos dos Sábios de Sião”, clássico título apócrifo antissemita, que busca sustentar a existência de um plano subalterno das elites judaicas, visando à dominação mundial e destruição dos valores nacionais e cristãos.<sup>291</sup>

Conforme destaca o autor, o mito da conspiração judaica embasou os demais livros do ideólogo. A divulgação dos *Protocolos*, como veremos mais à frente, tinha espaço considerável em *A Offensiva*. Na edição de 14 de julho de 1936, a partir do breve comentário dirigido à coluna “*Secção do Marinheiro*”,<sup>292</sup> nota-se como se desdobrava a colaboração dos redatores sobre o tema.

Os judeus expulsos de sua terra na Ásia Menor, desde a mais remota antiguidade, espalharam-se pelo mundo. E, assim, o único povo sem Pátria. Dahi o comunismo, que é pura obra de judeus, querer destruir a ideia de Pátria. Para saber quais os miseráveis processos que os judeus aconselham e usam para obter o domínio do mundo, leiam, Marinheiros, o livro "Os Protocollos dos Sábios de Sião" ou "O domínio do mundo pelos judeus". Vocês ficarão horrorizados com tais processos, que são, entretanto, aquelles de quem sempre usam os comunistas... Aquelle livro encontra-se à venda à rua 1º de Março número 133, 3º andar, ao preço de 2\$500.<sup>293</sup>

De fato, existia uma intenção em propagar o mito da conspiração, de torná-lo acessível ao leitor, o que pode ser observado também na propaganda da comercialização do livro, com informações sobre venda e preço. Vemos, portanto, o jornal, no texto, difundir a existência de um “problema judaico” no Brasil. A circulação do antissemitismo se desdobrou em torno da ação dos integralistas que divulgavam os *Protocolos*, colaborar com sua veiculação no país.

Em 30 de agosto de 1936, *A Offensiva* noticiou o lançamento da versão em português dos *Protocolos dos Sábios de Sião*, traduzida e comentada a partir da edição francesa por Gustavo Barroso.

O conhecimento seguro sobre a Questão Judaica é indispensável, nos dias de hoje, a quem quer que se dedique a estudos político-sociais sob um ponto de vista objectivo e prático. [...]

O aparecimento dos Protocollos do Sábios de Sião, em meados do século passado, veio mostrar claramente ao mundo attonito, a trama infernal que desde séculos vinha sendo levada a effeito pelos descendentes de Sem. Estes, pilhados com a bocca na

<sup>291</sup> CALDEIRA NETO. Odilon. Gustavo Barroso e o esquecimento: integralismo, antissemitismo e escrita de si. *Cadernos do Tempo Presente*, n. 14, out./dez. 2013, p. 45.

<sup>292</sup> Essa seção era destinada ao público militar. SIMÕES, Renata Duarte. A educação do corpo no jornal *A Offensiva* (1932 – 1938). Tese de doutorado – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009. p. 55.

<sup>293</sup> Seção do Marinheiro. O Brasil precisa ser forte no mar! *A Offensiva*. Rio de Janeiro, 14 de julho de 1936. p. 13.

botija, imediatamente se socorreram dos seus velhos processos confusionistas e, desde aquela época vêm negando tenazmente a veracidade desse documento comprometedor para a gente da cerviz dura.

Gustavo Barroso tomou a si o encargo de desmascará-los definitivamente, fazendo publicar os *Protocollos commentados e documentados* de maneira irrefutável. [...] Não se pôde penetrar nos acontecimentos do mundo contemporâneo, sem se estar sciente da Questão Judaica. E, para isso, nenhum outro livro é mais indicado do que os *Protocollos dos Sábios de Sião* com as anotações subtis e esclarecedoras de Gustavo Barroso.<sup>294</sup>

Além da indicação do livro, ressaltamos os pontos concernentes à expressão utilizada no texto - “trama infernal” -, anteriormente destacada na citação do texto de Henry Leonardos, na referência do autor ao comunismo que, segundo Gustavo Barroso, era obra de judeus e de ateus. O mesmo se observa no trecho a seguir:

A medida que se vae aprofundando no assumpto, novos hotrizontes vão se desdobrando aos olhos do estudioso e, muita coisa exquisita, episódios históricos outrora aceitos tacitamente como verdadeiros vão adquirindo para elle uma feição inédita, mais complexa, até que, como por um movimento reversivo esses factos começam, quasi por si próprios, a se concatenar com outros mais recentes e finalmente se enquadram na sequênciã histórica. Observa-se então, que a maioria dos incidentes ocorridos entre os povos, onde há confusão, balburdiã, reponta sempre algum Abrahão, encolhido como um reptil, envolto na penumbra...<sup>295</sup>

O judeu “maléfico” descrito pelo redator esteve presente<sup>296</sup> nas inúmeras versões do *Protocolos*. De acordo com Hannah Arendt, no século XIX a teoria do “bode expiatório” e a do antissemitismo eterno identificaram os judeus como eternas vítimas, sem poder de negociação, cristalizadas na ideia de um povo fraco e do “judeu conspirador”. Essas perspectivas reforçam a ideia de antissemitismo também “eterno” e, como consequência, naturalizam ações violentas: “É perfeitamente natural que os antissemitas profissionais adotassem essa teoria: é o melhor álibi possível para todos os horrores”.<sup>297</sup> Nesse contexto, a “força persuasiva dos *Protocolos* se deve às superstições antigas” e o que mais atraía as massas para o livro era o “tema de uma conspiração global”.<sup>298</sup>

Sem dúvida, os redatores de *A Offensiva* estavam dispostos a reproduzir e a difundir a mitologia dos *Protocolos* e o estereótipo negativo, o que pode ser conferido, por exemplo, no uso da expressão “réptil, envolto na penumbra”. Isto é, o judeu, representado como um

<sup>294</sup> Os *Protocollos dos Sábios de Sião*. Agencia Minerva Editora, Rio - 1936. Comentados por Gustavo Barroso. *A Offensiva*. Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1936. p. 11.

<sup>295</sup> *Ibidem*.

<sup>296</sup> Destaco o redator para explicar a ausência de assinatura. Neste caso, indica-se ser texto do corpo editorial.

<sup>297</sup> ARENDT. Hannah. *Origens do totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 27.

<sup>298</sup> ARENDT. Hannah. *Origens do totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 408-409.

animal, se acoberta com a finalidade de conspirar intenções maliciosas. O editorial procurava promover uma atmosfera de medo entre os leitores, concernente ao antissemitismo, tendo como referência Gustavo Barroso. Conforme já mencionado, este se encarregou de traduzir para o português o relato do “plano diabólico”, contido nos *Protocolos*, oferecendo a seus leitores a oportunidade de conhecer uma imagem construída sobre os judeus. O prefácio do livro, publicado pela editora Minerva,<sup>299</sup> reforçava a importância de os leitores brasileiros conhecerem o “problema judeu” e/ou a “questão judaica”.

Traduzido em quasi todas as línguas modernas, faltava a esse livro uma tradução condigna em português. Por isso, decidimos fazer uma edição especial dos “Protocolos” sine ira et studio, pondo a famosa obra ao alcance de todos os brasileiros. [...]

Encarregou-se da tradução, dos comentários, das apostilas e glosas o escritor Gustavo Barroso, da Academia Brasileira de Letras. Essa escolha foi determinada pelo profundo conhecimento que o mesmo adquiriu em matéria de judaísmo, possuindo uma biblioteca especializada no assunto. Autor do famoso livro “Brasil - colônia de Banqueiros”.<sup>300</sup>

Assim, explicava-se ao leitor:

Grandes jornais, grandes críticos e grandes escritores discutem esse livro que contém a condensação do mais terrível e cínico plano subversivo da história. As opiniões dividem-se e chocam-se acerca de sua autoria e autenticidade. Os judeus e os amigos dos judeus negam-no sob pretexto duma falsidade maldosa. Os homens de pensamento esclarecido estudam-no com cuidado e se documentam a respeito. Tal é a sua importância no momento presente que precisa ser divulgado e figurar nas estantes de todos os estudiosos.<sup>301</sup>

Tanto o editorial de *A Offensiva* quanto o prefácio orientavam o leitor sobre a veracidade dos *Protocolos*. Se, por um lado, as edições do livro eram rechaçadas por jornalistas brasileiros e na imprensa internacional, a falsificação era tratada com credibilidade por estes antissemitas brasileiros.

O endosso ao antissemitismo desvelava-se a partir de uma campanha de propaganda, anterior aos textos de Barroso nessa corrente. Assim, se este representou ferrenho antissemita, certamente teve seus interlocutores e, quiçá, incentivadores. Essa perspectiva é endossada por Leandro Gonçalves e Odilon Caldeira Neto. Segundo os autores, depois da leitura dos *Protocolos*, o ideólogo integralista teria conversado com Plínio Salgado sobre o antijudaísmo.

---

<sup>299</sup> O prefácio não tem autoria.

<sup>300</sup> Prefácio. *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. Trad. Gustavo Barroso. São Paulo: Revista Editora Minerva, 1936.

<sup>301</sup> *Idem*.

Sua tradução do livro teve grande repercussão nos círculos conservadores e autoritários, transformando seu autor no mais conhecido antissemita brasileiro.<sup>302</sup>

### 2.3 O mito dos *Protocolos dos Sábios do Sião* e sua apropriação por Gustavo Barroso

No contexto internacional, desde os anos de 1920 intensificaram-se os debates públicos em torno dos *Protocolos*.<sup>303</sup> Em 1934, representantes da comunidade judaica na Suíça iniciaram um processo contra integrantes da Frente Nacional daquele país, por terem distribuído uma edição em alemão do mesmo panfleto. Essa iniciativa culminou na decisão do Tribunal de Berna, que concluiu pelo caráter difamatório da publicação, tratando a obra por falsificação.

Segundo Marcos Chor Maio, os *Protocolos* serviram de fonte para a propaganda nazista.<sup>304</sup> Norman Cohn explica que o Ministro da Educação alemão, Bernhard Rust, chegou a prescrevê-los como livro didático básico para escolas.<sup>305</sup> Cohn apresenta informações a partir de material de pesquisa levantado em torno da polêmica dos *Protocolos*, apontando que a versão moderna do antissemitismo se construiu a partir de antigas crenças.

Cohn localiza historicamente a origem do mito na luta interconfessional entre judeus e cristãos na idade média. O resultado dessa competição configurou definitivamente a hegemonia cristã e, ao mesmo tempo, a diabolização da imagem do judeu. A criação do mito está pautada por conteúdos marcadamente religiosos, sendo que, ao longo do tempo, sofreria uma série de mudanças na aparência, mantendo principais contornos iniciais.<sup>306</sup>

Cohn descreve que, na época medieval, São João Crisóstomo denunciara a sinagoga dos judeus como “templo de demônios”, “caverna de diabos” e “sorvedouro e abismo de

---

<sup>302</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira e CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2020. p. 23.

<sup>303</sup> Hermann Rauschning comenta, em seu livros sobre as conversas com Hitler: “Li os *Protocolos dos Sábios de Sião*; simplesmente me estareceram. — Mas os *Protocolos* são manifesta falsificação — declarei. — (...). É evidente, para mim, que não podem ser autênticos. — Por que não? — resmungou Hitler. Pouco importava — disse êle — ser ou não o caso historicamente verdadeiro. Se não era, a verdade intrínseca, ainda assim, se lhe afigurava convincente.” Hermann Rauschning *apud* COHN, Norman. *A conspiração mundial dos judeus: mito ou realidade? Análise dos Protocolos e outros documentos*. Trad. Leonidas Gotijo de Carvalho. São Paulo: IBRASA, 1969. p. 183.

<sup>304</sup> MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 87.

<sup>305</sup> COHN, Norman. *A conspiração mundial dos judeus: mito ou realidade? Análise dos Protocolos e outros documentos*. Trad. Leonidas Gotijo de Carvalho. São Paulo: IBRASA, 1969. p. 202.

<sup>306</sup> MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 31.

perdição”. Santo Agostinho afirmara que os judeus haviam se ligado ao “filho da perdição”, o “Anticristo”. Para o autor, “essas fantasias antigas foram revividas e integradas numa demonologia inteiramente nova”, passando os *Protocolos* a representar uma adaptação moderna da antiga tradição.<sup>307</sup> O mito moderno abrigava, assim, as fantasias do antijudaísmo e esse estereótipo e imagem demonizada estariam sempre presentes e, embora tenham adquirido novas roupagens, permaneciam cristalizados na figura do “judeu maléfico”.

O autor descreve as origens dos textos dos *Protocolos*, a começar pelo livro do abade Augustin Barruel, *Mémoire pour servir à l'histoire du jacobinisme*,<sup>308</sup> publicado em 1797-1799. Barruel conta como os chefes judeus maçônicos pretendiam conspirar contra a França, em uma trama denunciada em carta escrita pelo oficial do exército francês J. B. Simonini, suposta vítima de tentativa de suborno por parte de judeus, em troca de sua submissão contra seu país.<sup>309</sup> Seu texto apropriou-se, por sua vez, das ideias do matemático escocês John Robinson, que preparava o livro *Provas de uma conspiração contra todas as religiões e todos os governos da Europa* (1897). A *Memóire* de Barruel teve edições traduzidas em inglês, polonês, russo, italiano e espanhol. Outra referência dos textos antissemitas posteriores foi o romance *Coningsby*, de Benjamin Disraeli, publicado na Inglaterra em 1844, especificamente o trecho em que o autor descreve como um rico judeu de Sidonia emprestou grandes somas de dinheiro a governos de diversos países europeus, em troca de favores políticos e do cargo de ministro, também teria servido à construção do mito da conspiração judaica.<sup>310</sup>

Outra referência das narrativas antissemitas foi o romance *Biarritz*, do escritor Hermann Goedsche, que assinava sob o pseudônimo de Sir John Redcliff, editado em 1868.<sup>311</sup> Neste texto, descreve-se uma cena em que doze chefes das Tribos de Israel reuniram-se em um cemitério em Praga, na ocasião da Festa dos Tabernáculos, para invocar um demônio que lhes prometera que, dentro de um século, seus netos seriam os príncipes de todo o mundo.<sup>312</sup> Essa narrativa teria inspirado, por sua vez, um panfleto em russo, intitulado “*Cemitério*

<sup>307</sup> COHN, Norman. *A conspiração mundial dos judeus: mito ou realidade?* Análise dos Protocolos e outros documentos. Trad. Leonidas Gotijo de Carvalho. São Paulo: IBRASA, 1969. p. 202. p. 25-26.

<sup>308</sup> Augustin Barruel foi um padre jesuíta que nasceu em Villeneuve-de-Berg na França em 2 de outubro de 1741 e faleceu em 5 de outubro de 1820. *Ibidem.* p. 29-32.

<sup>309</sup> *Ibidem.* p. 29-38.

<sup>310</sup> *Ibidem.* p. 29-32.

<sup>311</sup> Hermann Goedsche foi funcionário do serviço postal da Prússia. Uniu-se ao corpo de redatores do jornal *Die Preussische Kreuz-Zeitung* e passou a escrever romances sob o pseudônimo de Sir John Retcliffe. Um deles foi o famoso *Biarritz*, que continha um capítulo denominado “No Cemitério Judaico de Praga”. Pode-se afirmar que Goedsche cooperou com a circulação do antissemitismo, sendo um de seus principais precursores no século XIX. *Ibidem.* p. 37-39.

<sup>312</sup> COHN, Norman. *A conspiração mundial dos judeus: mito ou realidade?* Análise dos Protocolos e outros documentos. Trad. Leonidas Gotijo de Carvalho. São Paulo: IBRASA, 1969. p. 39-40.

*Judaico de Praga, Tchecoslováquia, os judeus soberanos do mundo*” (1876), surgindo versões da oração no cemitério de Praga em diversos países. Em francês, a história foi editada em *Le Contemporain* (1881), na antologia *La Russie Juive*, de Albert Savine e outros autores (1887) e no livro *Les Juives et nos contemporains*, de Bournand (1896). Foi reproduzida nos jornais austríacos *Michel wach auf* e *Wiener Deutsche Zeitung*.

Ainda sobre os *Protocolos*, Norman Cohn assinala que uma primeira versão afirmava que teriam sido “tirados da Chancelaria Central de Sião, em França”; numa segunda, que tinham sido “furtados pela mulher de um dos mais influentes e mais altamente iniciados chefes da maçonaria, depois de uma das reuniões secretas dos iniciados, na França”, e, por fim,, teriam sido forjados na reunião de chefes sionistas num congresso na Basileia<sup>313</sup>.

Qualquer que tenha sido a origem dos Protocolos, foram eles adotados e preservados e, por fim, lançados no mundo por pogromshchiki - instigadores profissionais de movimentos violentos contra os judeus - pois centenas de massacres ocorridos em cidades russas, no período de 1881 a 1920, não foram, de forma alguma, movimentos espontâneos da fúria popular.<sup>314</sup>

Os usos dos *Protocolos* resultaram em violências contra a população judaica na Rússia, segundo Cohn. Depois da publicação do panfleto pelo antisemita Pavel Krushevan no jornal *Znamya*, em agosto de 1903, ocorreu o massacre de quarenta e cinco judeus na Bessarábia<sup>315</sup>. Krushevan contava com o apoio de jornalistas de São Petersburgo para espalhar os boatos sobre os judeus. *A Raiz de Nossos Males e Os Inimigos da Raça Humana* (1905) são panfletos desse teor, a que seguiu uma versão editada por Sergey Nilus, *o Grande Pequeno Anticristo* e *Ele está Próximo, à Porta* (1911-1912).<sup>316</sup> Os *Protocolos* serviram também para atacar a Revolução Russa, sendo o mito “comuno-judaico” ainda mais forte que o “maçônico judaico”.<sup>317</sup>

Na Alemanha, o conservador Ludwig Müller, que escrevia sob o pseudônimo de Gottfried zur Beek, publicou em 1920 o livro *Die Geheimnisse der Weisen zur Zion* (Os segredos dos sábios de Sião), inspirado na versão de Sergey Nilus (1911). Posteriormente, outras edições surgiram na Alemanha: *Judas Schuldbuch, eine deutsche Abrechnung*,<sup>318</sup> (Contas a serem ajustadas pela Alemanha com os judeus), de Wilhelm Meister, e

<sup>313</sup> *Ibidem*. p. 69-70.

<sup>314</sup> *Ibidem*. p.109.

<sup>315</sup> *Ibidem*. p. 67. Informa-se também 47 ou 49 mortos.

<sup>316</sup> COHN, Norman. *A conspiração mundial dos judeus: mito ou realidade?* Análise dos Protocolos e outros documentos. Trad. Leonidas Gotijo de Carvalho. São Paulo: IBRASA, 1969. p. 69.

<sup>317</sup> *Ibidem*. p.124.

<sup>318</sup> *Ibidem*. p.133-139.



*Weltfreimaurerei, Weltrepublik, ein Untersuchung über Ursprung und Endziele des Weltkrieges* (Maçonaria Mundial, Revolução Mundial, República Mundial, uma pesquisa sobre a origem e os objetivos finais da Guerra Mundial), de F. Wichtl, que teriam alcançado mais de 50.000 exemplares vendidos em um ano.

Na França, *Os Protocolos* se popularizaram a partir da edição de Roger Lambelin, traduzida do russo para o francês da edição de Nilus (1921). O sucesso dessa versão dos *Protocolos* pode ser verificado em suas vinte e cinco edições em 1925.<sup>319</sup> Como já referido, foi essa a edição traduzida por Gustavo Barroso, que acrescenta o artigo “O Perigo Judaico”, do mesmo autor, fazendo menção ao Congresso da Basileia de 1897.<sup>320</sup> Para Lambelin, interessava ressaltar três pontos básicos na divulgação da conspiração:

1º - Uma crítica filosófica dos princípios liberais e uma apologia do regime autocrático; 2º - A exposição dum plano de campanha, metodicamente elaborado, para assegurar aos judeus o domínio mundial; 3º Profecias sôbre a próxima realização das partes essenciais desse plano.<sup>321</sup>

Além do artigo de Roger Lambelin, Gustavo Barroso incluiu, de sua própria autoria, “O Grande Processo de Berna sobre a autenticidade dos ‘Protocolos’ - Provas documentais”, na tradução da versão francesa. Neste, traz a perspectiva de W. Creutz sobre a questão, para quem, embora houvesse muitas versões do texto, estas não configuravam plágios, tratando-se de variações, ao longo do tempo, com foco econômico e político. Os *Protocolos* teriam sido conservados por décadas, sendo escritos primeiro em hebraico, depois em francês e, posteriormente, em russo.

Segundo Norman Cohn, os *Protocolos* circularam na imprensa internacional, sendo patrocinados pelos jornais *La Vieille France* e *La Libre Parole*, na França; *The Dearborn Independent*, nos Estados Unidos; *The Patriot* e *The British Guardian*, no Reino Unido; *Nacional Tidsskrift*, na Noruega; *Dansk Nacional Tidsskrift*, na Dinamarca; *Dta Grosze e Pro Patria*, na Polônia.

<sup>319</sup> *Ibidem.* p.167.

<sup>320</sup> O Congresso da Basileia foi o primeiro Congresso Sionista, ocorrido nessa cidade da Suíça entre os dias 29 a 31 de agosto de 1897. Teve como protagonista o advogado e escritor austro-húngaro Theodor Herzl, levando à criação da Organização Sionista Mundial. Herzl testemunhara o antissemitismo na França, no contexto do “Caso Dreyfus”, e propôs um programa internacional em defesa da criação de um Estado nacional Judaico, precursor da criação do Estado de Israel, motivado pelo crescimento da hostilidade aos judeus e dos pogroms. Considerava que os judeus precisavam se organizar politicamente, em defesa de “fundos nacionais, escolas nacionais, uma bandeira, um hino nacional, a redenção e terras”, a partir de uma política liberal democrática. HERZL, Theodor. *O Estado Judeu*. Trad. José Cláudio Awning. Criciúma: Awning, 2021. Ver Introdução, p. 1-11. Ver também *The Jubilee of The First Zionist Congress. 1897-1947*. Jerusalém: The Executive of Zionist Organization, 1947. Disponível em: <<https://ufdc.ufl.edu/UF00072101/00001/images/4>>. Acesso em: 14 fevereiro 2023.

<sup>321</sup> *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. Trad. Gustavo Barroso. São Paulo: Editora Minerva, 1936. p. 18.

Nos Estados Unidos, tendo por base, também, os *Protocolos*, o empresário Henry Ford publicou, em 1927, *O Judeu Internacional*. Segundo Ford, as narrativas contidas naquele livro “fundam-se demais em fatos, para serem meras elucubrações; seu conhecimento é demasiado profundo, para que tenha surgido de uma ilusão”.<sup>322</sup> Mais tarde, convencido da falsificação, teria ordenado a destruição de seu próprio livro, em que propagava a conspiração.<sup>323</sup>

Carlo Ginzburg, referindo-se aos *Protocolos*, remonta sua origem a “uma refinada parábola política transformada numa tosca falsificação”. Lembra ter havido quem afirmasse que o livro ocupava o segundo lugar entre os mais lidos, depois da Bíblia, um claro exagero. Contudo, o livro teve inúmeras edições, como já assinalado, que se difundiram na Europa, no Oriente Médio, na América Latina e no Japão.<sup>324</sup>

O historiador italiano reporta a inspiração do livro no *Dialogue aux Enfers entre Machiavel et Montesquieu* (Diálogo no Inferno entre Maquiavel e Montesquieu), do advogado e político francês Maurice Joly (1829-1878), publicado anonimamente em Bruxelas em 1864. Reunindo vinte e cinco diálogos entre os dois personagens citados no título, este livro se incluía no gênero literário dos diálogos dos mortos, inspirado em Luciano de Samósata, do século XII. Foi traduzido para o alemão em 1868 e, depois, para o espanhol, havendo uma versão que circulava na Argentina em 1898.<sup>325</sup> Nas décadas de 1920 e 1930 teve três edições na França, quatro edições na Alemanha, duas na Espanha, uma na Itália e uma norte-americana.<sup>326</sup>

Segundo Ginzburg, a ideia do controle mundial pelos judeus, presente nos *Protocolos*, possuía uma estrutura narrativa muito semelhante à do livro de Joly, conforme transcrito a seguir:

“Como Vishnu a minha imprensa terá cem braços”, diz o Maquiavel de Joly; “como o ídolo indiano Vishnu, teremos cem mãos”, dizem os Sábios de Sião, num capítulo dos *Protocolos* que chama à infiltração dos órgãos de imprensa de qualquer tendência política. A lista desses plágios é longa. Quem redigiu os *Protocolos* utilizou o *Dialogue aux enfers* como modelo, muitas vezes caindo em alguma negligência, como mostra o reaparecimento, num outro capítulo dos *Protocolos*, da metáfora centrada em Vishnu. Existe uma forte semelhança estrutural entre as estratégias que

<sup>322</sup> FORD, Henry. *O judeu internacional*. Apresentação de S. E. Castan. 1ª reedição. Porto Alegre: Revisão LTDA, 1989. p. 69.

<sup>323</sup> COHN, Norman. *A conspiração mundial dos judeus: mito ou realidade?* Análise dos *Protocolos* e outros documentos. Trad. Leonidas Gotijo de Carvalho. São Paulo: IBRASA, 1969. p. 169.

<sup>324</sup> GINZBURG, Carlo. Representar o inimigo – sobre a pré-história francesa dos *Protocolos*. In: *O fio e os rastros*. Verdadeiro, falso, fictício. Trad. de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 209.

<sup>325</sup> GINZBURG, Carlo. Representar o inimigo – sobre a pré-história francesa dos *Protocolos*. In: *O fio e os rastros*. Verdadeiro, falso, fictício. Trad. de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 189.

<sup>326</sup> *Ibidem*. p. 200.

se propõem a controlar a sociedade, descritas, respectivamente, pelos Sábios de Sião e pelo Maquiavel de Joly.<sup>327</sup>

Nas décadas de 1920 e 1930 e, mais tarde, depois da Segunda Guerra Mundial, o livro de Joly voltaria a ser discutido devido às suas relações com os *Protocolos dos Sábios de Sião*. A primeira versão dos *Protocolos* teria surgido na Rússia em 1903, seguindo-se novas edições após a Revolução de Outubro, quando começaram a ser difundidos pela imprensa reacionária.<sup>328</sup>

Para o reconhecimento dos *Protocolos* como uma falsificação, conforme explica Ginzburg, foi determinante a denúncia de Philip Graves em artigos de imprensa. Graves era correspondente do *Times* de Istambul, em 1921, quando publicou três artigos no jornal apontando a semelhança do panfleto antisemita com os *Diálogos* de Joly. Conforme assinala Ginzburg, entretanto, enquanto se acusava a farsa, o ensaísta e padre católico francês Ernest Jouin (1844-1932) escrevia: “pouco importa se os *Protocolos* são autênticos, basta que sejam verdadeiros”. O precedente, inclusive, encontrava-se “no mesmo espírito, [com que] os clérigos medievais haviam forjado as suas *piae fraudes* [fraudes piedosas]: falsificações inspiradas na verdadeira religião.”<sup>329</sup>

Conforme mostramos, Gustavo Barroso unia-se às campanhas internacionais em defesa da veracidade do livro em textos em *A Offensiva*. Em sua edição de 1936, no capítulo sobre o “O Grande Processo de Berna”, afirmava que os chefes judeus tinham comprado testemunhas em Estocolmo, Varsóvia e Paris, com objetivo de contestar a autenticidade dos *Protocolos*.

Há trinta anos foram os “Protocolos” publicados pela primeira vez. Nesse período, realizaram-se tôdas as profecias neles contidas. O comunismo, que decorre dêles e é o coroamento da obra judaica, ameaçou subverter o mundo. A civilização cristã, antes de Mussolini e de Hitler, quase levou a breca. Tudo isso advertiu o mundo do perigo judaico. E o anti-judaísmo abrolhou por tôda a parte como uma reação defensiva natural e necessária.

A atitude natural do judaísmo não pode ser outra senão desviar as suspeitas e tentar desfazer as provas que corroboram a miserável e covarde ação das forças ocultas a sôlido de Israel no mundo.<sup>330</sup>

No trecho, Barroso procurava destacar uma oposição entre civilização cristã, de um lado, e os judeus e o comunismo, de outro, como no mito da “conspiração judaica”. No

<sup>327</sup> *Ibidem*. p. 202-203.

<sup>328</sup> *Ibidem*. p. 201.

<sup>329</sup> *Ibidem*. p. 201-202.

<sup>330</sup> *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. Trad. Gustavo Barroso. São Paulo: Revista Editora Minerva, 1936. p. 61.

mesmo texto, faz um chamado à “Mocidade cristã do Brasil, de pé contra o Anticristo!”<sup>331</sup> Em sua concepção, apropriada dos *Protocolos*, os judeus eram “invasores”, definidos como “inimigos” da Igreja, da nação, da raça brasileira e da economia nacional, imorais, materialistas e “sem pátria”.

Apresentamos neste capítulo alguns pontos em torno das colaborações de cunho antissemita nas páginas de *A Offensiva*, a partir das aproximações de Gustavo Barroso com o nazifascismo. Tratamos também dos debates, tensões e divergências internas ao movimento integralista nesse aspecto, com destaque à questão da tônica racial, presente no antissemitismo moderno. No contexto integralista, Barroso protagonizou o esforço de propagação do mito da conspiração judaica contido em *Os Protocolos dos Sábios de Sião*.

---

<sup>331</sup> *Ibidem*, p. 82.

### 3 JUDAÍSMO, MAÇONARIA E COMUNISMO

Este capítulo analisa o livro *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*, de Gustavo Barroso, a partir de proposições desenvolvidas por Roger Chartier. Tratamos de investigar o texto em seus diversos aspectos, segundo a noção de “ordem do discurso”, tendo em conta o uso de imagens, palavras e referências e o modo como o autor se posiciona sobre os assuntos em tela.<sup>332</sup> Na ordem do discurso, a “função autor” é simultânea à ordem dos suportes e dos sentidos do texto.<sup>333</sup> Segundo o historiador, é preciso considerar na análise a sociologia dos textos, seus modos de construção e processos de transmissão e a invenção do autor.<sup>334</sup>

Como alguns de seus contemporâneos, Gustavo Barroso adotou pseudônimos como “Nautilus”, “João do Norte”, “Jotaene” e “Cláudio França”.<sup>335</sup> Neste livro, assinou o próprio nome, como em outros textos integralistas. Dedicou a obra aos “camisas-verdes de Minas”, a quem envia a saudação integralista “Anauê!”.

*Judaísmo, Maçonaria e Comunismo* foi publicado pela editora Civilização Brasileira, do Rio de Janeiro, em 1937,<sup>336</sup> e teve apenas uma edição. Foi divulgado na imprensa integralista e incluído no *Anuário Brasileiro de Literatura* do mesmo ano. Fora do Rio de Janeiro, podia ser comprado na Livraria Cruzeiro, em Porto Alegre.<sup>337</sup>

Com 37 capítulos, tratava-se de um livro panfletário, de conteúdo propagandístico e sensacionalista, que tinha por intenção difundir a campanha contra os judeus no Brasil, transcrevendo, em parte, artigos já publicados em *A Offensiva*. Nele Gustavo Barroso recria o

<sup>332</sup> CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Trad. Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Unesp Digital, 2017. p. 1-23.

<sup>333</sup> MORAES, Kleiton de Sousa. Roger Chartier. O que é um autor? Revisão de uma genealogia [resenha]. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 33, n. 65, 2013, p. 451. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbh/a/8QM7JdSwwKPrHpMVsbZFxmL/?lang=pt>>. Acesso em: 20 outubro 2022.

<sup>334</sup> Em diálogo com Michel Foucault, Chartier refere-se ao mecanismo segundo o qual um texto ou uma obra são identificados a um nome próprio e à noção de autoria na apropriação de textos de outros autores.

<sup>335</sup> Museu Histórico Nacional. Hemeroteca Gustavo Barroso. MENEZES, Raimundo de. Após enfrentar áspera luta o imortal Gustavo Barroso venceu como escritor. *A Gazeta*. São Paulo, 18 de julho de 1959. 57 - 1959. 2º Semestre. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&Pesq=adolpho%20dumans&pagfis=55074>>. p.15.

<sup>336</sup> A Civilização Brasileira foi fundada por Gustavo Barroso, Getúlio M. Costa e Ribeiro Couto. Em 1932, foi adquirida por Octalles Marcondes Ferreira, passando a fazer parte da Companhia Editora Nacional. Em 1937, Fenício Marcondes Ferreira, irmão de Octalles, adquiriu as ações de Barroso. Sob a direção de Ênio Silveira, genro do primeiro, que depois tornou-se seu proprietário, a Civilização foi uma das principais editoras do país na segunda metade do século XX. LIMA, Guilherme Cunha e MARIZ, Ana Sofia. Uma nova abordagem para o design do livro brasileiro: a experiência da editora Civilização Brasileira. 1950-1960. *Proceedings of the I International Conference of Information Design*. Recife: SBDI, 2003. Disponível em: <[https://www.academia.edu/3592515/Uma\\_nova\\_abordagem\\_para\\_o\\_design\\_do\\_livro\\_brasileiro\\_a\\_experi%C3%A2ncia\\_da\\_editora\\_Civiliza%C3%A7%C3%A3o\\_Brasileira\\_1950\\_1960](https://www.academia.edu/3592515/Uma_nova_abordagem_para_o_design_do_livro_brasileiro_a_experi%C3%A2ncia_da_editora_Civiliza%C3%A7%C3%A3o_Brasileira_1950_1960)>. Acesso em: 10 outubro 2020.

<sup>337</sup> A referência à Livraria Porto Alegre consta do livro. A tiragem e o preço não foram localizados na pesquisa.

mito da conspiração judaica contido nos *Protocolos dos sábios de Sião*, por meio do emprego de paráfrases desse texto e ao reescrever suas frases e expressões.

Ao longo do livro, repetem-se palavras como cristianismo, cristãos, mundo cristão, juventude cristã, algumas delas incluídas em vocativos, em frases com tom de advertência. Os judeus são apresentados como “raça perniciosa” e “inimiga da fé cristã” e da pátria. O autor mobiliza a oposição judeu *versus* cristão, tendo em vista o público alvo das campanhas integralistas, orientadas pelo mote “Deus, Pátria e Família”, e a difusão do ódio antissemita.

Barroso se refere ao antijudaísmo medieval, em comparações e aproximações dos judeus com o “diabo”, mesclados ao antissemitismo moderno e a termos biologizantes como “raça parasitária”, “raça de parasitas sociais”, “pulgas” e “bichos de pé”, que se combinam a “subversivo” e “inimigo”. Alinhava-se, assim, ao modo da difusão do ódio aos judeus na modernidade, que se pautava por generalizações e distorções, a partir de estereótipos negativos e de classificações atreladas a supostos traços biológicos ou comportamentais que fundamentavam as referências racialistas.

*Judaísmo, Maçonaria e Comunismo* apresenta trechos de citações em francês e inglês, que são explicados pelo autor em um tom emotivo e persuasivo, apresentados como “argumentos de autoridade”. Barroso, como um escritor experiente, descreve no livro um cenário conturbado por ameaças, com objetivo de dirigir a atenção dos leitores a um “problema judaico”. Como recurso visual, inclui fotografias de supostos “comunistas” e “terroristas”.

No segundo capítulo, intitulado “Um ramalhete de citações em honra de Israel”, apresentam-se referências aos livros *Die Historische Weltstellung der Juden und die Moderne Judenfrage* [A posição histórica do judeus no mundo e a questão judaica moderna] (1881), de Karl Friedrich Heman; *Die Grundlagen Des Neunzehnten Jahrhunderts* [Os fundamentos do século XIX] (1899), de Houston Stewart Chamberlain; *História dos Cristãos Novos Portugueses* (1921), de João Lúcio d'Azevedo; *The races of the Old Testament* [As raças do Velho Testamento] (1891), de Archibald Henry Sayce; *A invasão dos Judeus* (1925), de Mário Saa; e *L'anti-semitisme*, de Bernard Lazare.<sup>338</sup>

Além da menção a essas obras, constam no livro referências a textos de jornais brasileiros como *O Globo*, *O Jornal*, *A Bandeira*, *O Sul Mineiro* e *Correio da Manhã*, assim como a jornais e revistas estrangeiras como *Century Magazine*, *Semanário Candide*, *The New York Times*, *The Nation*, *New Masses* (Estados Unidos); *Jewish Weekly*, *The Patriot*,

---

<sup>338</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 13-19.

*Financial News* (Londres); *L'Humanité, Libre Parole* (França); *Journal de Genève* (Suíça); *Novy Dziennik* (Polônia); *Der Moment* (Alemanha); e *Regime Fascista* (Itália).

No livro *Integralismo em marcha* (1936), Gustavo Barroso escrevera que “uma ideia se espalha por milhões de cérebros e dissemina milhões numa unidade”.<sup>339</sup> *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo* parece seguir essa estratégia, com o fim de replicar o ódio a partir do mito da conspiração internacional judaica. Se o livro conseguiu o efeito pretendido é difícil de afirmar, mas trouxe reações contrárias, no contexto da ascensão nazifascista e da escalada do antissemitismo em diferentes países, com manifestações de intolerância e violência aos judeus.

Também no Brasil o discurso de ódio, segundo Jeffrey Lesser, se justificava pela referência ao “judeu imaginado”, transfigurado no “comunista” e no “capitalista”. Para Lesser, nesse período a “questão judaica” - ou “problema judaico” - integrava a agenda política e social brasileira, sendo os judeus submetidos a acusações e julgamentos que não correspondiam à realidade.<sup>340</sup>

Roger Chartier explica que, na produção de um texto, o autor aposta no pré conhecimento dos leitores, geralmente com a repetição de temas e o reemprego de imagens, que podem despertar novas leituras. Assim, para o historiador francês, se a leitura é prática criadora e produtora, como ação, de sentidos singulares, os autores, editores e comentaristas, por outro lado, preparam o leitor para uma “compreensão correta, a uma leitura autorizada”, impondo-se seus sentidos aos leitores.<sup>341</sup>

A este respeito, entendemos que a leitura pode exercer efeitos consideráveis sobre seu público, isto é, um leitor pode ser motivado pelo que lê, por meio de seus interesses e curiosidades. Inevitavelmente, os textos têm seus resultados.

---

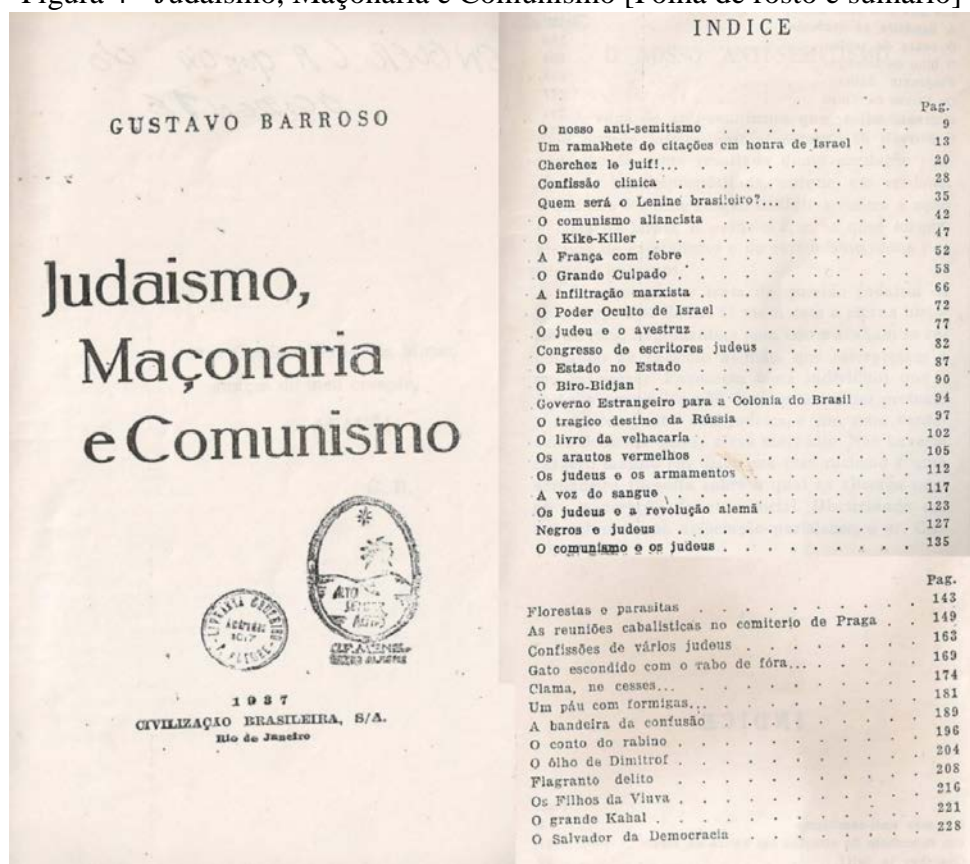
<sup>339</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 15-16.

<sup>340</sup> LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. p. 24.

<sup>341</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2ª ed. São Paulo: Difel, 2002. p. 123.

### 3.1 A dominação judaica internacional: os temas centrais do livro

Figura 4 - Judaísmo, Maçonaria e Comunismo [Folha de rosto e sumário]



Fonte: Barroso, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

Gustavo Barroso traduzira para o português *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. No novo livro, discorreu sobre as supostas relações do judaísmo com a maçonaria, o marxismo e o liberalismo, sendo essa a base central do conteúdo dos capítulos.<sup>342</sup> O judaísmo contaria com colaboração da maçonaria e de instituições como a *Aliança Israelita Universal*, a *Liga de Direitos do Homem* e a *Ordem de B'nai-B'rith* para um plano de dominação mundial.

<sup>342</sup> Destaco que artigos assinados com pseudônimo João do Norte na seção “Judaísmo Internacional” de *A Offensiva* foram depois incluídos como capítulos em *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Por exemplo: Os Arautos da Revolução Vermelha. *A Offensiva*. 1º de junho de 1935; Um Pau com Formigas. *A Offensiva*. 8 de junho de 1935; As reuniões cabalísticas do cemitério de Praga. *A Offensiva*. 8 de junho de 1935; A voz do sangue. *A Offensiva*. 13 de junho de 1935; Os judeus e a Revolução Alemã. *A Offensiva*. 13 de junho de 1935; O poder oculto de Israel. *A Offensiva*. de 22 de junho de 1935. Museu Histórico Nacional. Hemeroteca Gustavo Barroso. 22/ 1º semestre 1935 a 1º semestre 1936. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&id=59769002746248&pagfis=49308>>. Acesso em: 20 outubro de 2022.



No capítulo “As reuniões cabalísticas no cemitério de Praga”, Barroso reproduz o mito dos *Protocolos*, remetendo aos comentários publicados por P. Hochmuth, em Berlim, sobre a festa dos tabernáculos. As “confabulações” judaicas teriam iniciado em 1461 e, em 1743, a maçonaria teria se colocado à serviço do judaísmo. Na tentativa de provar o plano do capitalismo judaico, na referência a esta reunião, Barroso acusa os banqueiros “Bauer”, “Morin”, “Franken” e Moisés Hayes, os arrendatários de impostos Stinger, Moises Cohen e Issac Lang e os homens de letras Beihacke e Abraão de adquirirem privilégios para a abertura de lojas maçônicas e atuarem para a ruína das monarquias na época das revoluções liberais.<sup>343</sup>

Os banqueiros teriam financiado a fundação de lojas maçônicas nas principais cidades europeias que, nessa versão, eram o centro das tramas revolucionárias. Segundo Barroso, a loja maçônica de Paris tivera como membros os revolucionários Voltaire, Condorcet, Marat, Robespierre, Camille Desmoulins, Mirabeau, Baille e Fouché e judeus suíços e ingleses haviam atuado contra o regime monárquico francês.<sup>344</sup> No ambiente das lojas ocorrera a trama da Revolução Francesa, sendo os judeus favorecidos com os direitos de igualdade afirmados no processo, acumulando grandes fortunas.<sup>345</sup> Posteriormente, os mais ricos promoveram o endividamento dos Estados nacionais europeus na soma de 2 bilhões de francos, até 1861.<sup>346</sup>

Gustavo Barroso reproduz dos *Protocolos* o relato das reuniões do cemitério de Praga e da espera da “profecia” do talmudista Rabi Simeão Judá. Neste caso, os judeus teriam aguardado por séculos a chegada da dominação contra as nações cristãs, prevista no horóscopo cabalístico para o ano de 1941. Nesse ponto, destaca que as autoridades alemãs haviam denunciado esse intento, após investigação das “fortunas” de judeus da França, Viena, Londres, Berlim, Hamburgo, Frankfurt, San Petersburgo, Nápoles, Roma e Amsterdã, levando à “constatação” do suposto plano de destruir as economias nacionais.<sup>347</sup> Segundo Barroso:

É possível que, na véspera da Festa dos Tabernáculos de 1941 os treze judeus reunidos em volta do sepulcro do Rabino Cabalista no cemitério israelita de Praga, segundo a tradição que eles negam a pé firme, entõem o canto do triunfo de Israel,

<sup>343</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 150-151.

<sup>344</sup> Segundo Hobsbawm, a participação dos judeus na Revolução Francesa foi praticamente inexistente. HOBBSAWM, Eric. *Tempos Fraturados: cultura e sociedade no século XX*. Trad. Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras. 2013. p. 104.

<sup>345</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 151. Observe-se que argumentos semelhantes foram usados por Barroso em *Brasil - colônia de banqueiros* (1934).

<sup>346</sup> *Ibidem*. p. 150-159.

<sup>347</sup> *Ibidem*. p. 158-159.

pastor de povos escravizados pelo comunismo, rei do mundo materializado e mecanizado, senhor de uma humanidade imbecilizada e abjeta.<sup>348</sup>

Barroso procurava convencer os leitores da “malignidade” inscrita nos símbolos, nos rituais cabalísticos, nas palavras judaicas, nos símbolos salomônicos e na conservação das tradições de Jerusalém. Do Talmude e da Cabala deduzia que a maçonaria, internacionalista, tinha origem judaica.<sup>349</sup>

Segundo Luiz Mário Ferreira Costa, Gustavo Barroso tornou-se nos anos de 1930 um dos principais antimaçons brasileiros. O autor assinala que “os textos antimaçons possuíam uma lógica própria, seguiam uma espécie de roteiro na montagem de suas teses”. A literatura antimaçônica era um “retrato de uma época em crise, marcada pelas idéias de conspiração e paranóia social, mas como um objeto que traz consigo sua própria realidade”.<sup>350</sup> Barroso seguiu esse roteiro na montagem do argumento sobre o vínculo entre judaísmo, maçonaria e comunismo.

Trataremos em seguida de capítulos selecionados de seu livro nos quais foram enunciados seus temas centrais, fundamentando seus argumentos e apontando as aproximações com os *Protocolos*: “O livro da velhacaria”; “O Grande Culpado”; “*Cherchez le juif!*” [Procure o judeu!]. Também mencionamos na análise os capítulos “O comunismo aliancista”; “A França com febre”; “A infiltração marxista”; “Congresso de escritores judeus”; “Os arautos vermelhos”; “Os judeus e os armamentos”; “O comunismo e os judeus” e o “O Grande Kahal”.

Ainda que os textos de Barroso contivessem elementos do antissemitismo moderno, com a replicação de termos como “parasita capitalista” e “vermina” e do estereótipo que tomava o dinheiro dos judeus como símbolo de poder e de uma “raça” gananciosa, baseavam-se no antijudaísmo. Barroso defendia assim que a judaização resultaria na “destruição” do cristianismo e que os semitas eram “destruidores” de igrejas e de todas as ordens sociais. No

---

<sup>348</sup> *Ibidem*. p. 156-162. Observe-se que o mencionado ano foi o que marcou o começo da deportação em massa de judeus para os campos de Auschwitz-Birkenau, Belzec, Chelmno, Sobibor, Treblinka (Polônia), Jasenovac (Croácia) e Lwów (Ucrânia). Desde 7 de abril de 1933 a população judaica na Alemanha sofria restrições impostas pelo Terceiro Reich. Nesta data, a remoção gradual dos judeus começou em várias atividades profissionais. DECOL, René Daniel. *Imigrações urbanas para o Brasil: o caso dos judeus*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 1999. p. 57. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280254>>. Acesso em: 26 julho 2018. Ver também *UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM*. Disponível em: <<https://www.ushmm.org>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

<sup>349</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 199.

<sup>350</sup> COSTA, Luiz Mário Ferreira Costa. Maçonaria e Antimaçonaria: uma análise da História secreta do Brasil de Gustavo Barroso [Entrevista]. *Revista de Estudos Históricos de La Masoneria*. Costa Rica, v. 5, n. 1, mayo-noviembre 2013. p. 206.

capítulo “O livro da velhacaria”, acusava os rabinos de utilizarem o *Talmude* para manipular os acontecimentos históricos.<sup>351</sup>

Segundo Bernardo Sorj, o judaísmo pode ser caracterizado como religião, povo, etnia ou identidade coletiva, não se enquadrando em “sistemas classificatórios rígidos e unívocos”. Também pode ser definido como um sentimento e uma experiência emocional que se encontra fragmentada na multiplicidade judaica da modernidade.<sup>352</sup> As afirmações de Gustavo Barroso sobre judaísmo se limitavam ao aspecto político e à religião. O autor vulgariza o uso do termo com o fim de difundir o antissemitismo e como instrumento de convencimento dos leitores sobre supostos planos conspiratórios.

No capítulo “O Grande Culpado”, acusa o francês Isaac-Jacob Adolphe Crémieux<sup>353</sup> de tramar contra as nações cristãs na *Aliança Israelita Universal*.<sup>354</sup> Essa organização foi criada na França em 1860 e seu programa incluía a defesa dos judeus contra leis opressivas e discriminatórias nos países onde tivessem sido vítimas de perseguição e a educação e a publicação de obras sobre sua história e a vida dos judeus. No livro de Barroso, a Aliança revelaria a “intencionalidade” dos judeus, em sua conspiração, o que se notava na defesa de ideias como a de que “a despeito das NACIONALIDADES QUE TENDES ADOTADO, continuais a formar sempre e por toda a parte uma só e única nação”. O mesmo se expressaria, segundo o escritor integralista, na afirmação de que “[d]ispersos no meio das outras nações, que, desde tempos imemoriais são hostis aos nossos direitos e interesses, desejamos, em primeiro lugar, SER e PERMANECER IMUTAVELMENTE JUDEUS” [grifos de Barroso].<sup>355</sup>

Desse modo, alteram-se os sentidos contidos nos textos referidos e citam-se boatos antijudaicos e antissemitas com o intuito de defender, no tocante à política de assimilação, a

---

<sup>351</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 102-104. Segundo Bernardo Sorj, o Talmude foi escrito pelos rabinos, sendo diferente da Torá que, como palavra divina, é intocada: “A principal obra de referência do judaísmo rabínico é o Talmude, constituído por dois conjuntos de livros, a Mishna e a Guemará”. SORJ, Bernardo. *Judaísmo para todos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 35.

<sup>352</sup> *Ibidem*. p. 10-12.

<sup>353</sup> Segundo Hobsbawm, após a Revolução Francesa: “Um judeu se tornou ministro do novo governo revolucionário francês (Crémieux)”. HOBBSAWM, Eric. *Tempos Fraturados: cultura e sociedade no século XX*. Trad. Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 104.

<sup>354</sup> Isaac-Jacob Adolphe Crémieux foi um dos fundadores da *Aliança Israelita Universal*. Mais tarde, Theodor Herzl, já mencionado, consideraria a entidade uma “Associação Judaizada pelo Estado Francês”. Assim, enquanto a expectativa do sionismo de Theodor Herzl encontrava-se na defesa do Estado nacional dos judeus, a Aliança Israelita Universal defendia “mudanças legais e políticas em seus países de residência”. GHERMAN, Michel. *O início do Sionismo no Brasil: ambiguidades da História*. São Paulo: Ed. UNIFESP, 2021. p. 69.

<sup>355</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 59.

existência de conspiração. Desse modo, os judeus conseguiriam se manter alheios às nações, sem reconhecer o cristianismo e vivendo nos países como estrangeiros.

Outro elemento do argumento de Barroso diz respeito à ideia de que, na modernidade, a ameaça do “marxismo-judaico” levaria à destruição das famílias através de casamentos mistos, da destruição da propriedade, da produção agrícola, dos meios intelectuais, da imprensa, dos mercados econômicos e das instituições públicas. Tais processos ocorreriam por intermédio de revoluções, de revoltas e do pacifismo (contra as forças militares) e com a implantação do ateísmo (contra a Igreja cristã).<sup>356</sup> Mais uma vez, tratava-se da leitura dos *Protocolos* sobre os planos do judaísmo internacional. Nas palavras de Barroso:

Por que o judaísmo pôde executar essa incrível manobra maquiavélica de terminar a obra destruidora do capitalismo pela do comunismo, que é o seu aliado, fingindo que é o seu inimigo?

Porque, antes, foi creado o clima propício à eclosão e desenvolvimento do individualismo capitalista, racionalista, cético, agnóstico e amoral, caldo de cultura das peores bacterias sociais: o LIBERALISMO.

Este é o grande culpado. Foi ele quem tirou o fermento judeu da limitações do ghetto e o espalhou dentro da sociedade como igual para igual.<sup>357</sup>

No capítulo “Os Arautos Vermelhos”, procurava mostrar as “táticas” do judaísmo, por trás do capitalismo, na revolução bolchevique. Sem o dinheiro dos banqueiros judeus de Nova York ao Império czarista, segundo Barroso, o marxismo não teria se infiltrado no país.<sup>358</sup> O autor repete neste ponto, mais uma vez, a ideia do “banqueirismo judaico”<sup>359</sup> como responsável pelo colapso econômico dos Estados modernos, causado por sua dependência do capitalismo financeiro. O dinheiro era, assim, um recurso para a dominação dos judeus.

Nessa acusação, a elite judaica criava as crises nacionais e, conseqüentemente, abria as portas para as revoltas dos trabalhadores, motivadas pelos comunistas. Assim, em uma perspectiva sequencial, o sentido construído no texto do autor se desdobrava em uma montagem dos acontecimentos iniciada nas reuniões do cemitério de Praga, passando pela destruição do regime francês, com a ascensão do liberalismo, até a queda do Império Russo.

Depois de haver levado o mundo ao ponto em que se acha, exercendo sua ação através do capitalismo internacional, que floresceu com o individualismo liberal, seu clima propicio, creou o judeu contra a civilização cristã, à sombra do marxismo-judaico e da maçonaria judaizada, máquina de guerra social do comunismo.<sup>360</sup>

<sup>356</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 160.

<sup>357</sup> *Ibidem*. p. 64-65.

<sup>358</sup> *Ibidem*. p. 105.

<sup>359</sup> *Ibidem*. p. 159.

<sup>360</sup> *Ibidem*. p. 11.

Karl Marx era o “novo Moisés”, criador da doutrina de aparência “pseudo-científica” marxista.<sup>361</sup> Com essas afirmações, Gustavo Barroso apresentava aos leitores argumentos relativos ao comunismo. Na sua interpretação, a defesa da luta de classes era um instrumento de desunião da “sociedade cristã-ocidental”,<sup>362</sup> servindo para dividir a pátria, com o internacionalismo, a família, com a poligamia, e a religião, com o materialismo e o ateísmo.<sup>363</sup>

Destruindo totalmente o direito de propriedade, o Estado imite-se na posse de todos os bens. Destruída a família, de todo, os filhos passam a pertencer ao Estado e as mães a simples gado procreador. Destruída a pátria, a terra será posse anônima do Estado. Destruído Deus no coração humano, desaparece a norma superior da moral e somente o Estado sabe e discerne o que é o Bem e o que é o Mal. O Estado é tudo. Um grupo de judeus, como na Rússia, manobra o Estado: tudo está nas mãos de Israel.<sup>364</sup>

O Estado soviético, para Barroso, era um Estado judaico, o que poderia ser constatado, supostamente, na estrutura organizacional da liderança política comunista. Segundo o escritor, dos 503 altos cargos soviéticos, 400 eram ocupados por judeus.<sup>365</sup> A apresentação dos números reforçava o ponto explicitado, buscando tornar o argumento mais convincente. Afirmava também que desde 1918 o antissemitismo passou a ser proibido, por um decreto de Lenin, sendo punido com a pena de morte por Stalin, em 1931.<sup>366</sup>

No capítulo *Cherchez le juif!* acusava a *B'nai-B'rith*<sup>367</sup> por ele chamada de “loja maçônica”, de abrigar a raiz do comunismo, e uma escola judaica de Buenos Aires de ensinar meninos a fabricar explosivos e a atirar com armas de fogo e de propagar os autores russo-judeus, fundamentando tal denúncia em uma notícia de *O Globo*, de setembro de 1936.<sup>368</sup> Além disso, acusava supostas ações judaico-maçônico-comunistas, com orientação dos

---

<sup>361</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 62 e p. 66. O marxismo esteve presente nas lutas operárias a partir de 1890, na Itália, na Alemanha e na Grã-Bretanha e depois com maior desenvolvimento na Rússia czarista. HOBBSAWM, Eric. *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840-2011*. Trad. Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 196.

<sup>362</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 66.

<sup>363</sup> *Ibidem*. p. 61.

<sup>364</sup> *Ibidem*. p. 68-69.

<sup>365</sup> *Ibidem*. p. 105.

<sup>366</sup> *Ibidem*. p. 61.

<sup>367</sup> Fundada em Nova York em 1843, a Ordem Independente de *B'nai B'rith* (“Os Filhos da Aliança”, em idioma hebraico) dedica-se a campanhas humanitárias e aos direitos humanos e está presente, hoje, em mais de 40 países.

<sup>368</sup> *Ibidem*. p. 21-23.

professores Yatinizky, Libmann e Isascson e Alberta Malamud do Colégio Popular Israelita I. L. Peretz, de Buenos Aires, de doutrinação comunista baseada nas ideias de Lenin e Stalin.<sup>369</sup>

No Brasil, segundo Barroso, tais ações encontravam-se nas mãos de Luiz Carlos Prestes desde 29 de dezembro de 1934, sob as ordens do Estado soviético.<sup>370</sup> O escritor integralista lembrava aos leitores o episódio do levante comunista de 1935, no qual teriam participado os judeus David Rachaides Rabinovtch (identificado por Barroso como “mentor oculto de Prestes”), Harry Berger e integrantes da Braz-Cor e da Schlomo-Leiken<sup>371</sup> e ligando a Aliança Nacional Libertadora às Ligas Pró-Liberdades Populares e antifascistas.<sup>372</sup>

Gustavo Barroso publicava essas “acusações” poucos meses após o envio, pelo governo de Getúlio Vargas, da militante judia Olga Benário à Alemanha nazista, em setembro de 1936. Em 1942 Olga foi assassinada nas câmaras de gás, no campo de concentração em Bernburg. No Brasil, Luis Carlos Prestes ficou detido na prisão e Harry Berger enlouqueceu, após sucessivas torturas pelas autoridades brasileiras.<sup>373</sup>

No capítulo “Quem será o Lenine brasileiro?”, Barroso explicava aos leitores que, na Espanha, o comunismo teria se alastrado com o judeu Marcel Rosenberg, apoiador da Frente Popular espanhola, através da delegação executiva do Komintern.<sup>374</sup> Segundo o escritor,

<sup>369</sup> Segundo Daniel René Decol, “os bolcheviques repudiavam oficialmente o antissemitismo e a discriminação das minorias. Por outro lado, coerentes com a tradição marxista, repudiavam as religiões em geral”. DECOL, René Daniel. *Imigrações urbanas para o Brasil: o caso dos judeus*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: 1999. p. 70. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280254>>. Acesso em: 26 julho 2018.

<sup>370</sup> Em 1935, Prestes se uniu à Aliança Nacional Libertadora (ANL), liderada pelo Partido Comunista do Brasil (PCB), que lutava contra o fascismo, o imperialismo, o latifúndio e a opressão às liberdades democráticas. Na ocasião, “foi eleito membro da Internacional Comunista, ao lado, entre outros, de Stalin, Manuilski, Dimitrov, Thorez, Togliatti, Mao Tsé-Tung, Dolores Ibarruri e Bela Kun”. ABREU, Alzira Alves de e CARNEIRO, Alan. Prestes, Luís Carlos [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC. Disponível em: <<https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/prestes-luis-carlos>>. Acesso em: 18 maio 2022.

<sup>371</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 21-22; p. 45. Segundo Joana Bahia, a Biblioteca Scholem Aleichem teria inspirado a formação da Associação Scholem Aleichem no Rio de Janeiro, em 1915. Seus membros eram imigrantes judeus da Europa Oriental que vinham sofrendo com o antissemitismo. Teriam participado de partidos comunistas e no Bund (Confederação Geral dos Operários Judeus da Lituânia, Polônia e Rússia). No Brasil, lutaram contra o fascismo e defenderam pautas sociais, políticas e econômicas e a língua ídiche. BAHIA, Joana D’Arc do Valle. Imigração judaica e ativismo político nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. In: PACELI, Ademir Paceli; VAINER, Carlos; POVOA NETO, Helion; SANTOS, Miriam Santos (org.). *A experiência migrante: deslocamentos e reconstruções*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 164.

<sup>372</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 21.

<sup>373</sup> ABREU, Alzira Alves de e CARNEIRO, Alan. PRESTES, Luís Carlos [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC. Disponível em: <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/prestes-luis-carlos>>. Acesso em: 15 setembro 2022.

<sup>374</sup> Na Espanha o marxismo teve forte influência sobre o movimento operário. HOBBSAWM, Eric. *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840-2011*. Trad. Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, São Paulo, 2011. p. 196-238.

judeus de diversas nacionalidades, especialistas na fabricação e montagem de armas, tramavam ofensivas na Espanha da Guerra Civil, em 1936-1937 - episódio que servia de analogia ao levante comunista brasileiro de 1935.<sup>375</sup> Enfatizamos que acusações infundadas como essas se repetiam nas páginas dos jornais integralistas, servindo à disseminação das ideias antissemitas. No capítulo “Congresso de escritores judeus”, escreve:

Há tempos, a imprensa comunista e a imprensa liberal andaram soltando foguetes durante semanas seguidas por causa dum Congresso de Escritores que se reuniu em Paris e se manifestou contra os fascismos. Por toda a parte, os jornais fizeram larga publicidade em torno do caso, mostrando que a INTELETUALIDADE do mundo ocidental, a FLÔR DA CIVILIZAÇÃO, é visceralmente inimiga dos fascismos e defensora imperterrita das desmoralizadas *liberdades públicas* das democracias. [...]. Em primeiro lugar, vejamos quais os mentores, os intelectuais que compuseram o tal congresso. Para mostrar que nada inventamos, apanhemos a lista num artigo do “Correio da Manhã” em que o jovem sr. Heitor Moniz bate palmas à manifestação da “intelectualidade ocidental”. [...]

Pois bem, o congresso de escritores de Paris, pela mesma razão, não foi uma assembléa de homens de letras ocidentais e sim de homens de letras orientais, isto é, judeus, que usam pseudônimos cristãos.

Em verdade, como assegura um pensador moderno: “A multidão de Israel inunda a Europa, levando a destruição a estes três campos: campo político, campo religioso e campo mental.” Os escritores reunidos em Paris, que violentamente se manifestaram contra os fascismos, representam essa MULTIDÃO INVASORA, não representam os povos que dizem representar.<sup>376</sup>

Da lista dos escritores que participaram do Congresso, retirada do *Correio da Manhã*,<sup>377</sup> dava destaque, em comentário, a Luc Durtain e Jaime Cortesão.

Luc Durtain, por exemplo, ou o sr. Andre Herven, é tão francês como Jaime Cortesão é português. Um escreve em francês. O outro escreve em vernáculo. Mas ambos são israelitas. Há sobre eles uma ligeira película criada pelos hábitos, pelo costume de falar a língua, pela educação, pelos estudos, pela convivência e pelo que, no caso Durtain, o judeu Henry Max chamou a *tagarellice parisiense*. Mas tudo isso é meramente superficial. O fundo é judeu. E compreende-se que não pode deixar de ser assim.

No Brasil, também aceitamos qualquer hebreu, que se não sabe de onde veio nem para onde vai, como brasileiro, tal qual se passa nas outras pátrias, graças às teorias idiotas do liberalismo.<sup>378</sup>

De acordo com Ângela Meirelles de Oliveira, o *Congresso de Escritores pela Defesa da Cultura*, que ocorreu na sala da Mutualité em Paris, no dia 21 de junho de 1935, teve

<sup>375</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 35-41.

<sup>376</sup> *Ibidem*. p. 82-86.

<sup>377</sup> Teriam participado do evento André Gide, Martin Andersen, Heinrich Mann, Aldaux (Aldous) Huxley, Waldo Franck, C. M. Forster, Julien Benda, Luc Durtain, André Chanson, Nikolau Tikony, Kolstsof, Karim Michaelis, Sokalof, Stolnof, Jef East e Jaime Cortesão. *Ibidem*. p. 83.

<sup>378</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 85.

repercussão na América do Sul, com “diferentes versões sobre as relações dos escritores com o comunismo soviético”.<sup>379</sup> O encontro partiu da iniciativa de escritores comunistas franceses e exilados alemães, terminando por reunir intelectuais de diversas tendências políticas e nacionalidades, com destaque para as participações de Henri Barbusse, Heinrich Mann, Romain Rolland e André Gide. Também para Joana Bahia o congresso foi uma iniciativa de intelectuais que travavam a luta contra o fascismo. O grupo que organizou o evento em Paris formou a Associação Cultural Judaica, com o objetivo de combater o antissemitismo e promover a “ampliação da cultura judaica laica progressista pela justiça social e liberdade”.<sup>380</sup>

Não é de se estranhar que Barroso, integralista e defensor do nazifascismo, aproveitasse a repercussão do evento para escrever acusações contra os judeus. Ele estava atento às publicações na imprensa sobre o Congresso, reunindo notas, notícias e referências e utilizando-as em seu texto, depois incluído no livro. As referências e citações servem ao objetivo de apoiar seus argumentos, sugerindo seu embasamento em informações e leituras.

Como vimos, Gustavo Barroso formulou acusações contra o que chamava de maçonaria-judaica e de marxismo-judaico, como expressão de seu antissemitismo. Tratou da aspectos do suposto “avanço” dos judeus e do judaísmo, em pontos muitos específicos apropriados dos *Protocolos*, construindo versões próprias dos episódios que relatava no Brasil.

### 3.2 Apropriações a partir de citações

*Judaísmo Maçonaria e Comunismo* inclui no capítulo “Um ramalhete de citações em Homenagem à Israel” uma seleção de citações dos livros como *História dos Cristãos Novos Portugueses* (1921), de João Lucio D’Azevedo, *The races of the Old Testament* (1923), de Archibald Henry Sayce, e *A Invasão dos Judeus* (1925), de Mário Saa, sendo este último também citado em “Congresso dos escritores judeus”.

---

<sup>379</sup> OLIVEIRA, Ângela Meirelles de. Repercussões do Congresso de Escritores pela Defesa da Cultura de Paris (1935) no Cone Sul: luta antifascista e debates culturais. *Dimensões*, n. 35, p. 270-294, jul./dez. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/index.php/dimensoes/article/view/12500>>. Acesso em: 10 janeiro 2022.

<sup>380</sup> BAHIA, Joana D’Arc do Valle. Imigração judaica e ativismo político nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. In: PACELI, Ademir Paceli; VAINER, Carlos; POVOA NETO, Helion; SANTOS, Miriam Santos (org.). *A experiência migrante: deslocamentos e reconstruções*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 164.



Gustavo Barroso apropria-se desses textos para justificar atributos que associa aos judeus e ao judaísmo, ligados a aspectos do antissemitismo moderno, mas remontando aos períodos antigo e medieval. Notar-se-á nos seus argumentos o destaque à configuração da figura do judeu errante, em peregrinação. Na construção dessa imagem, buscava enfatizar uma suposta relação do povo judeu com o dinheiro, utilizado como meio estratégico para adquirir benefícios e para entrada nos diversos países.

O livro *História dos Cristãos-Novos Portugueses*, do historiador português João Lucio d'Azevedo (1922), descreve as ações dos judeus no contexto da atuação do Tribunal do Santo Ofício, desde o reino de D. João III até o fim das perseguições, na administração pombalina. Remonta, também, ao período babilônico, quando teria ocorrido a dispersão dos judeus para a África, a Itália, a Turquia e a Península Ibérica. Azevedo trata da presença dos judeus em Portugal desde o século XIV, quando estes reclamaram o direito de viver no país. Esse teria sido “factor importante de desequilíbrio social”, ao qual o poder respondia com leis de exceção e o “desgosto popular” com violência, “leis e explosões de selvagem violência bem depressa esquecidas, porque a pertinácia da raça estranha podia mais na sua passividade que o arbitrio empyrico dos governos, e o furor intermitente do populacho”.<sup>381</sup>

Conforme o mesmo autor, o “aspecto físico, traje, crença e preceitos morais” causavam estranheza entre a população nativa e a ganância econômica, a partir das práticas de usura, provocava entre os portugueses inveja e conflitos. No reinado do rei Afonso Henrique os judeus teriam prosperado a ponto de possuírem escravos cristãos, ocupando importantes cargos públicos. João Lúcio d’Azevedo afirma que:

A ganancia excessiva, o assalto às posições de influencia, o modo arrogante como nellas se mantinham, a corrupção que faziam reinar em volta de si, o desprezo das leis e das crenças que não eram suas - se bem essas mesmas causas dessem de quando em quando occasião a motins populares e actos de perseguição, também dentro em pouco, como d'antes, os hebreus d'elles se recobravam, voltando à antiga preponderancia e reatando o fio das prosperidades.<sup>382</sup>

Com Afonso IV, ainda segundo Azevedo, a prática da usura resultou em altas cobranças de tributos e, com Afonso V, os judeus acumularam riquezas em anos de drástica

---

<sup>381</sup> D’AZEVEDO, J. Lucio. *História dos Christãos Novos Portugueses*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1922. p. 1-2. João Lúcio de Azevedo nasceu em 16 de abril de 1855, em Portugal. Trabalhou primeiramente como livreiro, tornando-se depois historiador. Em seu trabalho sobre o Santo Ofício utilizou documentos do Arquivo Nacional e manuscritos da Biblioteca Nacional portuguesa. CORRÊA FILHO, Virgílio. João Lúcio de Azevedo. Historiador luso-brasileiro. *Revista de História*, v. 11, n. 24, p. 425-431. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/36483>. Acesso em: 29 novembro 2022.

<sup>382</sup> D’AZEVEDO, J. Lucio. *História dos Christãos Novos Portugueses*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1922. p. 5.

crise econômica, enquanto os cristãos viviam condições miseráveis.<sup>383</sup> Do mesmo modo, preferiam os cargos administrativos e financeiros e evitavam trabalhos pesados agrícolas.<sup>384</sup> Nos reinados de D. Manuel e D. João III, no contexto do Tribunal do Santo Ofício, aceitaram a conversão para fugir das punições.<sup>385</sup> Segundo Azevedo, o Tribunal do Santo Ofício proibia:

Vestir roupa branca ou enfeitar-se aos sabbados, executar algum trabalho aos domingos, limpar candieiros ou varrer casa à sexta-feira, repugnar a carne de porco, o peixe de pelle, o coelho, tudo isso eram signaes de apostasia, que os verdadeiros fiéis tinham por dever, sob as penas canônicas, denunciar aos inquisidores.<sup>386</sup>

Assim, a Inquisição deveria funcionar para conter os males do judaísmo, mas terminou por servir a outros propósitos. Segundo o *Breve discurso contra a herética perfídia do judaísmo*, de 1623, e o panfleto *Honras christãs nas affrontas de Jesus Christo*, de 1625, ambos de autoria de Vicente da Costa Mattos.

Os judeus, dizia elle, são feios de rosto, e assim os tem Deus assignado, como expressão do seu desprezo; exhalam cheiro mau, que só com o baptismo se dissipa; ao fallarem cospem-se por si e uns aos outros nas barbas, em castigo de haverem cuspidos a Christo, quando o martyrizaram; os do sexo masculino são menstruados, provavelmente também por castigo; e outras semelhantes inepcias. Além d'isso increpa-os de homo-sexuaes, e de haverem introduzido o vicio no paiz.<sup>387</sup>

O casamento de judeu com cristão teria sido uma estratégia para conquistar a ascensão social.<sup>388</sup> Segundo Azevedo, os casamentos mistos às vezes eram um bom negócio para os portugueses e, aparentemente, uma carta de seguro para os judeus, pois quem suspeitaria de

<sup>383</sup> *Ibidem*. p. 8-9.

<sup>384</sup> Os judeus não podiam ocupar cargos públicos, nem ter imóveis, o que dificultava o acesso à agricultura. SOUZA, Grayce Mayre Bonfim. *Uma trajetória racista: o ideal de pureza de sangue na sociedade ibérica e na América Portuguesa*. *Politeia: Hist. e Soc. Vitória da Conquista*, v. 8, n.1, 2008, p. 85.

<sup>385</sup> O Tribunal do Santo Ofício foi criado em 1536 no reinado de D. João III, com a intenção de combater a heresia, primeiramente dos cristãos-novos judaizantes, além dos bigamos, sodomitas, mouriscos, solicitantes, falsos funcionários, blasfemadores, luteranos e feiticeiros. CALAINHO, Daniela. *Em nome do Santo Ofício: familiares da Inquisição portuguesa no Brasil colonial*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1992. p. 38-39.

<sup>386</sup> D'AZEVEDO, J. Lucio. *História dos Christãos Novos Portugueses*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1922. p. 90.

<sup>387</sup> *Ibidem*. p. 179. A dispersão judaica teria ocorrido do século XIV ao século XVII. No Brasil, o Tribunal do Santo Ofício separou drasticamente judeus de cristãos, havendo resistência contra as ordens oficiais dos inquisidores, ainda que sob ameaça de denúncia, caso escondessem “judeu culpado”. De acordo com Anita Novinsky, a conversão forçada teria provocado o abandono da fé judaica e o ceticismo religioso, tendo em vista que a lei inquisicional determinava a negação da cultura judaica. NOVINSKY, Anita et al. *Os judeus que construíram o Brasil: fontes inéditas para uma nova visão da história*. São Paulo: Editora Planeta, 2015. p. 1-10.

<sup>388</sup> Felipe III de Portugal fez concessões, possibilitando o casamento entre judeus e cristãos em troca de grandes quantias. SOUZA, Grayce Mayre Bonfim. *Uma trajetória racista: o ideal de pureza de sangue na sociedade ibérica e na América Portuguesa*. *Politeia: Hist. e Soc. Vitória da Conquista*, v. 8, n.1, 2008, p. 85.

alguém que "purificava o sangue vil imergindo na familia christã?"<sup>389</sup> Cita a *Replica do Santo Ofício à Carta Regia*, de 13 de março de 1628:

A experiencia tem mostrado que os casamentos christãos novos com velhos servem de dilatar o dano mas não de o remediar, pois os filhos são judeus, tendo tam pouca parte deste sangue que a muytos se não pode averiguar quanta he...E sirva se V. M. considerar se convém a sua grandeza approvar que hum seu vassalo limpo se macule, e que podendo ter filhos catholicos se arrisque a telos hereges.<sup>390</sup>

O discurso de pureza de sangue,<sup>391</sup> referido por João Lucio D’Azevedo, condenava a assimilação judaica, ainda que seu conteúdo ofensivo, ligado ao ódio religioso se diferenciava do ódio antisemita motivado pelo aspecto político ou racista da contemporaneidade.

No capítulo “A Voz do Sangue”, Gustavo Barroso evocava as marcas de distinção e segregação dos judeus na Idade Média e em tempos coloniais.<sup>392</sup>

Ora, na Idade Média, para evitar que os judeus se misturassem aos cristãos e, passando despercebidos, praticassem suas costumadas malandragens, os concílios de Latrão e de Viena resolveram que eles usassem sinais distintivos bem aparentes nos seus trajes. O erudito Ulysse Robert escreveu uma obra notável sobre o assunto, intitulada “Les signes d’infamie au Moyen Age”. Por ela e por outros documentos de valor, sabemos, que, em geral, os judeus eram obrigados sob penas severas a trazerem ao peito uma roda de pano amarelo, vermelha ou bipartida com as duas cores. “Rotam de feltro seu panno croceo”, diz uma bula do papa Gregorio IX de 1234. Também tinham de usar, conforme o país, ora a rodela no peito, ora às costas, tiras de pano vistoso nos mesmos lugares; chapéus ou barretes amarelos, uns em forma de corno, outros com um corno de cabra pregado ao fundo; enfim, de pano ou de pelos um “rabo”, “retro”, como dizem as Ordenações de S. Luiz e de Afonso de Poitiers, “in dorso. . . , como rezam as de Filipe, o Ousado. [...]

Por causa das caudas de pano ou de pelo apostas às roupas “in dorso”, como reza a vetusta Ordenação, se deu a certos judeus também o apelido de “Rabudos” e de “Rabelos”, que se tornou com o tempo nome de família.

Não é de estranhar, portanto, que, descendendo dos “judeus rabelos” ou “rabudos” de Portugal, através dos famigerados “marranos” e dos “cristãos-novos” do período colonial, os que usam o nome de Rabelo sejam comunistas ou simpatizantes do

<sup>389</sup> D’AZEVEDO, J. Lucio. *História dos Christãos Novos Portugueses*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1922. p.113.

<sup>390</sup> *Ibidem*\. p. 472.

<sup>391</sup> Os estatutos de limpeza de sangue surgiram no século XV, em Toledo, com objetivo de limitar ou eliminar a participação dos descendentes de judeus nas diversas comunidades, tanto religiosas como laicas. Os cristãos-novos eram impedidos de participar dos cargos públicos. Logo se tornaram instrumentos de controle para assegurar a hegemonia da elite católica. BONFIM, Daniela Pereira. Familiares do Santo Ofício: cores, limpeza de sangue e hierarquias sociais (Bahia-1680-1750). *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal, 2013. p. 3-4. Disponível em: <[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364680657\\_ARQUIVO\\_TextocompletoAnpuh2013.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364680657_ARQUIVO_TextocompletoAnpuh2013.pdf)>. Acesso em: 10 dezembro 2022.

<sup>392</sup> “Dentre outras limitações e humilhações impostas aos judeus, pode-se citar a obrigatoriedade de utilização da rodela (círculo de pano amarelo sobre a roupa), o confinamento em guetos e a acusação de avidez, de ganância e de exercício de práticas de usura.” Grayce Mayre Bonfim. *Uma trajetória racista: o ideal de pureza de sangue na sociedade ibérica e na América Portuguesa*. *Politeia: Hist. e Soc. Vitória da Conquista*, v. 8, n.1, 2008, p. 85.

comunismo. È natural. É naturalíssimo. Não devemos querer-lhes mal por isso. Mais alto do que o sentimento brasileiro, fala neles a voz do sangue de seus antepassados israelitas.<sup>393</sup>

Encontramos referências a José Lúcio de Azevedo em textos de outros historiadores brasileiros, além de Gustavo Barroso. Para Virgílio Corrêa Filho, o trabalho de Azevedo destacava-se como clássico para os estudos da história luso-brasileira e pela vasta pesquisa de fontes. Segundo o registro em carta de Capistrano de Abreu dirigida a Azevedo: "reli também os *Cristãos Novos*, muito erudito, muito instrutivo, mas nada convincente quanto à Inquisição".<sup>394</sup> Capistrano retomou o assunto na correspondência com o historiador português:

Se bem entendo, sua tese é: antes Inquisição que *pogrom*. O *pogrom* é violento, intermitente, sanável por conseguinte, a Inquisição é um organismo, com vida própria, revigorando-se cada vez mais: "sou intransigente". [...]

Li quase metade dos *Cristãos Novos*, sempre com o maior prazer. Revela grande progresso: às vezes sucedia-me não saber exatamente sua opinião em seus livros anteriores; agora, clareza ou franqueza, a impressão é outra. V. tem razão em distinguir o ponto de vista dos cristãos novos e o da Inquisição. Devia ir mais longe, distinguir os pontos de vista internacional e nacional. Antisemitismo é internacional...<sup>395</sup>

Outra referência de Gustavo Barroso em *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo* é o livro *The Races of the Old Testament*, de Archibald Henry Sayce. Sayce se destacou nos espaços científicos como professor de assiriologia em Oxford, entre os anos de 1891 e 1919. Também veio a colaborar com a francesa *Revue des Études Grecques*, referência nos periódicos voltados para os estudos greco-latinos, divulgando documentos arqueológicos e epigráficos inéditos.<sup>396</sup> A obra do autor foi reconhecida nos espaços acadêmicos no tocante à consistência de fontes arqueológicas analisadas para o estudo das origens dos semitas no período antigo.

Sayce utilizava o termo "raça" nos seus estudos, embora ele mesmo esclarecesse que não existiam registros de uma "raça semítica", apenas podendo ser encontrados de línguas semitas. Vejamos:

<sup>393</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 119-122.

<sup>394</sup> Carta de Capistrano de Abreu (1919) *apud* CORRÊA FILHO, Virgílio. João Lúcio de Azevedo. Historiador luso-brasileiro. *Revista de História*, v. 11, n. 24, 1955. p. 428. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/36483>>. Acesso em: 29 novembro 2022.

<sup>395</sup> Carta de Capistrano de Abreu (11 de setembro de 1919) *apud* CORRÊA FILHO, Virgílio. João Lúcio de Azevedo. Historiador luso-brasileiro. *Revista de História*, v. 11, n. 24, 1955. p. 429-430. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/36483>. Acesso em: 29 novembro 2022.

<sup>396</sup> BENTHIEN, Rafael Faraco. Interdisciplinaridade: latinistas, helenistas e sociólogos em revistas (França, 1898-1920). Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011. p. 127. Archibald Henry Sayce nasceu em Bristol, no Reino Unido, em 25 de setembro de 1846.

A raça judaica não é de forma alguma pura. Admitiu prosélitos de várias nações e, em diferentes períodos de sua história casou-se com outras raças. Há os judeus negros de Malabar, por exemplo, que descendem dos nativos dravidianos do sul da Índia, há os judeus brancos de certas partes da Europa cujo tipo é mais europeu que judeu. Os falashas da Abissínia são judeus por religião mais do que de origem, e é somente com ajuda de casamentos mistos que podemos explicar o contraste de tipo entre as grandes divisões de judeus europeus os sefarditas da Espanha e da Itália e os asquenazes da Alemanha, Polônia e Rússia. De fato, sabemos que poucas das principais famílias espanholas não têm certa mistura de sangue judeu em suas veias, o que implica a correspondente mistura do outro lado.<sup>397</sup>

Como podemos notar, Henry Sayce terminava por defender uma visão racalista, ao explicar as diferenças entre os judeus. Do livro *The races of the Old Testament*, Gustavo Barroso cita o seguinte trecho:

Bastava o judeu se ausentar da Palestina, por exemplo, pelo caminho de Babilônia ou pela destruição de Jerusalém pelos romanos, para que a população aborígene, *desoprimida*, aumentasse.<sup>398</sup>

O recurso de remontar à história da diáspora dos judeus, desde a Antiguidade, é retomado por Barroso no capítulo “A infiltração marxista”:

A infiltração é a grande arma dos judeus em todos os tempos. A história nos revela sua constância e sagacidade na aplicação desse método que exige a maior hipocrisia, por gerações sucessivas, no decurso, não de séculos, mas de milênios. Em Gemara, com Isaque. Na casa de Labão, com Jacob. Enfim, no Egito, com os doze filhos desse patriarca. Esses episódios são simples episódios da infiltração judaica num ambiente qualquer para a conquista dos bens terrenos à custa de quem desavisadamente os hospedava. Moisés arrancou-os do vale do Nilo e levou-os através do deserto para Canaan. Como conquistaram a Palestina, depois da primeira entrada de Josué, ajudado pelos mercenários do hitita ou heteu Caleb? Pelo sistema de infiltração nos moabitas, nos amorreus, nos jebuseus, nos próprios filisteus, seus peores inimigos. A conquista da Terra da Promissão, tão pequena, leva por isso alguns séculos. [...] Enfim, chegou o dia da GRANDE DIÁSPORA, da Grande Dispersão. Os judeus infiltraram-se em todas as nações, através das antigas províncias do Império Romano, até o dia de hoje.<sup>399</sup>

Os argumentos de Gustavo Barroso formam-se a partir de referências e adaptações de outros autores, desenvolvendo-se dentro de uma sequência linear que remonta à narrativa do povo hebreu, de Isaque e dos filhos de Jacó no Egito. Na sequência dos acontecimentos, os judeus foram espalhados desde o Oriente, por governos militares do Mediterrâneo, até a

<sup>397</sup> SAYCE, Archibald Henry. *The Races of the Old Testament*. London: The Religious Tract Society, 1891. p. 74-75. Tradução livre da autora da dissertação.

<sup>398</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 13. Grifo do original.

<sup>399</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 69-70.

Península Ibérica, do mundo antigo até a Grande Diáspora, do Império Romano até os dias atuais.

O livro *A invasão dos judeus* (1921), de Mário Saa (Mário Paes da Cunha e Sá),<sup>400</sup> também referido por Barroso, é notório pelo antissemitismo de base racista. O escritor português se especializou nos estudos da genealogia das famílias hebraicas. Em entrevista para o jornal português *A Batalha*, de seu país, manifestou-se contra a presença da “raça invasora” em Portugal. Outros livros antissemitas foram escritos pelo autor, como *A República dos Judeus* (1925), *Cristão-novo* ou *Os Judeus na República*, *As verdadeiras origens do bolchevismo* e *As absolutas origens do bolchevismo*, além do artigo *O perigo judeu*, editados entre os anos de 1921 e 1925.<sup>401</sup>

De Mário de Saa, Gustavo Barroso cita o seguinte trecho:

Nas cortes de 1481 protestavam os procuradores dos concelhos contra a ousadia de alfaiates, sapateiros e mais menestrelis da grei judaica em penetrarem em suas casas, a seduzirem-lhes as filhas e as mulheres.<sup>402</sup>

No capítulo “Congresso dos escritores judeus”, anteriormente mencionado, Barroso retoma o escritor português:

Abramos o documentado e formidável livro de Mario Saa "A invasão dos judeus". Encontraremos à página 276 um retrato do sr. Jaime Cortesão com esta legenda digna de nota: “O poeta Jaime Cortesão, diretor da Biblioteca Nacional, o qual diz que sente ainda em suas carnes os ferros em brasa da Inquisição”. Basta olhar a fisionomia do poeta português para sentir aquele “cheiro da raça” a que alude o poeta judeu Alberto Cohn, o *foetor judaicus* dos latinos. Nós vivemos num mundo invadido e parasitado pelos israelitas, graças à displicência burguesa, ao abastardamento dos caracteres e ao isolamento das vontades.<sup>403</sup>

---

<sup>400</sup> PEREIRA, Elisabete J. Santos. *Mário Saa (1893-1971): um intelectual português na sociedade do Século XX*. Dissertação de mestrado - Universidade de Évora. Évora, Portugal, 2010. p. 1-65. Mario Saa nasceu em Ervedal, Portugal, em 18 de junho de 1893.

<sup>401</sup> Elisabete Pereira destaca que Saa era amigo de intelectuais portugueses de destaque como Teófilo Braga, Américo Durão, João Cabral do Nascimento, António Ferro, Américo Cortez Pinto, Francisco Mendes de Brito, Almada Negreiros, António Botto, Raul Leal, do arqueólogo português Leite Nascimento, de Luís Filipe de Saldanha da Gama da Silva Ramos, fundador da revista *Orpheu*, de Luiz Chaves, diretor do semanário monárquico-sindicalista *A Ideia Nacional*, e de Manuel Braga da Cruz, diretor do semanário *A Voz Nacional*, salazarista. Teve grande reconhecimento em Portugal, ao lado dos aclamados escritores Fernando Pessoa e Almada Negreiros. PEREIRA, Elisabete J. Santos. *Mário Saa (1893-1971): um intelectual português na sociedade do Século XX*. Dissertação de mestrado - Universidade de Évora. Évora, Portugal, 2010. p. 1-65.

<sup>402</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 14.

<sup>403</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 83-84.

Segundo Elisabeth Pereira, Mário Saa incluiu em seus textos referências das obras de Archibald Henry Sayce, Friedrich Hermann e Lúcio D'Azevedo que, como vimos, também foram referidos por Gustavo Barroso, e do livro *Die Grundlagen*, de Houston Stewart Chamberlain, conhecido como “o profeta do racismo alemão”.

Os “primórdios do movimento anti-semita moderno” terão surgido no último triênio do século XIX. Apesar deste se ter manifestado tardiamente em Portugal, protagonizado sobretudo por Mário Saa e por António Sardinha, o tipo de argumentos etnico-raciais começaram a ser difundidos em Portugal na década de 70 do século XIX. Acompanhado “o desenvolvimento dos estudos no campo da geologia, paleontologia, zoologia, antropologia e da etnologia”, tinham o objectivo de explicar a “história particular de Portugal” - as origens da nação - e a conjuntura do século XIX. A história nacional era, nesse contexto, entendida na perspectiva de existência de duas fases relativamente bem definidas: a fase da ascensão, que corresponderia ao período dos impérios do século XVI, e a fase da decadência, o século XIX. Alguns autores explicam esta segunda fase tendo por base uma matriz rática. Nesta matriz era muito comum a divisão entre o Norte, que correspondia às raças celtas/arianas, e o Sul do país, com uma população maioritariamente semita.<sup>404</sup>

Do ponto de vista de Mário Saa, o conservador é o indivíduo gôdo e germano, espírito do norte brioso, cavaleiro, pragmatista, enquanto “o semita, o homem do Sul ou do Oriente, [era] o calculista, o pensador... e o louco”.<sup>405</sup> Ainda segundo a autora, o escritor antissemita português acreditava que a raça era transmitida pelos pais, porém o homem conservaria os caracteres do pai, e a mulher as da mãe, que aquela transmitida ao filho seria passageira, tal como à filha pelo pai. Saa se aproxima do conceito racial de Houston Stewart Chamberlain, seu nacionalismo encontrava-se atrelado à superioridade racial, no caso específico germânica, em uma luta racial.<sup>406</sup> De Chamberlain, Gustavo Barroso cita o trecho:

Que se considere a história, não importa de que povo europeu, e por toda a parte se ouvirão surgir contra os judeus, desde o instante em que se sintam em número e força, clamores amargos da boca do povo, da classe mercadora, do gremio dos sábios, dos poetas, dos viventes de toda a espécie, e sempre e por toda a parte hão de ser os príncipes e a nobreza quem protegerá o acusado: os príncipes por necessidade de dinheiro para suas guerras e a nobreza porque se conduz em vida desregrada.<sup>407</sup>

O trecho transmite a noção de que a prática da usura, atribuída aos judeus, de emprestar dinheiro em troca de favores, não só era motivo de desconfiança, mas também teria gerado um sentimento generalizado de aversão a esses elementos, que tentavam usar desses

<sup>404</sup> PEREIRA, Elisabete J. Santos. *Mário Saa (1893-1971): um intelectual português na sociedade do Século XX*. Dissertação de mestrado - Universidade de Évora. Évora, Portugal, 2010. p. 86-87.

<sup>405</sup> *Ibidem*. p. 89.

<sup>406</sup> *Ibidem*. p. 85.

<sup>407</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 14-15.

meios para manipular a economia e enriquecer às custas dos outros povos, controlando os respectivos governos.

Para Gustavo Barroso, tais seriam seus meios de usurpar a vida nacional, conforme veremos mais adiante, nas críticas à imigração judaica. Essa visão estereotipada, juntamente com as ideias a respeito do problema da assimilação, tornavam-se, no período, um dos principais fatores da discriminação e da perseguição aos judeus.

### 3.3 Imigração judaica e antissemitismo: aproximações com o nazifascismo

Neste item discutimos pontos relativos à imigração judaica e ao antissemitismo barrosiano a partir de comparações com o nazifascismo no tocante ao aspecto racial.

Nos anos de 1920, as manifestações e iniciativas de Gustavo Barroso em torno da imigração estiveram relacionadas com questões sócio-econômicas, na conjuntura da Primeira Guerra Mundial, manifestando-se, já então, seu viés preconceituoso contra os pobres, as mulheres e algumas nacionalidades. Na década de 1930, o antissemitismo internacional passou a definir a atuação do escritor no mesmo tema.

Gustavo Barroso se apropriou de diversos conteúdos para respaldar uma campanha no movimento integralista contra o judeu “conspirador”. Assim, defendeu que a imigração judaica levaria ao empobrecimento dos brasileiros e à imoralidade, contaminando o país com o materialismo anticristão, o anti-nacionalismo e o bolchevismo. Estes pontos serviram para justificar o combate à imigração que Barroso apresentava como uma “Questão Judaica”, a ser solucionada no âmbito político. Os judeus apresentavam-se, também, como um obstáculo ao “Estado Integral”, identificados como uma nação dentro da “Nação”.

Segundo Gustavo Barroso,

Toda essa documentação prova sobjamente que os judeus se não contentam só em se considerarem estrangeiros, vão além: organizam-se em Estado no Estado, em Nação nas Nações, formando um verdadeiro Super-Estado ou Super-Nação internacional, que age secretamente, que finge tomar a côr das nacionalidades e é, por isso, o maior perigo que ameaça as pátrias.<sup>408</sup>

---

<sup>408</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 88-89.



Conforme vimos neste trabalho, a definição de “nação”<sup>409</sup> consolida-se nesse aspecto do argumento de Barroso no antissemitismo moderno, no contexto do ultranacionalismo fascista. Em seus textos, encontramos o uso de expressões como “comunidade judaica”, “trama internacional israelita”, “organização mundial judaica”, “Super-Nação”. A intolerância contra os judeus tornou-se exacerbada no escritor com o incremento da xenofobia, no contato com o fascismo. No caso específico do combate à imigração judaica, os estereótipos, atrelados às disputas antiliberais e anticomunistas, determinavam parte do discurso contra a entrada de judeus no país.

Jeffrey Lesser afirma que, entre os anos de 1933 a 1942, quase 25 mil judeus fugindo do nazismo entraram legalmente no Brasil, apesar de uma fração da elite política do governo Vargas considerar a imigração judaica “indesejável”. O autor mostra no entanto que os judeus conseguiram conviver na sociedade brasileira com o antissemitismo (intolerância à cultura judaica) e o filo-semitismo (aceitação à cultura judaica), além do preconceito da judeufobia (o ódio a todos os judeus).<sup>410</sup>

Para Marcos Chor Maio, o crescimento da imigração judaica nas décadas de 1920-1930 agravou o antissemitismo entre os grupos nacionalistas mais radicais, que manifestaram insatisfações nas disputas contra os judeus, principalmente no comércio, indústria, na imprensa e nos círculos políticos.<sup>411</sup> Daniel René Decol aponta que a Argentina e os Estados Unidos implementaram políticas restritivas à imigração de judeus ao longo da década de 1920 e, como consequência, nesses anos, a participação do Brasil como destino da imigração judaica elevou-se de 1,7%, para quase 13%, do total mundial de imigrantes judeus no mesmo período. Na Argentina a política restritiva ocorreu devido à crise econômica, que elevou os

---

<sup>409</sup> Segundo Max Weber: “O problema de se podemos designar os judeus como ‘nação’ é muito antigo: teria, na maioria dos casos, resposta negativa, mas, em todo caso, quantitativa e qualitativamente diversa, por parte da maioria dos judeus russos, dos judeus do Oeste europeu e da América, em processo de assimilação, dos sionistas e também e sobretudo por parte dos povos em cujo meio estão vivendo [...]”. WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Brasília: Ed. UnB, 1991. 2ª parte, p. 154.

<sup>410</sup> LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. p. 9. Segundo Daniel René Decol, nestes anos o maior fluxo era do centro e do Leste europeu. Geralmente, os judeus da Rússia se ocupavam de trabalhos artesanais e comércio e eram ortodoxos, enquanto os judeus da Alemanha eram mais “assimilados, urbanizados, educados e bem sucedidos do que os seus correligionários de qualquer outro país da Europa do Leste”. DECOL, René Daniel. *Imigrações urbanas para o Brasil: o caso dos judeus*. Tese de doutorado - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 1999. p. 61-62. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280254>>. Acesso em: 26 julho 2018.

<sup>411</sup> MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 87-88.

índices de desemprego no país.<sup>412</sup> Como o Brasil manteve as portas abertas, tornou-se o destino de muitos imigrantes.

Também para Lesser, os diferentes segmentos sociais interpretavam a presença desses imigrantes como um problema porque temiam sua concorrência. Neste caso, para os mais intolerantes, a assimilação tornava-se um “problema” judaico.<sup>413</sup>

Vejamos no capítulo “*Cherchez le juif*” a posição de Gustavo Barroso sobre a questão:

“O ministro do Interior [da Argentina] declarou á Agencia Havas que as autoridades estavam decididas a dar estrita aplicação à lei de imigração, impedindo a entrada na Argentina de elementos indesejáveis. O governo foi informado de que a diversos consulados da Argentina se apresentaram 800 israelitas, desejosos de embarcar para esse país. Sabemos que, por ocasião da chegada dos imigrantes em questão, serão tomadas medidas especiais com o objetivo de evitar a entrada de elementos indesejáveis”.

A Argentina começa a descobrir a ação dissolvente, anti-social dos judeus e a tomar providencias para fechar-lhes as portas. Aqui se fecham os ouvidos às advertências e se deixam as portas abertas.<sup>414</sup>

No mesmo capítulo, escreve:

Em Porto Alegre, são legiões que aumentam todos os dias. Em São Paulo, expulsam os italianos dos bairros Belenzinho e Bom Retiro. No Rio, apoderam-se do manguê pela prostituição das mulheres israelitas que exploram com o caftismo secreto; das ruas Senador Euzébio, Visconde de Itaúna e Catete, pelo comércio de móveis a prestações que esconde atividades suspeitas e matam o artesanato nacional sem que se eleve uma voz de protesto; da rua Gonçalves Dias, pelo negócio de peles que oculta também outras atividades; de Copacabana, pela construção do arranha-céu-casa-de cômodos, destinado ao combate à vida de família<sup>415</sup>.

Mais adiante, no capítulo “Florestas e parasitas”, conclui:

Alguém escreveu que o anti-semitismo, ou, melhor, o anti-judaísmo, se avoluma na razão direta da infiltração judaica em um país, do mesmo modo que a coceira e a angústia crescem na razão direta do número de pulgas, carrapatos ou piôlhos que se crostem num animal. Basta andar pelas ruas do Rio de Janeiro para verificar como a cidade está se enchendo de judeus. No resto do Brasil se observa a mesma cousa. Naturalmente, a coceira aumenta. Já muita gente a está sentindo. E chegará o dia da aplicação dos inseticidas necessários, de dar na nação o mergulho salvador no banheiro carrapaticida...<sup>416</sup>

<sup>412</sup> DECOL, René Daniel. *Imigrações urbanas para o Brasil: o caso dos judeus*. Tese de doutorado - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 1999. p. 25. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280254>>. Acesso em: 26 julho 2018.

<sup>413</sup> LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

<sup>414</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 24.

<sup>415</sup> *Ibidem*. p. 24-25.

<sup>416</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 148.

Segundo Daniel René Decol, até 1942 o Brasil recebera pouco mais de 70 mil judeus. Em 1940, a população judaica no país totalizava 56.000, sendo 78,2% na região Sudeste e 14,2% na região Sul. O estado de São Paulo totalizava a maior concentração de pessoas de religião judaica, com 20.379 pessoas, distribuídas, na capital, em bairros como o Bom Retiro.<sup>417</sup>

Os apontamentos de Gustavo Barroso sobre o tema se apoiavam em notícias extraídas de jornais e em alguns pontos específicos se referiam a questões relativas às discussões em torno dos problemas da imigração em veículos de imprensa nacional e internacional.

O autor transcreve o artigo “Semitismo e urbanismo”, publicado no *Correio da Manhã*, no qual se apontava que no Rio Grande do Sul a “infiltração” israelita era grande na zona próxima de Santa Maria da Boca do Monte, onde se estabeleceram numerosos imigrantes judeus na agricultura, que logo se dispersaram “pelas cidades, no comércio de roupa usada, latas velhas e peles de animal”. Em São Paulo, “mal chegados [...] encaminham-se para outras atividades que não consultam em todo os interesses coletivos”.<sup>418</sup>

Segundo Barroso:

O que o "Correio da Manhã" denuncia como tendo acontecido no Rio Grande do Sul e em S. Paulo: os judeus receberam as terras, arrancaram delas os frutos imediatos, especialmente as madeiras, venderam isso e com êsse capital iniciaram o comercio nas cidades - é sistema muito velho e muito conhecido dessa raça de parasitas sociais.<sup>419</sup>

Para Gustavo Barroso, o governo brasileiro, ao abrir as portas para a imigração judaica com incentivo à concessão de terras para colonização agrícola, não alcançava seus objetivos, tendo em vista sua falta de disposição para o trabalho na terra. Além disso, em seu argumento, os judeus não se adaptaram à cultura do campo e não se integravam à nação, protegendo-se em suas comunidades fechadas e explorando os recursos naturais com atividades extrativistas, banqueirismo e comércio.

Defendia, desse modo:

---

<sup>417</sup> DECOL, René Daniel. *Imigrações urbanas para o Brasil: o caso dos judeus*. Tese de doutorado - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 1999. p. 156-169. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280254>>. Acesso em: 26 julho 2018.

<sup>418</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 143-145.

<sup>419</sup> *Ibidem*. p. 145. Barroso se refere possivelmente a projetos de colonização agrícola iniciados em 1904, no Rio Grande do Sul, e em São Paulo, no ano seguinte. A *Jewish Colonization Association* (JCA), instituição cujo objetivo era promover a imigração de judeus russos e do Leste europeu para colônias agrícolas em países como Argentina e Brasil, atuou no Rio Grande do Sul. DECOL, René Daniel. *Imigrações urbanas para o Brasil: o caso dos judeus*. Tese de doutorado - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 1999. p. 68. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280254>>. Acesso em: 26 julho 2018.

Preparemos documentalmente o povo brasileiro para compreender a ação subterrânea, hipócrita e maléfica do judeu, para que se defenda de sua insidia e vá lhe fechando as portas, de maneira a forçá-lo a deixar nossa pátria, enquanto não se puder fazer isso de maneira mais rápida e formal.<sup>420</sup>

Tratava-se da campanha direta contra as instituições judaicas e sua presença no país.

Para melhor compreender o discurso de Barroso, como defendemos, é preciso apontar em seus textos os aspectos do antissemitismo, do nacionalismo e do catolicismo.

Para Nachman Falbel:

O epígono do nazismo no Brasil, Gustavo Barroso, além de traduzir a “literatura” anti-semita européia ao português, foi um autor prolífero de pasquins impregnados de sandices e ódio antijudaico, que envenenou mentes e contribuiu para criar uma atmosfera até então desconhecida no país em relação aos imigrantes judeus.<sup>421</sup>

Segundo Karla Babinski, que analisou o nacionalismo de Gustavo Barroso nos anos de 1920, antes da filiação ao integralismo, o escritor se caracterizava como conservador autoritário, corporativista, científico e eugenista. Segundo a autora:

Podemos afirmar que Gustavo Barroso estava engajado fortemente com os ideais autoritários [...]. A ideia da hierarquização corporativista [...] foi embasada por Barroso dentro da lógica cientificista, especialmente pela eugenia, mas, ele se valerá ainda de ideais católicos e fascistas para legitimar seu nacionalismo autoritário e a tomada de poder de uma elite. Elementos que, posteriormente, em seus discursos se combinarão, em um espectro mais radical, com um antissemitismo militante.<sup>422</sup>

A visão eugenista de Gustavo Barroso se manifestou em 1916 no seu projeto de lei de controle à entrada de imigrantes, no contexto da Primeira Guerra, a que já nos referimos. Babinski acrescenta, em sua abordagem, o aspecto racista. Barroso elogiou o eugenista Renato Kehl em texto em *A Ordem*, em 1929, em seu esforço por melhorar a raça do Brasil, à frente da Sociedade Eugênica de São Paulo, fundada então fazia dez anos,<sup>423</sup> atrelando a eugenia a “qualidades e morais brancas”.<sup>424</sup> Os debates eugenistas baseados em teorias raciais haviam sido aceitos por uma fração de intelectuais brasileiros na busca de alternativas para

<sup>420</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 75.

<sup>421</sup> FALBEL, Nachman. *Judeus no Brasil: estudos e notas*. São Paulo: Humanitas; EDUSP, 2008. p. 81.

<sup>422</sup> BABINSKI, Karla de Souza. *Representações de Ciência e Tecnologia em Gustavo Barroso (1909-1935): nacionalismo autoritário, eugenia e antissemitismo*. Dissertação de mestrado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2015. p. 31.

<sup>423</sup> *Ibidem*. p. 58.

<sup>424</sup> O médico Renato Kehl defendeu a regulação eugênica do casamento e a esterilização. Seu pensamento se baseava na biometria de Galton, Mendel e Weismann, relacionando fatores biológicos-evolutivos à hereditariedade. Combateu a miscigenação e a política imigratória “insdiscriminada” porque estas atrapalhariam a “purificação racial”. SOUZA, Felipe Marcel Brito de. *Eugenia negativa no Brasil: Renato Kehl e suas lições de eugenia*. Monografia - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013. p. 1-23.

combater problemas relacionados à saúde, à higiene e à educação, contra o atraso. Conforme assinala Celso Lafer, em seu prefácio ao livro de Fabio Koifman:

O clima intelectual da década de 1930 favoreceu a preponderância cultural das ideias contempladas pelas políticas eugenistas, motivando, no Brasil, ações e sentimentos que tiveram papel relevante nos processos políticos, junto com fatores materiais como a crise de 1929 e a dinâmica da mudança histórica, como a trazida pelo advento do Estado Novo, implantado em 1937.<sup>425</sup>

O escritor integralista, nesse contexto, idealizava em seu nacionalismo um "povo perfeito", aspecto presente em publicações anteriores à década de 1930.<sup>426</sup> Para Marcos Chor Maio,

Barroso privilegiava a descrição da raça branca, seu aporte civilizatório, sua distribuição espacial e as diversas ramificações advindas das migrações. Caracterizados pelo nomadismo e exercendo atividades de caça e pesca, os brancos se deslocaram da Europa setentrional e ocuparam o continente como um todo. Esses movimentos migratórios não se restringiram ao espaço europeu, verificando-se a presença de vestígios da raça branca na África e na Ásia, através de construções religiosas. No que tange especificamente ao principal cenário da civilização branca, a Europa, os diferentes grupamentos oriundos desta raça ocuparam regiões distintas e tiveram que lidar contra os negros e amarelos para assumirem definitivamente a hegemonia no continente. Vencedores, os brancos caracterizavam-se pelos valores espirituais.<sup>427</sup>

Maio explica também que, no esquema de classificação das raças adotado por Gustavo Barroso, os brancos teriam desenvolvido valores espirituais altruístas, monogâmicos, com vocação para o apostolado. Além disso, ele valorizava a formação de uma comunidade econômica por concepções “naturais” de impulso moral e culto aos seus antepassados, para a transmissão de patrimônio e solidariedade ininterrupta entre as gerações.

Ao considerar a procedência da raça ariana, Barroso faz uma leitura que destoa da tradição judaico-cristã do Velho Testamento. Assim, o pensador integralista incorpora a visão de alguns pensadores franceses e alemães, principalmente do século XIX, que realçaram a trajetória ímpar da raça ariana, indicando sua existência desde o alvorecer do mundo antigo. Estas reflexões viriam a exercer grande influência no século XX, com o surgimento do pensamento nazista.<sup>428</sup>

<sup>425</sup> LAFER, Celso. Prefácio. In: KOIFMAN, Fábio. *Imigrante ideal: o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p. 15.

<sup>426</sup> BABINSKI, Karla de Souza. *Representações de Ciência e Tecnologia em Gustavo Barroso (1909-1935): nacionalismo autoritário, eugenia e antissemitismo*. Dissertação de mestrado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2015. p. 31.

<sup>427</sup> MAIO, Marcos Chor. *Nem Rothschild nem Trotsky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p.105.

<sup>428</sup> MAIO, Marcos Chor. *Nem Rothschild nem Trotsky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 105-106.

Sobre as afirmações do autor, lembramos que a defesa do racismo pelos nazistas pautava-se pela hierarquia entre “superioridade” e “inferioridade” racial. Nessa lógica, comparavam os tipos pelo seu fenótipo, sendo a condição da raça judaica sempre apontada também pelos seus aspectos comportamentais, de “tendência criminosa”. O discurso antissemita nazifascista tornou-se nessa dinâmica mais violento.<sup>429</sup> Os judeus serviram como “bode expiatório” na conjuntura da crise econômica após a Primeira Guerra Mundial<sup>430</sup> e a ascensão de Hitler ao poder em 1933 permitiu que começassem a ser identificados como “conspiradores”, ocupando cargos no Estado, em instituições e organizações, em empresas e comércios. A propaganda propagou a ideia da “inferioridade” judaica, cotidianamente, no incremento de um discurso de ódio justificado pelo Estado Totalitário.<sup>431</sup>

Em *Minha luta* (1925), Adolf Hitler descreve que, quando pintor de aquarelas em Viena, observara que os judeus estavam assimilados, sendo difícil identificá-los na aparência ou religião. Teria sido quando os conheceu através da imprensa antissemita que descobriu que eram piores que a “morte negra”. Conclui então que os judeus eram corruptores da nação, sendo uma nação separada da nação.

Foi por esse tempo que se operou em mim a maior modificação de idéias que devia experimentar. De inoperante cidadão do mundo passei a ser um fanático anti-semita. [...]

Durante meus estudos sobre a influência da nação judaica, através de longos períodos da história da civilização, o tétrico problema se armou diante de mim não teria inescrutável destino, por motivos ignorados por nós, pobres mortais, decretado a vitória final dessa pequena nação?<sup>432</sup>

Essa referência permite inferir certas aproximações e distanciamentos nos textos antissemitas aqui examinados. Nestes, apresentam-se os períodos da história dos judeus, concluindo-se sobre uma raça “fraca” e/ou “parasita”, de acordo com argumentos que se

<sup>429</sup> “As ruas de Berlim são ocupadas por manifestantes. Perto da Potsdamer Platz, eles quebram as vitrines das grandes lojas Wetheim a pedradas. Batem nos primeiros passantes que chegam e que, por terem os cabelos castanhos e o nariz aquilino, lhes pareçam judeus. Frouxamente, policiais perseguem-nos do lado dos jardim zoológico. Cânticos ressoam. Vagamente, as palavras chegam até os transeuntes que os observam sem muita curiosidade, temerosos: Afiar vossas longas facas na calçada!/ Temperai-as na gordura dos corpos judeus/ o sangue deve correr em espessos jorros”. RICHARD, Lionel. *A República de Weimar (1919-1933)*. A vida cotidiana. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 153.

<sup>430</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 27.

<sup>431</sup> RICHARD, Lionel. *A República de Weimar (1919-1933)*. A vida cotidiana. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 153.

<sup>432</sup> HITLER, Adolf. *Minha luta*. s.n.t. [1925]. p. 32. Edição disponível em: <<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=dGFyZGluLm5ldHxmaXNpY2F8Z3g6MWE1MTdkOTNlZjcxMTVvKmw>>. Acesso em: 10 janeiro 2023.

orientam pelos *Protocolos*. Reforçava-se, também, a ideia da “pureza de sangue” e da superioridade racial ariana contra inimigos “infectos”.

No capítulo “Congresso dos Escritores Judeus”, sobre o tema da nação, Gustavo Barroso escreveu:

Racialmente, o judeu não possui o menor sentimento nacionalista, do que decorre sua grande capacidade de fingida adaptação. O diabo é o seu *fedor judaico*, que o não larga e faz com que os conhecedores de judeus, os *iudenkenner*, como dizem os alemães, os sintam e reconheçam à distância. Não se ocidentalizam nunca [...]. Essa raça invade os organismos sociais disfarçadamente e os mina e corrói, conseguindo conservar-se no meio da podridão que provoca para ir vencendo. É como o demônio: vence, poluindo. Invade o sangue, invade a riqueza, invade o Estado, invade a própria Religião, invade a vida mental!<sup>433</sup>

Já em “Negros e Judeus”, negava a aproximação com o racismo nazista:

Não somos racistas e encontramos apesar de natural simpatia pelo Nazismo, graves defeitos no racismo germanico, os mesmos que brilhantemente aponta Pierre Lucius no seu livro "Les Révolutions Étrangères". Um brasileiro profundamente brasileiro e ao mesmo tempo descendente de raças as mais diversas só por um contrasenso seria racista. Aliás, o estudo constante e amoroso de nossa história mostra que a Nação brasileira é o produto de um espírito de continuidade, de um sentimento e de um pensamento comuns, sem cor de pele ou indagação de procedência. Então, por que combate sem coerência o judaísmo? perguntarão os abelhudos. E responde-se, serenamente: Combate-se o "racismo judaico" em nome da ausência de racismo brasileiro.<sup>434</sup>

Gustavo Barroso opera no trecho a inversão já referida, denunciando os judeus de racismo. No mesmo capítulo, afirma que “[o]s autores do tráfico de carne humana no mundo são fundamentalmente os judeus: êles inventaram a escravidão dos negros e fôram os grandes negreiros dos tempos idos; êles inventaram o caftismo e são os grandes senhores de escravas brancas”.<sup>435</sup>

O mesmo argumento era retomado no capítulo “A Voz do Sangue”:

Muita gente que não reflete, não observa e não estuda, esquecendo que o maior e mais intratável racista de todos os tempos é o próprio judeu, pensa que exageramos e diz que queremos criar uma questão de raças. [...] É a voz do sangue ancestral que os obriga a agir assim.<sup>436</sup>

<sup>433</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 84-85.

<sup>434</sup> *Ibidem*. p. 128.

<sup>435</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 129.

<sup>436</sup> *Ibidem*. p. 117-118.

Notar-se-á, no texto do integralista, elementos oriundos de teorias racialistas, reconhecendo o autor fenótipos e comportamentos judeus. No capítulo “O Nosso Antissemitismo”, ressaltava que o racismo alemão se alicerçava em uma “verdadeira filosofia sobre a qual se alicerça uma nova concepção de vida social.”<sup>437</sup> Defendeu, por outro lado, que “brasileiro não tem cor, nem Estado, nem diferença alguma, o brasileiro é brasileiro”,<sup>438</sup> é antirracista.

Sobre este último argumento de Gustavo Barroso, enfatizamos que, na década de 1930, tornaram-se correntes entre intelectuais e políticos projetos de cunho nacionalista, em defesa de uma unidade, com a participação de todos os brasileiros. O texto de Gustavo Barroso deve ser analisado no contexto do movimento integralista e, como sabemos, Plínio Salgado negava diferenças visando à consolidação do projeto político de Estado integral.

Para Jeffrey Lesser, a ideia da “democracia racial” possibilitou aos judeus serem aceitos dentro de uma categoria de “brancos” desejáveis, embora eles tenham sido julgados como uma raça separada a partir de 1937, quando o governo passou a identificar o judeu pelo nome, independentemente da religião ou etnia.<sup>439</sup> Com relação à questão judaica, seria preciso entender as razões de os judeus terem sido aceitos no país como “não-negros”, passando a ser tratados como “não-brancos” quando considerados um “perigo social”.<sup>440</sup> Ao mesmo tempo, o governo brasileiro começava a considerar os imigrantes judeus do leste da Europa uma ameaça no tocante ao avanço das forças comunistas.

A proposição de Jeffrey Lesser nos permite compreender certas ambiguidades no antissemitismo de Gustavo Barroso, que o afastavam de outros integralistas. Em Barroso não haveria as diferenças apontadas por Lesser porque para ele os judeus eram uma “raça” que não aceitava a assimilação na sociedade brasileira, portadora de um comportamento imoral, egoísta e destrutivo. Neste caso, o antissemitismo de Gustavo Barroso tinha matizes racistas, ora se aproximando do nazifascismo, ora se afastando do mesmo.

Mesmo que a sua motivação fosse política, nos embates contra os liberais e os comunistas e dentro do integralismo, seus textos carregavam a ojeriza dos racialistas, escamoteada em uma xenofobia ultranacionalista, na manifestação do preconceito contra a cultura, religião, ciência, filosofia e pensamento judaico.

---

<sup>437</sup> *Ibidem.* p. 9.

<sup>438</sup> *Ibidem.* p. 128.

<sup>439</sup> LESSER, Jeffrey. O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito. Rio de Janeiro: Imago, 1995. p. 5-9.

<sup>440</sup> *Ibidem.* p. 5.



Segundo os apontamentos de João Fábio Bertonha, o antissemitismo de Gustavo Barroso, analisado nos estudos sobre o integralismo nos anos de 1980-2000, foi objeto de diferentes perspectivas no que se refere aos seus aspectos políticos e raciais. Segundo o autor, Rago Filho, Marcos Chor Maio, Roney Cytronowicz, Maria Luiza Tucci Carneiro por exemplo, compreendem o antissemitismo barrosiano próximo ao nazifascismo pelo seu aspecto político. Segundo Bertonha, o ódio de Barroso voltava-se ao materialismo, ao anticristianismo, às organizações como a maçonaria e as ideologias do liberalismo e do capitalismo, a democracia e a anarquia, representados no judeu. Marcos Chor Maio e Roney Cytrynowicz, semelhantemente, apresentam ideias próximas às de Rago Filho, acrescentando a perspectiva moderna e totalitária e destacando a mobilização do antissemitismo, por Barroso, nas disputas dentro do integralismo.<sup>441</sup> Maria Luiza Tucci Carneiro considerava que o antissemitismo de Barroso tinha caráter moderno, influenciado pelo nazifascismo e potencialmente genocida.<sup>442</sup>

Já Natália dos Reis Cruz, ao destacar a aproximação do antissemitismo de Barroso com o ideário antissemita nazista, apontando no limite a defesa da eliminação física dos judeus.<sup>443</sup> Discordando da autora, João Fábio Bertonha assinala o caráter mais radical do antissemitismo de Barroso, em seu discurso político, não sendo possível aferir suas consequências, não tendo sido o integralista alçado ao poder do Estado.<sup>444</sup>

Do ponto de vista desta pesquisa notamos que o antissemitismo de Gustavo Barroso, pela análise de *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*, apresenta argumentos antissemitas diversos, mobilizados no âmbito das disputas internas e nas práticas políticas pela AIB, baseadas em acusações contra os judeus. Outro ponto que destacamos encontra-se na transmissão de suas ideias aos leitores, nos diversos capítulos do livro, nos quais são inegáveis os preconceitos e o incremento do discurso de ódio.

Gustavo Barroso veiculou ideias contrárias à imigração judaica, tendo apoiado ações como expropriar os bens dos judeus, impedir o funcionamento de escolas judaicas, sinagogas e associações e implementar leis contra os direitos dos judeus, a fim de expulsá-los do país. Por vezes transmitiu a ideia de “eliminação” dos judeus, em expressões como “inseticidas”, “carrapaticidas”, “pulgas”, “pestilências” e “parasita”.

---

<sup>441</sup> BERTONHA, João Fábio. *O integralismo e sua história: memórias, fontes e historiografias*. Salvador: Pontocom, 2016. p. 47.

<sup>442</sup> *Ibidem*. p. 50.

<sup>443</sup> *Ibidem*. p. 37-39.

<sup>444</sup> *Ibidem*. p. 40.

Para além de uma indagação em torno das intenções reais sobre a eliminação dos judeus, o que compreendemos como importante é que Gustavo Barroso corroborou na difusão do ódio, em campanhas contra os judeus, posicionando-se contra apoiadores de suas causas em um contexto de agravamento dos níveis de violência na Europa, como quando se manifestou contra a entrada dos refugiados no país.

A propaganda antissemita de Gustavo Barroso, considerada a lógica da circulação e recepção dos textos, por meio do emprego de palavras, expressões e comparações preconceituosas e racistas, no clima de apreensões nos anos 1930, era uma manifestação violenta, ainda que os judeus no Brasil não tenham experimentado o projeto de extermínio, como na Europa. Os textos em circulação na imprensa têm efeitos sobre as práticas políticas e podem ser apropriados para a conquista de poder, conforme observamos a partir de Roger Chartier. Vimos os resultados da divulgação dos *Protocolos dos Sábios de Sião* na Europa Oriental, nos pogroms na Rússia e os antissemitas os utilizaram em suas campanhas, tendo servido como referência na propaganda nazista até 1945.

Dito isso, refletimos sobre a difusão do ódio aos judeus a partir de textos e autores referidos por Barroso, mobilizados pelo escritor integralista pelo interesse em reproduzir estereótipos negativos sobre os mesmos, revisitando antigas crenças, ressignificadas no antissemitismo moderno. A esse respeito, compreendemos que a circulação dos textos e ideias de Barroso era também atravessada por interesses políticos em sua reprodução.

## CONCLUSÃO

Inicialmente, a dissertação analisou a formação de uma rede de sociabilidades a partir de relações de afetos, trocas e apoio político na fase modernista e pré-integralista a partir do escritor Plínio Salgado. Vimos que no espaço da imprensa se fortaleceram os vínculos de amizades e colaborações em torno de um projeto nacionalista autoritário e fascista entre os intelectuais conservadores, interessados em disputar o território político no país.

Após o dia 7 de outubro de 1932, o lema “Deus, Pátria e Família” dos integralistas, atrelado aos valores cristãos, tornou-se elemento de adesão ao antiliberalismo, ao anticomunismo e ao antissemitismo. Em *A Offensiva* colaboravam intelectuais que aderiram ao movimento integralista e a difusão do antissemitismo teve apoio de editores, redatores e colaboradores. Gustavo Barroso escreveu para a Seção *Judeu Internacional* do jornal, além de publicar artigos com conteúdo antissemitico para a revista *Anauê*. Em seus textos, em uma linguagem explícita e agressiva, os judeus eram apresentados aos leitores a partir de estereótipos negativos, marcados por ações supostamente relacionadas ao dinheiro e ao poder e associados a manipulação, intriga, avareza, hipocrisia, arrogância, desonestidade, deslealdade, exploração, injustiça e impiedade. Gustavo Barroso demonstrava seu desprezo e ódio aos judeus a partir do emprego dos termos “raça parasita”, “racismo judaico”, “monstros”, “mostrengos”, “vermina judaica”, “aborto nacional”.<sup>445</sup> A imagem negativa e violenta reforçava a criação de narrativas nas quais os judeus tornavam-se responsáveis por problemas socioeconômicos e políticos de grandes proporções.

O intelectual integralista tornou-se porta-voz do antissemitismo no Brasil entre os anos de 1933-1937, tanto pelo seu posicionamento radical próximo ao nazifascismo quanto pelo volume de textos e livros antissemitas publicados. Seus livros poderiam ser comprados nas livrarias e, como apontamos, ser distribuídos aos assinantes de *A Offensiva*. Poderiam também ser lidos nas bibliotecas pelos filiados da AIB, tendo seu conteúdo reproduzido nos cursos, palestras, congressos e reuniões voltadas para a formação das lideranças e da militância.

Em sua campanha contra os judeus Barroso os apontava como inimigos do cristianismo e opositores das nações cristãs, o que visava produzir efeitos entre os filiados do movimento. O argumento do escritor integralista se alicerçava no antissemitismo moderno,

---

<sup>445</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 75.

embora, conforme indicado, evocasse imagens do antijudaísmo, transmitindo uma ideia de narrativa contínua da história judaica.

Os textos de Gustavo Barroso repercutiram na grande imprensa quando foram denunciados como uma forma de encorajar o ódio racial no país. Sobre este ponto, a defesa da ideia da “ausência de racismo” no Brasil pode ter tido inspiração no elogio da mestiçagem e na ideia de “democracia racial”. Também o integralismo promoveu no país campanhas políticas sustentadas na defesa da tolerância e da convivência, como elemento para a construção de seu projeto autoritário de nação.

As manifestações de Gustavo Barroso e Plínio Salgado eram diferentes em relação à presença dos judeus no país, já que o segundo expressou admitir a assimilação. Como assinalado por Marcos Chor Maio,<sup>446</sup> Barroso idealizava o homem branco como modelo, tendo seu pensamento semelhanças com o nazifascismo no que se refere à ênfase em pressupostos biológicos. Na análise dos trechos de *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo* (1937) apontamos tais elementos antissemitas e as aproximações com o nazifascismo.

Barroso utilizou-se de expressões de cunho racista, que se repetem nas obras de autores apropriados e citados na feitura de seus textos, a partir de um ponto de vista particular. O livro *A invasão dos Judeus*, do escritor português Mário Saa, citado por Barroso, consolida elementos do antissemitismo moderno pelo conteúdo político ultranacionalista, anticomunista e antiliberal,. Também está presente o racialismo de Houston Stewart Chamberlain.

Acreditamos que o aspecto político do antissemitismo encontrava-se nesses autores mesclado ao racismo, ainda que seja possível separar essas dimensões, pois o primeiro caracteriza os judeus como agressores, usurpadores e responsáveis por uma variedade de problemas, enquanto o segundo enfatiza a questão da “raça inferior”. Nos textos de Gustavo Barroso acham-se trechos em que o autor tenta negar o racismo no Brasil, atribuindo-os aos judeus.

Em *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo* percebem-se mudanças no tratamento do tema da imigração pelo autor, após a filiação à AIB. Sobre isso, mostramos que o mito da “conspiração internacional” judaica circulou em inúmeras versões, desde o final do século XIX até a ascensão nazifascista, sendo mobilizado por grupos ultranacionalistas nos enfrentamentos contra o liberalismo e o comunismo.

A produção antissemita de Gustavo Barroso, nos anos de 1933 a 1937, inspirou-se nessas teorias conspiratórias, embora sua interpretação estivesse relacionada, também, com as

---

<sup>446</sup> MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 109.

disputas de seu tempo e lugar que conformaram um projeto nacionalista, com elementos de xenofobia e antissemitismo. Na síntese de Barroso, não era “por ódio, desdém ou desprezo que se deve fazer uma campanha sistemática contra a judiaria infiltrada por toda a parte e sim por instinto de conservação”<sup>447</sup> - ideia que apresenta forte relação com os nacionalismos associados aos movimentos fascistas, em que o outro torna-se “inimigo”. Os judeus, nos textos do integralista, representavam os males na modernidade.<sup>448</sup>

Por fim, enfatizamos que a abordagem do discurso de ódio contra os judeus, na produção de Gustavo Barroso, pode contribuir para movimentar análises e discussões relacionadas com textos de cunho político e racista, pautados pelo ódio às minorias, a partir da percepção da complexidade de aspectos do antissemitismo.

---

<sup>447</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. p. 75.

<sup>448</sup> Segundo Eric Hobsbawm, a participação dos judeus na vida pública e cultural da Europa ocidental e nas profissões livres e atividades comerciais, bem como seu caráter predominantemente urbano, eram elementos que preparavam sua assimilação pela sociedade burguesa. HOBBSAWM, Eric. *A Era das Revoluções, 1789-1848*. Trad. Maria Tereza Lopes Teixeira. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 217-219. Também Norman Cohn assinala que os judeus eram vistos como símbolo do mundo moderno, em razão de sua presença nas cidades, pela adesão às causas liberais e democráticas e por sua participação na indústria, no comércio e no jornalismo. COHN, Norman. *A conspiração mundial dos judeus: mito ou realidade? Análise dos Protocolos e outros documentos*. Trad. Leonidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: IBRASA, 1969. p. 27-28.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Gustavo Barroso. Biografia. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/gustavo-barroso/biografia>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. Trad. de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BABINSKI, Karla de Souza. *Representações de Ciência e Tecnologia em Gustavo Barroso (1909-1935): nacionalismo autoritário, eugenia e antissemitismo*. Dissertação de mestrado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

BAHIA, Joana D'Arc do Valle. Imigração judaica e ativismo político nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. In: PACELI, Ademir Paceli; VAINER, Carlos; POVOA NETO, Helion; SANTOS, Miriam Santos (org.). *A experiência migrante: deslocamentos e reconstruções*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. P. 162-182.

BENTHIEN, Rafael Faraco. *Interdisciplinaridade: latinistas, helenistas e sociólogos em revistas (França, 1898-1920)*. Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

BERTONHA, João Fábio e CALDEIRA NETO, Odilon. Fascismo e fascistas em comparação. Gustavo Barroso, Adrien Arcand e o antissemitismo no Brasil e no Canadá no entreguerras. *História e Perspectivas*. Uberlândia, v. 28, n. 53, p. 371-400, jan./jun. 2015. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/3278>>.

BERTONHA, João Fábio. Além das palavras e do discurso: questões metodológicas para o estudo do antissemitismo integralista. *Boletim do Tempo Presente*, n. 3, p. 1-18, 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/tempopresente>>. Acesso em 10 outubro 2022.

\_\_\_\_\_. *O integralismo e sua história: memórias, fontes e historiografia*. Salvador: Pontocom, 2016.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. Periódicos & Literatura. Personagens. Agripino Grieco. Texto de Maria do Sameiro Fanguero. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/agripino-grieco>>. Acesso em: 15 novembro 2022.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. Artigos. Hierarquia. Texto de Bruno Brasil, 2014. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/hierarquia/>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

BONFIM, Daniela Pereira. Familiares do Santo Ofício: cores, limpeza de sangue e hierarquias sociais (Bahia-1680-1750). *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal, 2013.

Disponível em:

<[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364680657\\_ARQUIVO\\_TextocompletoAnpuh2013.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364680657_ARQUIVO_TextocompletoAnpuh2013.pdf)>. Acesso em: 10 dezembro 2022.

CALAINHO, Daniela. *Em nome do Santo Ofício: familiares da Inquisição portuguesa no Brasil colonial*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1992.

CALDEIRA NETO, Odilon. Gustavo Barroso e o esquecimento: integralismo, antissemitismo e escrita de si. *Cadernos do Tempo Presente*. n. 14, p. 44-56, out./dez. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufs.br/tempo/article/view/2689>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no processo político brasileiro – O PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa*. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2005.

CAMPOS, Eduardo. *Gustavo Barroso - sol, mar e sertão*. Fortaleza: EUFC, 1988.

CARNEIRO, Cleverson Ribas. *Mendes Fradique e seu método confuso: sátira, boemia e reformismo conservador*. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2008.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. MAIO, Marcos Chor. Nem Rothschild, Nem Trotsky. O pensamento anti-semita de Gustavo Barroso [resenha]. *Revista História*. São Paulo, n. 129-131, p. 271-321, ago.-dez./1993, ago.-dez.1994.

\_\_\_\_\_. *O anti-semitismo na Era Vargas (1930-1945)*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2ª ed. São Paulo: Difel, 2002.

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, v. 11, n. 5, pp. 173-191, 1991.

\_\_\_\_\_. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. As práticas da escrita. In: *História da vida privada: Da Renascença ao Século das Luzes*. Organização Roger Chartier. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. *Os desafios da escrita*. Trad. Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Unesp Digital, 2017.

CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas LTDA., 1978.

COHN, Norman. *A conspiração mundial dos judeus: mito ou realidade? Análise dos Protocolos e outros documentos*. Trad. Leonidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: IBRASA, 1969.

- CORRÊA FILHO, Virgílio. João Lúcio de Azevedo. Historiador luso-brasileiro. *Revista de História*, v. 11, n. 24, p. 425-431, 1955. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/36483>>. Acesso em: 29 novembro 2022.
- COSTA, Luiz Mário Ferreira Costa. Maçonaria e Antimaçonaria: uma análise da História secreta do Brasil de Gustavo Barroso [Entrevista]. *Revista de Estudos Históricos de La Masoneria*. Costa Rica, v. 5, n. 1, p. 2020-208, mayo-noviembre 2013.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil: simbolismo, impressionismo, transição*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Sul Americana S.A., 1969. v. IV.
- CYTRYNOWICZ, Roney, e CALDEIRA, João Ricardo de Castro. Integralismo e política regional: a ação integralista no Maranhão (1933-1937) [resenha]. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 21, n. 40, p. 277-286, 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbh/a/xBttYWMTGWkSswH44LxfHxk/?lang=pt>>. Acesso em: 14 maio 2021.
- CYTRYNOWICZ, Roney. *Integralismo e anti-semitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 30*. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo. São Paulo, 1992.
- DECOL, René Daniel. *Imigrações urbanas para o Brasil: o caso dos judeus*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 1999. p. 57. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280254>>. Acesso em: 26 julho 2018.
- DIETRICH, Ana Maria. Entre sigmas e suásticas: nazistas e integralistas no Sul do Brasil. In: SILVA, Giselda Brito (org.). *Estudos do integralismo no Brasil*. Recife: Ed. da UFRPE, 2007. p. 198-211.
- FALBEL, Nachman. *Judeus no Brasil: estudos e notas*. São Paulo: Humanitas; EDUSP, 2008.
- FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: EdUSP, 2001.
- FERNANDES, Lia Silvia Peres. Gustavo Barroso e seu tempo. *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, v. 35, p. 185-186, 2003.
- FIGUEIREDO, Tatiana Silva Poggi de. *Faces do extremo: uma análise do neofascismo nos Estados Unidos da América 1970-2010*. Curitiba: Prisma, 2015.
- GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*. O cultivo do ódio. Trad. Sergio Goes de Paula e Viviane de Lamare de Noronha. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GHERMAN, Michel. *O início do Sionismo no Brasil: ambiguidades da História*. São Paulo: Ed. UNIFESP, 2021.
- GINZBURG, Carlo. Representar o inimigo – sobre a pré-história francesa dos Protocolos. In: *O fio e os rastros*. Verdadeiro, falso, fictício. Trad. de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 189-209.



GONÇALVES, Leandro Pereira e CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2020.

GONÇALVES, Leandro Pereira. *Entre o Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português*. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2012.

GONÇALVES, Leandro Pereira. O integralismo de Plínio Salgado e a busca de uma proposta corporativista para o Brasil. In: PINTO, António da Costa e MARTINHO, Francisco Palomanes (org.). *A vaga corporativa: corporativismo e ditaduras na Europa e na América Latina*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2016. p. 255-283.

GONTIJO, Rebeca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVÊA, Maria de Fátima S. (org.). *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. p. 259-285.

GROSSI, Yonne de Souza e FARIA, Maria Auxiliadora. Em Belo Horizonte operários vestem camisas verdes? *Cadernos DCP; revista do Departamento de História*, n. 8; n. 10 [número conjunto] - 100 anos de República, p. 151-170, 1990.

GRIECO, Agripino. Alguns livros de 1936. *Anuario Brasileiro de Literatura*. Rio de Janeiro, v. 1, p. 11-14, 1937.

HERZL, Theodor. *O Estado Judeu*. Trad. José Cláudio Awning. Criciúma: Awning, 2021.

HOBBSAWM, Eric. *A Era das Revoluções, 1789-1848*. Trad. Maria Tereza Lopes Teixeira. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840-2011*. Trad. Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. *Tempos Fraturados: cultura e sociedade no século XX*. Trad. Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras. 2013.

LAFER, Celso. Prefácio. In: KOIFMAN, Fábio. *Imigrante ideal: o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p. 11-23.

LEAL, Carine de Souza. *Imprensa integralista (1932-1937): propaganda ideológica e imprensa partidária de um movimento fascista no Brasil nos anos de 1930*. Monografia de conclusão de graduação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

LIMA, Guilherme Cunha e MARIZ, Ana Sofia. Uma nova abordagem para o design do livro brasileiro: a experiência da editora Civilização Brasileira. 1950-1960. *Proceedings of the I International Conference of Information Design*. Recife: SBDI, 2003. Disponível em: <[https://www.academia.edu/3592515/Uma\\_nova\\_abordagem\\_para\\_o\\_design\\_do\\_livro\\_brasileiro\\_a\\_experi%C3%Aancia\\_da\\_editora\\_Civiliza%C3%A7%C3%A3o\\_Brasileira\\_1950\\_1960](https://www.academia.edu/3592515/Uma_nova_abordagem_para_o_design_do_livro_brasileiro_a_experi%C3%Aancia_da_editora_Civiliza%C3%A7%C3%A3o_Brasileira_1950_1960)>. Acesso em: 10 outubro 2020.

MAIO, Marcos Chor e CYTRYNOWICZ, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v. 2, p. 39-61.

MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

\_\_\_\_\_. O pensamento anti-semita moderno no Brasil: o caso Gustavo Barroso. *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, v. 35, p. 227-248, 2003.

\_\_\_\_\_. Qual anti-semitismo? Relativizando a questão judaica dos anos 30. In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999. p. 229-256.

MANN, Michael, *Fascistas*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MANN, Michael. *Fascists*. New York: Cambridge University Press, 2004.

MATOS, Maria Izilda Santos de e GONÇALVES, Leandro Pereira. O ESTRANGEIRO na obra de Plínio Salgado: matrizes, representações, apropriações e proposta. *Patrimônio e Memória*. São Paulo, v. 10, n. 1, p. 157-182, jan.-jun. 2014. Disponível em: <<https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/423>>. Acesso em: 10 dezembro 2022.

MORAES, Kleiton de Sousa. Roger Chartier. O que é um autor? Revisão de uma genealogia [resenha]. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 33, n. 65, p. 447-451, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbh/a/8QM7JdSwwKPrHpMVsbZFxML/?lang=pt#>>. Acesso em: 20 outubro 2022.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo. *Fundação Atila Paiva: Liga Brasileira contra a Tuberculose, um século de luta*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2002.

NOVINSKY, Anita et al. *Os judeus que construíram o Brasil: fontes inéditas para uma nova visão da história*. São Paulo: Planeta, 2015.

OLIVEIRA, Ângela Meirelles de. Repercussões do Congresso de Escritores pela Defesa da Cultura de Paris (1935) no Cone Sul: luta antifascista e debates culturais. *Dimensões*, n. 35, p. 270-294, jul./dez. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/index.php/dimensoes/article/view/12500>>. Acesso em: 10 janeiro 2022.

OLIVEIRA, Jhallesson K. Belisário Penna: educação higiênica, eugenia e a formação da consciência sanitária nacional (1916-1932). *Faces da História*. Assis, São Paulo, v. 7. n.2, p. 295-317, jul./dez. 2020. Disponível em:

<<https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/1704>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

OLIVEIRA, Rodrigo dos Santos. A imprensa da Ação integralista em perspectiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira e SIMÕES, Renata Duarte (org.). *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. 2ª. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. v. 1. p. 27-56.

ORTONA, Sandro. Anti-semitismo [verbetes]. BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco (org.). *Dicionário de Política*. Trad. Carmen C. Varriale, Gaetano Lo Mônaco, João Ferreira, Luís Guerreiro Pinto Cascais, Renzo Dini. Brasília: Ed. UNB, 1998. p. 39-45.

PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos de 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v. 2, p. 13-37.

PAXTON, Robert. *Anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PEREIRA, Elisabete J. Santos. *Mário Saa (1893-1971): um intelectual português na sociedade do Século XX*. Dissertação de mestrado - Universidade de Évora. Évora, Portugal, 2010.

RAMOS, Alexandre Pinheiro. “Sociologia ou imaginação”: aspectos da recepção do livro de Plínio Salgado. *Revista de Ciências Sociais*. Fortaleza, v. 45, n.2, p. 125-153, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/2505>>. Acesso em: 10 dezembro 2022.

RAMOS, Alexandre Pinheiro. *Intelectuais, carisma e Ação Integralista Brasileira*. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

\_\_\_\_\_. Intelectuais, livros e política: Schmidt Editor e José Olympio Editora na divulgação do Integralismo. *Topoi*. Rio de Janeiro, v. 16, n. 31, p. 641-666, jul. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/topoi/a/FNtQzY6DFpwd5mh9X8WqTWD>>. Acesso em: 15 abril 2021.

\_\_\_\_\_. O Integralismo como movimento intelectual ou de intelectuais: uma abordagem sociológica da intelectualidade integralista. *III Simpósio de Pós-Graduandos em Sociologia. USP, UNESP, UNICAMP, UFSCar, UFRJ, UFPR*, 2010. Disponível em: <[https://www.academia.edu/12567198/O\\_Integralismo\\_como\\_movimento\\_intelectual\\_ou\\_de\\_intelectuais\\_uma\\_abordagem\\_sociol%C3%B3gica\\_da\\_intelectualidade\\_integralista](https://www.academia.edu/12567198/O_Integralismo_como_movimento_intelectual_ou_de_intelectuais_uma_abordagem_sociol%C3%B3gica_da_intelectualidade_integralista)>. Acesso em: 10 dezembro 2022.

RAMOS, Vinícius. *As folhas dos jornais eram verdes? A Ação Integralista Brasileira nas páginas de O Jornal e Correio da Manhã (1932-1938)*. Dissertação de Mestrado - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo, 2016.

- REHEM, David Costa. O antissemitismo na imprensa baiana e a contribuição integralista. In: GONÇALVES, Leandro Pereira e SIMÕES, Renata Duarte (org.). *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. 2ª. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. v. 2, p. 295-312.
- RICHARD, Lionel. *A República de Weimar (1919-1933)*. A vida cotidiana. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- RIOS, Maria Zilma. *Sanatório Getúlio Vargas: medicina e relações sociais no combate da tuberculose no Espírito Santo (1942-1967)*. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2009.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *Retorno à questão judaica*. Trad. Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- SERRATTO, Edgar Bruno Franke. Integralismo e Historiografia. In: SILVA, Giselda Brito (org.). *Estudos sobre o integralismo no Brasil*. Recife: UFRPE, 2007. p. 47-63.
- SILVA, Carla Luciana e CALIL, Gilberto Grassi. *Velhos integralistas: a memória de militantes do Sigma*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- SIMÕES, Renata Duarte. A educação do corpo no jornal *A Offensiva* (1932 – 1938). Tese de doutorado – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.
- SIMÕES, Renata Duarte. Imprensa oficial integralista: usos e ciclo de vida do jornal *A Offensiva*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira e SIMÕES, Renata Duarte (org.). *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. 2ª. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. v. 1. p. 57-98.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996. p. 231-269.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SORJ, Bernardo. *Judaísmo para todos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- SOUZA, Felipe Marcel Brito de. *Eugenia negativa no Brasil: Renato Kehl e suas lições de eugenia*. Monografia - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013.
- SOUZA, Grayce Mayre Bonfim. *Uma trajetória racista: o ideal de pureza de sangue na sociedade ibérica e na América Portuguesa*. *Politeia: Hist. e Soc.* Vitória da Conquista, v. 8, n.1, p. 83-103, 2008.
- STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo: a política do “Nós” e “Eles”*. Trad. Bruno Alexander. Porto Alegre: L & PM, 2018.
- TELES, Gilberto Mendonça. A vanguarda latino-americana dos anos 1930. In: MURARI, Luciana, MAIA, Tatyana de Amaral e RUGGIERO, Antonio de (org.). *Do Estado à nação: política e cultura nos regimes ditatoriais dos anos 1930*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. p. 49-70.

*THE JUBILEE of The First Zionist Congress. 1897-1947.* Jerusalém: The Executive of Zionist Organization, 1947. Disponível em: <<https://ufdc.ufl.edu/UF00072101/00001/images/4>>. Acesso em: 14 fevereiro 2023.

THIELEN, Eduardo Vilela e SANTOS, Ricardo Augusto dos. Belisário Penna: notas fotobiográficas. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. v. 9, n. 2, P. 387-404, maio 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-59702002000200008>>. Acesso em: 16 outubro 2022.

TRINDADE, Hélió. *A tentação fascista no Brasil*. Imaginário de dirigentes e militantes. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2016.

\_\_\_\_\_. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo; Porto Alegre: DIFEL; UFRGS, 1974.

*UNITED STATES HOLOCAUST Memorial Museum*. Disponível em: <<https://www.ushmm.org>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *Ideologia curupira: análise do discurso integralista*. 2ª ed. São Paulo: EDIPUCRS, 2017.

VIEIRA, Newton Colombo de Deus. *Além de Gustavo Barroso: o antissemitismo na Ação Integralista Brasileira (1932-1937)*. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em História das Sociedades Ibéricas e Americanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

WASSERMAN, Cláudia. História intelectual: origens e abordagens. *Tempos Históricos*, v. 19, n. 1, p.63-79, 2015. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/12762>>. Acesso em: 10 dezembro 2022.

WEBER, Max . *Economia e Sociedade*. Brasília: Ed. UnB, 1991. 2ª parte.

WIEVIORKA, Michel. *El racismo: una introducción*. La Paz: Plural, 2002.

ZANOTTO, Gizele. História dos intelectuais e história intelectual: contribuições da historiografia francesa. *Biblos*. Rio Grande, v. 22, n. 1, 2008, p. 31-45. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/854>>. Acesso em: 10 dezembro 2022.

## **FONTES PRIMÁRIAS**

### **LIVROS**

BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

BARROSO, Gustavo. *O Integralismo em Marcha*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

BARROSO, Gustavo. *Reflexões de um bode*. Rio de Janeiro: Gráfica Educadora Ltda., 1937.

D' AZEVEDO, João Lúcio. *História dos Christãos Novos Portugueses*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1922.

FORD, Henry. *O judeu internacional*. 1ª reed. Porto Alegre: Ed. Revisão LTDA., 1989.

HITLER, Adolf. *Minha luta*. s.n.t. [1925]. p. 56. Edição disponível em: <<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=dGFyZGluLm5ldHxmaXNpY2F8Z3g6MWE1MTdkOTNlZjcxMTVzMw>>. Acesso em: 10 janeiro 2023.

*OS PROTOCOLOS dos Sábios de Sião*. Trad. Gustavo Barroso. São Paulo: Editora Minerva, 1936.

SAA, Mário. *A invasão dos judeus*. Lisboa: Imprensa Libânio da Silva, 1925.

SALGADO, Plínio. *O Estrangeiro*. São Paulo: Panorama, 1948.

SALGADO, Plínio. *O que é o integralismo*. São Paulo: Editora das Américas. São Paulo, 1937. Disponível em: <[https:// www.integralismorio.org/](https://www.integralismorio.org/)>.

SAYCE, Archibald Henry. *The Races of the Old Testament*. London: The Religious Tract Society, 1891.

## **ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

ACÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Protocollos e Rituais*. Regulamentos publicados pelo *Monitor Integralista*. n. 8. Edição do Núcleo Municipal de Niterói. Niterói, 1937.

AIRES, Padre Leopoldo. *Porque me fiz integralista: uma explicação a província de São Paulo e um apello a mocidade paulista*. Rio de Janeiro, 1937.

BARROSO, Gustavo. *Breviário do Camisas-Verdes*. Acção Integralista Brasileira. Secretaria Nacional de Finanças. Petrópolis, 15 de novembro de 1937.

BARROSO, Gustavo. *Coração de menino*. Ceará: Ed. UFC, 2000.

*JUNTA EXECUTIVA DO EMPRÉSTIMO DO SIGMA*. Rio de Janeiro: Casa Gomes, 1937.

*MONITOR integralista*. Niterói, v. 5, n. 18, 7 de outubro de 1937.

SALGADO, Plínio. Código de Ethica do Jornalista. *Congresso Nacional de Imprensa Integralista*. Belo Horizonte, 1936.

SECRETARIA NACIONAL DE PROPAGANDA. *IV Aniversário da Acção Integralista Brasileira*. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1937.

**BIBLIOTECA MUNICIPAL FERNANDO PITEIRA SANTOS**

ÁGUAS, Neves. *Bibliografia de Jaime Cortesão: contribuição para um inventário completo*. Lisboa, 1962.

**BIBLIOTECA NACIONAL - HEMEROTECA DIGITAL**

*Anuario Brasileiro de Literatura*. Rio de Janeiro, v. 1, 1937.

*A Offensiva*. Rio de Janeiro, 14 de julho de 1936.

*A Offensiva*. Rio de Janeiro, 6 de setembro de 1936.

*A Offensiva*. Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1936.

*A Offensiva*. Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1936.

*A Offensiva*. Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1936.

*A Offensiva*. Rio de Janeiro, 7 de julho de 1937.

*Fon-Fon*. Rio de Janeiro, 23 de março de 1929.

*Hierarchia*. Rio de Janeiro, v.1, n. 1, agosto de 1931.

*Hierarchia*. Rio de Janeiro, v.1, n. 2, outubro de 1931.

*Hierarchia*. Rio de Janeiro, v.1, n. 5, março-abril de 1932.

**INTERNET ARCHIVE**

*MANIFESTO 7 de Outubro de 1932*. Acção Integralista Brasileira [1932]. Disponível em: <<https://archive.org/details/ManifestoDe7DeOutubroDe1932/mode/2up>>. Acesso em: 10 janeiro 2022.

MELLO, Olbiano de. *Republica Syndicalista dos Estados Unidos do Brasil*. 3ª ed. ampliada. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco, 1937. Disponível em: <<https://archive.org/details/republicasyndicalistados Estados Unidos do Brasil/olbiano de mello/mode/2up>>. Acesso em: 10 janeiro 2022.

MELLO. Olbiano de. *Themas Contemporaneos. Comunismo ou Fascismo?* 2ª ed. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1937. p. 140-141. Disponível em: <<https://archive.org/details/communismooufascismo/olbiano de mello/page/n139/mode/2up>>. Acesso em: 10 janeiro 2022.

**LIBRARY OF CONGRESS**

“Letter of Resignation of James G. McDonald, High Commissioner for Refugees (Jewish and Other) Coming from Germany”. London: Headley Brothers, 1935-12-27. Disponível em: Library of Congress. Book/Printed Material.

<<https://www.wdl.org/pt/item/11604/view/1/1/#q=hitler>>. Acesso em: 20 dezembro 2019.

**MUSEU HISTÓRICO NACIONAL - HEMEROTECA GUSTAVO BARROSO**

*A Gazeta*. São Paulo, 18 de julho de 1959.

*Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, v. 1, 1940.

*A Notícia*. Rio de Janeiro, 19 e 20 de setembro de 1916.

*A Offensiva*. Rio de Janeiro, 19 de julho de 1934.

*A Offensiva*. Rio de Janeiro, 24 de maio de 1934.

*A Offensiva*. Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1934.

*A Plebe*. São Paulo, 2 de dezembro de 1934.

*A Razão*. Ceará, 13 de agosto de 1937.

*A Revolução*. Porto Alegre, 1º de agosto de 1936.

*A Rua*. Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1916.

*A Rua*. Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1916.

*A União*, junho de 1937.

*Correio do Ceará*. Fortaleza, 21 de julho de 1937.

*Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 27 de março de 1937.

*Diário Oficial*. Rio de Janeiro, 21 de Setembro de 1916.

*Fon-Fon*. Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1923.

*Fon-Fon*. Rio de Janeiro, 1º de outubro de 1921.

*Fon-Fon*. Rio de Janeiro, 9 de junho de 1923.

*Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1916.

*Guanabara*. 25 de junho de 1937.

*O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 10 de agosto de 1937.



*O Globo*. Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1937.

*O Malho*. Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1916.

*O Mensageiro*. Garanhuns, Pernambuco, 15 de maio de 1937.

## **PLATAFORMA DE ESTUDOS DO PRIMEIRO MODERNISMO LITERÁRIO BRASILEIRO**

*Correio Paulistano*. São Paulo, 28 de junho de 1920.

*Correio Paulistano*. São Paulo, 20 de maio de 1926

*Correio Paulistano*. São Paulo, 25 de maio de 1926

*Revista do Brasil*. São Paulo, v. 18, n. 70, out. 1921.

## **OBRAS DE REFERÊNCIA**

ABREU, Alzira Alves de e CARNEIRO, Alan. Prestes, Luís Carlos [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC. Disponível em: <<https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/prestes-luis-carlos>>. Acesso em: 18 maio 2022.

CALICCHIO, Vera. Legião Revolucionária de São Paulo [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/legiao-revolucionaria-de-sao-paulo>>. Acesso em: 23 novembro 2021.

CALICCHIO, Vera. SCHMIDT, Augusto Frederico [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC. Disponível em: <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/schmidt-augusto-frederico>>. Acesso em: 4 agosto 2022.

COHN, Amélia. *Correio Paulistano* [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós- 1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-paulistano>> Acesso em: 3 agosto 2022.

COUTINHO, Amélia. VALVERDE, Belmiro [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC. Disponível em: <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/valverde-belmiro>> Acesso em: 18 maio 2022.

COUTINHO, Amélia. Gustavo Barroso [verbete]. In: *Dicionário Histórico-Biográfico da Primeira República*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC. Disponível em: <<https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/gustavo-dodt-barroso>>. Acesso em: 10 outubro 2022.

DANTAS, Carolina Vianna. Fon Fon [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico da Primeira República 1889-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FON%20FON.pdf>>. Acesso em: 3 agosto 2022.

FERREIRA, Marieta de Moraes. LIMA, Alceu Amoroso [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC Disponível em: <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/lima-alceu-amoroso>>. Acesso em: 18 maio 2022.

FREITAS, Madeira de [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-madeira-de-freitas>>. Acesso em: 23 novembro 2021.

KELLER, Vilma. DANTAS, San Tiago [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-clementino-de-san-tiago-dantas>>. Acesso em: 18 maio 2022.

KORNIS, Mônica. Centro Dom Vital [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC. Disponível em: <<https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-tematico/centro-dom-vital>>. Acesso em: 18 maio 2022.

LEAL, Carlos Eduardo. *A Offensiva* [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC. Disponível em: <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/ofensiva-a>>. Acesso em: 25 abril 2021.

MOREIRA, Maria Ester Lopes. *Diário da Noite* [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC. Disponível em: <<https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-da-noite>>. Acesso em: 23 novembro 2021.

PANTOJA, Silvia. FONTES, Lourival [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC. Disponível em: <<https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/fontes-lourival>>. Acesso em: 17 maio 2022.

PANTOJA, Silvia e LOURENÇO NETO, Sydenham. LIMA SOBRINHO, Barbosa [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC. Disponível em: <<https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/alexandre-jose-barbosa-lima-sobrinho>>. Acesso em: 17 maio 2022.

TRINDADE, Héliqio. Integralismo [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC. Disponível em: <<https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/integralismo>>. Acesso em: 18 maio 2022.

TRINDADE, Héliqio. Sociedade de Estudos Políticos (SEP) [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC. Disponível em: <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/sociedade-de-estudos-politicos-sep>>. Acesso em: 18 maio 2022.

VIANA, Helio [verbete]. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós-1930*. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC Disponível em: <<https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/viana-helio>>. Acesso em: 18 maio 2022.